

REVISTA DA SEMANA

N.º 46

Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

15-11-47





SEMANA DA ECONOMIA



FLAGRANTES da festa realizada no Instituto de Educação, como encerramento das comemorações da Semana da Economia, durante a qual foram entregues os prêmios da "Maratona Intelectual", promovida pela Caixa Econômica do Rio de Janeiro entre os alunos dos colégios secundários.

★

1 O Dr. Ariosto Pinto, presidente da Caixa Econômica, entrega ao diretor do Instituto de Educação, prof. Djalma Regis Bittencourt uma artística taça de prata, prêmio pela atuação das alunas daquele modelar estabelecimento no "Programa dos Novos", hora radiônica organizada semanalmente pela Caixa Econômica com a colaboração dos alunos dos cursos intermediários.

★

2 A jovem Miriam Consuelo Lima Grillo, do Instituto La-Fayette, agradece em nome dos alunos premiados, a realização da "Maratona Intelectual", salientando os benéficos resultados da campanha de estímulo à previdência realizada pela Caixa Econômica nos meios estudantis. Vê-se, ao fundo, a mesa que presidiu a cerimônia, da qual participaram diversas autoridades do ensino municipal e federal, diretores de colégios, professores e membros do Conselho Administrativo da Caixa Econômica.

★

3 Aspecto geral da Assidência que lotou inteiramente o amplo auditório do Instituto de Educação.





TREZE localidades peruanas foram destruídas por terremotos e enchentes, numa das maiores catástrofes que já ocorreram na terra dos Incas. Dezenas de mortes ocorreram em consequência da catástrofe, ficando centenas de casas destruídas e milhares de pessoas ao desabrigo. Tomou posse do cargo o novo ministro da Justiça, sr. Adroaldo de Mesquita Costa, sucessor do sr. Benedito Costa Neto, o ministro que deve ter dado muitas dores de cabeça ao general Eurico Gaspar Dutra, com sua única e permanente preocupação de manobrar a sucessão presidencial para o sr. Nereu Ramos e a sucessão de São Paulo para o sr. Ciriilo Junior... Domingo, realizaram-se as eleições para vice-governador em São Paulo. Eram três os candidatos: Novelli Junior, apoiado pelos srs. Adhemar de Barros, Hugo Borghi e uma ala do PSD; Ciriilo Junior, apoiado pelo sr. Getúlio Vargas e pelo sr. Luiz Carlos Prestes, bem como por uma parte considerável do PSD; e o sr. Plínio Barreto, deputado federal e professor de Direito, apoiado pela UDN, a única organização que não entrou em conchavos fôse com quem fosse. Até encerrarmos esta edição, não havia ainda resultados que indicassem qual o vencedor. Entretanto, a título de curiosidade, vai aqui transcrita uma notícia de um jornal de São Paulo, que trata o embate partidário em tom de grande páreo, da crônica sobre corrida de cavalos. O jornal é o "Diário da Noite", e, colocando os candidatos a governador num quadro turfístico, assim define as cotizações: Novelli, 20; Ciriilo 30; Plínio Barreto, 666. A nota, que fez rir toda São Paulo, assim discrimina tratadores, jockeys e studeis: Novelli, proprietário Stud Catete, cor da farda verde e alamares de ouro, jockey, Hugo Borghi, tratador, Ademar de Barros e diz que é o favorito, podendo ganhar de ponta a ponta; Ciriilo Jr. é dado como propriedade do Haras S. Borja, com a farda cor roxa, foice e martelo vermelho e boné vermelho, montado por Getúlio Vargas, tendo como tratador Luís Carlos Prestes; Plínio Barreto, diz o vespertino, é de propriedade de Waldemar Ferreira, com a farda amarela com friso preto, montado por Julio Mesquita e tratado por Mario Luz. Reproduziremos, agora, o comentário do "esporte": "Novelli que vem trabalhando há tempo para este importante compromisso, é o favorito dos entendidos. Além de pertencer a uma coudelarias de muita sorte, tem a vantagem de ser ainda novo. Seu principal adversário e Ciriilo, um concorrente de altos e baixos, que tem atuado com muita frequência no turf nacional, em páreos de handicap. A maior chance de Ciriilo reside no jockey que foi campeão da estatística durante 15 anos consecutivos. Seu tratador, porém, não inspira confiança, sendo useiro e vezeiro em ministrar "doppings" e fazer páreos no mole, motivo pelo qual a Comissão de Corridas pensa em cassar-lhe a matrícula. A dupla Novelli-Ciriilo é autêntica barbada. O grande azar é Plínio cujo "estado", no momento, deixa muito a desejar. Pode "mancar". Aí está a nota do "Diário da Noite", de São Paulo. Se vocês não acharem engraçada a culpa não é nossa... Pelo resultado das eleições municipais de Pernambuco, até agora divulgado, vê-se que o PTB está se dissolvendo naquele Estado, onde suas votações são insignificantes em face dos demais partidos. Que diabo! Onde está o prestígio de Don Getúlio I e Único nos domínios do Leão do Norte? Em Alagoas, o Tribunal de Justiça do Estado concedeu "habeas-corpus" aos deputados comunistas que o governador Silvestre Pericles de Góes Monteiro prendera ilegalmente e igualmente concedeu mandado de segurança ao jornal "A Voz do Povo", que havia sido suspenso. O governador Silvestre Pericles vai se desagrar, escrevendo mais um soneto... O prefeito Angelo Mendes de Moraes vetou, por absurdo, um projeto que mandava dar terras, ferramentas agrícolas e subvenções, assim como casas, aos "ex-combatentes", — e isto porque o projeto não fora redigido com o senso da realidade e das possibilidades atuais, mas com simples intuitos demagógicos. Basta dizer-se, como acentuou o prefeito, que o número dos beneficiários é um nunca acabar, pois, pela enumeração se verifica que a lista sobe a algumas dezenas de milhares; os oficiais e soldados que participaram das forças expedicionárias; os oficiais e soldados da aeronáutica que hajam feito a guerra ou os patrulhamentos, assim como os nossos marinheiros e oficiais da Marinha; também todos os tripulantes de quaisquer navios ou embarcações mercantes que tenham navegado nos mares perigosos, e ainda todos os militares que, entre os anos de 1942 e 1946, estiveram prestando serviços remunerados com o acréscimo de um "terço de campanha". Fala-se novamente em recomposição política. Conferenciaram Mangabeira e Dutra, Mangabeira e Góes, Góes e Dutra, Dutra e Milton Campos, etc., etc. Sairam manchetes sobre a renúncia coletiva do Ministério, "para facilitar a tarefa", do presidente. Mas até o momento de encerrarmos esta edição, estava tudo como dantes, no quartel general de Abrantes. Por via das dúvidas, o governador do Paraná, sr. Moysés Lupion, veio de Curitiba hipotecar solidariedade ao presidente Dutra. Depois de empossado na pasta da Justiça, o sr. Adroaldo de Mesquita Costa fez uma declaração tranquilizadora, que é a seguinte: "Representarei sempre o governo do general Dutra, que quer viver na legalidade. O que tem havido é muita intriga, no sentido de envenenar a opinião pública, a respeito das intenções do governo.". No cenário artístico, tivemos vários acontecimentos interessantes. Enquanto naufraga a chanchada néscia e indecorosa, tipo "Escandalosa", ato de infelicidade da senhora Alda Garrido, triunfa o bom teatro. Depois da apresentação, no Felix, de "O amor que não morreu", pelos "Artistas do Povo" (vide reportagem neste número), tivemos duas belas estréias, — as de Dulcina, no reportagem neste número), tivemos duas belas estréias, — as de Dulcina, no Municipal, em "Já é manhã no mar", de Maria Jacintha, e de Bibi Ferreira, com Procópio e Alma Flora, em "Divórcio", de Clemence Dana, no Serrador. Duas grandes estréias. Mais duas peças que, com "O amor que não morreu", vão disputar as atenções do público. E, por hoje, é só. Até a semana vindoura!

Os Sofrimentos das Mulheres

Os médicos sabem as graves consequências que podem ter certos sofrimentos das mulheres, causados pelas congestões e inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.



Esses sofrimentos as vezes são tão penosos que muitas mulheres receiam perder o domínio de seus nervos!

A vida assim é um martírio!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelos sofrimentos do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelo mau funcionamento do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de disposição para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar **Regulador Gesteira**

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DOS SEUS LEITORES

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

- 1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade
- 2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos
- 3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem
- 4 — O conto submetido a este concurso deve ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas
- 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA"
- 6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse numérico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias de estilo, originalidade etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE Lentes
DE AVANÇADA
CEITAS MÉDICAS
COM EXATIDÃO

Loalheria

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS
R. CARIOCA N.º 28

DE OURO

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO



Em cima: aspecto da eleição do terceiro membro da Comissão Organizadora do Salão Nacional de Belas Artes para 1947. Depois do curto período de dez anos de ditadura, o presidente do Museu de Belas Artes foi afastado da direção desse certame. Muito lutaram os pintores da Divisão Geral e da Divisão Moderna para a substituição do "regulamento-Oswaldo Teixeira", pelo atual, que vigorará para o Salão a se inaugurar no dia 29. A vitória, embora incompleta, foi extraordinária, em confronto com o absurdo das portarias que vigoraram durante quase dez anos, e que manietaram durante tanto tempo o progresso das artes plásticas no Brasil. Com a nomeação do doutor Rodrigo de Melo Franco para presidente do Salão e com a eleição de artistas para a Comissão Organizadoras e Juris, democratizou-se, afinal, o Salão de Belas Artes.

DEMOCRACIA NO SALÃO DE BELAS ARTES!

DERRUBADA A DITADURA FASCISTA DO PINTOR OSWALDO TEIXEIRA — O SENHOR RODRIGO MELO FRANCO, DIRETOR DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO, PRESIDE O CERTAME A SER INAUGURADO A 29 DO CORRENTE — ENTUSIASMO INCOMUM NOS MEIOS ARTÍSTICOS — "MODERNOS" E "GERAIS" IRMANADOS NA DEFESA DOS SEUS DIREITOS — MANIFESTAÇÕES DE SIMPATIA À "REVISTA DA SEMANA"

Reportagem de NEY MACHADO



Fotos de ARNALDO VIEIRA



Neste momento, dois mil artistas nacionais estão pagando as promessas que fizeram. O milagre foi o seguinte: salu da direção do Salão Nacional de Belas Artes, o pintor Oswaldo Teixeira. Por sua causa não se realizou a exposição de Belas Artes, no ano passado, fato que nunca ocorrera antes, desde o primeiro Salão, isto, há, mais ou menos, cinquenta anos. Esse diretor não se compenetrara de que a ditadura tinha sido derrubada aqui no Brasil em 29 de Outubro de 1945 e, por isso, queria fazer vigorar para a realização do Salão de 1946 um regulamento leonino. Os artistas plásticos protestaram e iniciaram a luta para depor da presidência perpétua do Salão o "ditador". Este ano, conquistada a vitória, o contentamento foi geral e justo.

A VITÓRIA DOS "MAQUIS"

Calu o regulamento Oswaldo Teixeira. O ministro da Educação elaborou um regulamento que atende, em grande parte, às aspirações da maioria dos artistas. E fez o principal. Nomeou para presidente do Salão o diretor do Patrimônio Histórico e Artístico, sr. Rodrigo de Melo Franco. Acabou com a perpetuidade dessa presidência, que ficara sempre em mãos do diretor do Museu de Belas Artes.

Para a Comissão Organizadora do certame e para os juris, há membros eleitos democraticamente pelos próprios artistas. O salão caminha a passos largos para a organização democrática. O que ainda não conseguiram este ano, ficará para o próximo Salão, pois já existe na Câmara Federal um projeto

Votação democrática para a organização do Salão de Belas Artes, coisa que não se via há muito tempo nesse certame, mercê das tendências "controladoras" do diretor que até 1945 "protegeu" todas as exposições. Na foto aparece o pintor Henrique Salvio, presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes, depositando o seu voto na urna.

para regulamentar essa exposição anual. Com a aprovação desse projeto, para cu'ia redação concorreram todos os artistas plásticos nacionais, ficará resolvida definitivamente sua organização.

MANIFESTAÇÕES DE APREÇO "REVISTA DA SEMANA"

Esta é a terceira reportagem que a "REVISTA DA SEMANA" realiza em defesa dos interesses dos artistas, desde que foi suspensa a realização do Salão de 1946. Ouvimos pintores, escultores, homens de arte, críticos e fizemos desta "REVISTA" a tribuna pela qual eles esclareceram ao público o regime de opressão que vinha sofrendo o meio artístico. Quando comparecemos na semana passada, a uma das salas do Museu de Belas Artes, onde se realizou a eleição de um dos membros para a Comissão Organizadora, o pintor e professor Quirino Campofiorito lembrou:

— Nós devemos à "REVISTA DA SEMANA" grande parte da vitória alcançada. A sua última reportagem "Será preciso um outro 29 de Outubro para as artes plásticas no Brasil?" teve extraordinária repercussão.

Quirino Campofiorito estava justamente jubiloso. Foi dos que mais lutaram, através da imprensa e das reuniões da classe. O pintor modernista E. P. Sigaud, foi também um dos "maquis" que resistiram bravamente à opressão "teixeireana". Medalha de prata em salões passados, Sigaud concorreu este ano aos Prêmios de viagem com três telas de grande expressão, "O transporte", decoração mural medindo três metros por dois, "O bate-estacas" e "A cidade", sendo que os dois últimos quadros ele os prepara para o Salão do ano passado. Sigaud fez também questão de frisar a ajuda que a "REVISTA DA SEMANA", deu ao movimento libertador e nos disse:

— Entre os que devem merecer a nossa gratidão, está a sua REVISTA. Não nos esqueceremos. A Divisão Moderna, está satisfeita com a nomeação de Rodrigo de Melo Franco para presidente do Salão. Teremos, afinal, uma exposição realizada decentemente.

O GOVERNO DEVE SE LIMITAR A ASSUNTOS BUROCRÁTICOS

Manoel Faria, nome conhecido nas artes plásticas, prêmio de viagem à Europa em 1934, fala com entusiasmo sobre o Salão. Vai apresentar, como "hors concours", três telas sobre assuntos do rio Piabanha. Durante a conversa referiu-se à ausência do Salão de 46, fato que ficou em nossa história de arte como um verdadeiro crime provocado pelo egoísmo de um homem contra a coletividade:

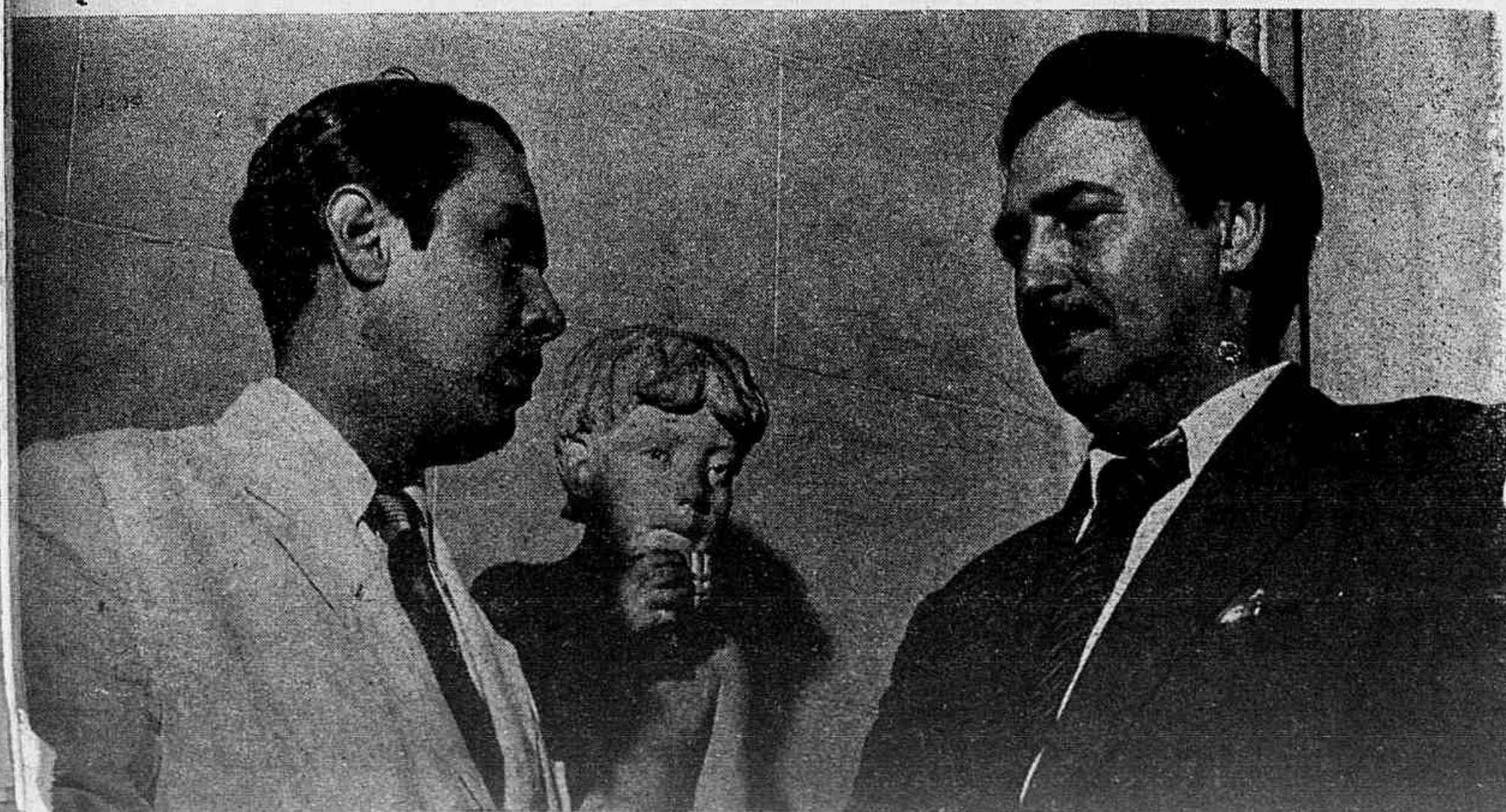
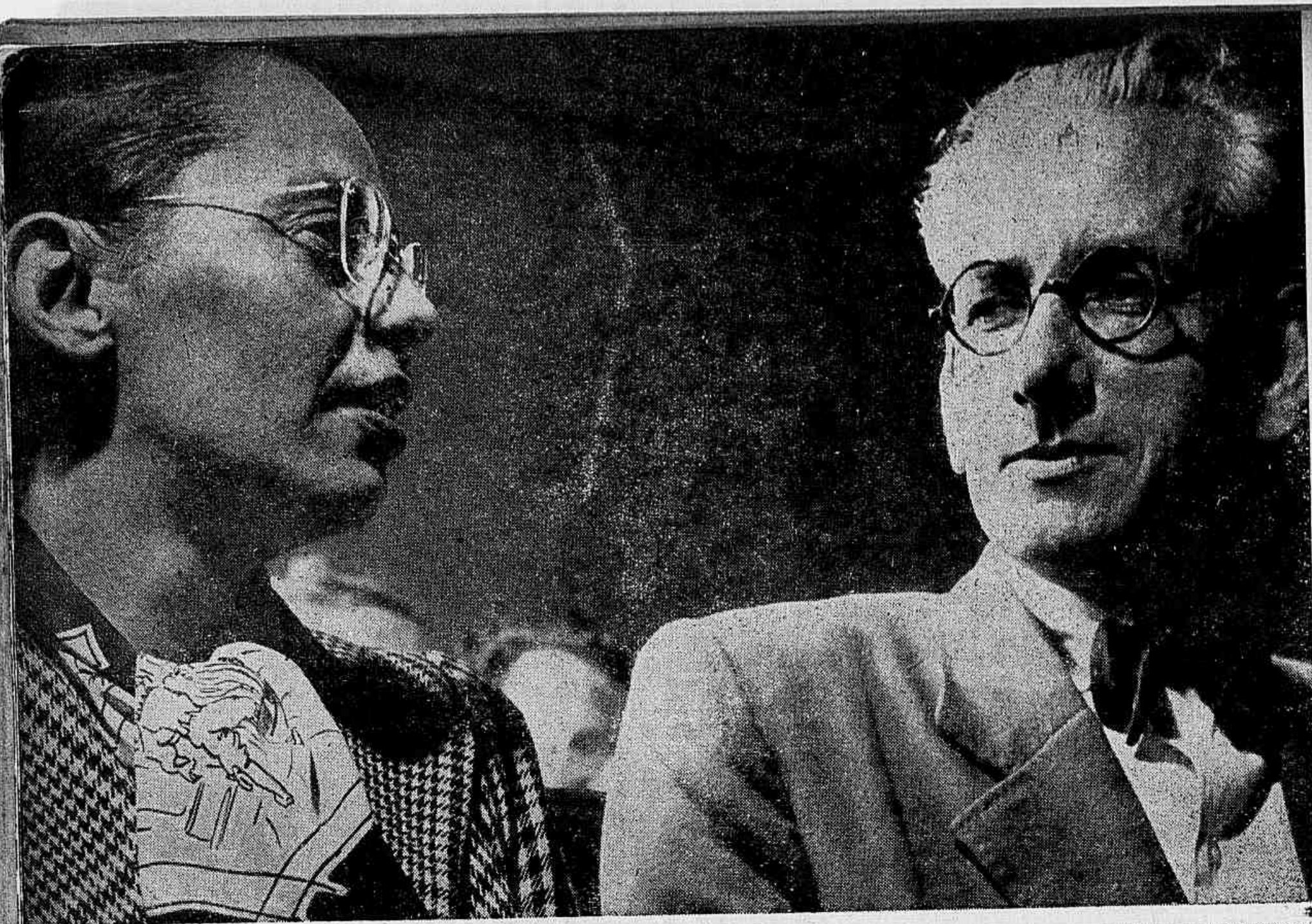
— A política que nos envolveu — diz-nos Manoel Maria — e a formação de grupos de artistas com interesse extra-arte foram as causas da sua não realização. Quem perdeu com isso foram os concorrentes, os menos responsáveis, afinal, por aquele estado de coisas. No regulamento que vigora para o Salão deste ano, existem, a meu ver, duas grandes falhas. Contudo, já se democratizou bastante com a substituição do presidente, que passou a ser, como sabe, o diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico.

— Quais as duas falhas? — perguntamos.

— Primeiro o número limitado de medalhas de prata a distribuir que ficou limitado a três, apenas.

Em cima: A pintora Gilda Gelmini, concorrente deste ano, declarou: — "Acho que o afastamento do senhor Oswaldo Teixeira foi acertado. Ele sempre teve ojeriza aos modernos". Ao centro: a pintora francesa France Dupaty, que vai expor pela primeira vez no Salão. Em baixo: a escultora Sônia Regina, termina a cabeça com que irá concorrer na Divisão de Escultura. Serve-lhe de modelo a senhorita Edith Côrtes.





— Concorrem a essa medalha pelo menos quarenta pintores, que lá obtiveram no último salão a medalha de bronze. O júri vai ficar desorientado para premiar apenas três, quando — na pintura, pelo menos — mais de dez terão direito a essa láurea. E você sabe que sem a medalha de prata o concorrente não fica colocado para os prêmios maiores, em futuros salões, como os de Viagem ao país e ao estrangeiro? Com a atual situação a medalha de bronze poderá ficar na fila durante dez anos para conseguir a medalha de prata. Isto é um absurdo!

— E quanto à segunda falha?

— É a questão da eleição dos membros do júri. Pelo regulamento atual elaborado pelo ministro da Educação, o governo designa dois dos três membros da Comissão Organizadora. Concordo. O governo poderia mesmo eleger os três para essa função burocrática. Acontece, porém, que a Comissão Organizadora ficou incumbida de nomear dois dos três membros dos júris, ou seja, eleger a maioria, tanto na Divisão Moderna como na Divisão Geral.

Que interesse pode ter o governo em influir no júri, como irá acontecer, graças à maioria que vem se processando desde a nomeação da Comissão Organizadora? O júri, que visa tão somente premiar obras de arte, deve ter os seus três membros eleitos democraticamente pelos artistas das suas divisões. Vamos ver se no regulamento para o Salão de 1948 este vício de intervenção injustificada será abolido.

Ao governo, as funções burocráticas; aos artistas, a responsabilidade dos julgamentos artísticos. Esse, para mim, é o caminho certo.

NEM TANTO AO MAR NEM TANTO A TERRA

Gilda Gelmini é uma pintora de arte eminentemente pessoal, não se prentendo preconcebidamente à qualquer escola. Seus quadros são pintados com tamanha liberdade artística que ela pode escolher a Divisão Moderna ou a Divisão Geral para concorrer. Em ambas, suas telas são aceitas. Tem como particularidade o uso constante de tons brandos, sem contrastes vivos. Não pensou em vender os quadros que pinta, embora possua uma dúzia deles, magníficos.

— Sei que a maneira como pinto, não agrada aos compradores. Meus quadros não enfeitam. Quando quero fazer presente às minhas amigas, preparo, então, uma tela bonitinha com cores claras. Veja, por exemplo, estas flores em rosa e azul. Não gosto nada de fazer isso...

Gilda Gelmini, teve medalha de bronze em 1944, e é uma forte concorrente ao prêmio superior, a medalha de prata. Foi aluna de Portinari durante um ano e meio.

Disse-nos a respeito do seu mestre:

— Considero Portinari um gênio! Faz

Em cima — A pintora Djanira, cuja pintura tanto agradou nos Estados Unidos, vai apresentar a tela "Os patinadores", para o Salão deste ano. Ao seu lado, está o pintor Alvim Corrêa. Ao centro: o conhecido pintor Gastão Formenti e a pintora Celina Rodrigues, ambos concorrentes do Salão. Em baixo: Henrique Sávio e Manoel Faria trocam impressões sobre a candidatura de Luís Cat'embu, eleito pelos companheiros, para membro da Comissão Organizadora da Divisão Geral.



Em cima: a escultora e poetisa Sônia Regina e o laureado artista Hélio Sellinger. Duas gerações que se encontram no Salão de 1947. Sônia Regina tentando obter o prêmio que será o primeiro em sua carreira artística. Hélio Sellinger, prêmio de viagem à Europa, tentando conseguir a laurea final, a medalha de honra. Sônia Regina, que teve uma carreira vertiginosa nas artes plásticas, fazia há quatro anos para a "REVISTA DA SEMANA", na qualidade de redatora, uma reportagem sobre o Salão de 1943. Nunca pensou que quatro anos depois seria uma das entrevistadas desta mesma Revista.

o que deseja da pintura. Interpreta o que sente e quando quer o faz sob os mais rígidos moldes acadêmicos. Na sua última exposição havia quadros de pintura clássica e outros de expressão modernista.

— Qual a sua impressão do futuro Salão?

— Embora viva um pouco afastada do movimento político das Belas Artes, acho que o afastamento do senhor Oswaldo Teixeira da direção e organização do Salão foi uma medida justa e acertada. Ele tem ojeriza ao movimento de arte moderna e isso não podia deixar de prejudicar aos concorrentes dessa Divisão.

A MAIS JOVEM CONCORRENTE

Dona Regina Carvalho Manzo é uma linda professorinha de uma escola primária no Meyer, durante a manhã. À tarde, de volta à cidade, transforma-se e quando transpõe o saguão do Liceu de Artes e Ofícios, dirigindo-se para o atelier, passa a ser, apenas, Sônia Regina. Aparentando vinte e dois anos e jurando que já fez vinte e nove, a escultora Sônia Regina é a mais nova das concorrentes ao Salão deste ano. Expôs, pela primeira vez em 1945, ficou impossibilitada de fazê-lo no ano seguinte e, agora, vai apresentar dois magníficos trabalhos. A sua carreira, como escultora é curiosa, pela rapidez com que se lançou no meio artístico. Em 1943, além de suas funções de educadora, trabalhava na "REVISTA DA SE-

MANA" como redatora. E nesse cargo fez a sua primeira reportagem, entrevistando os concorrentes ao Salão daquele ano. Nunca pensou que dois anos mais tarde estivesse também entre os expositores.

Com oito meses apenas de estudo da arte da escultura teve os trabalhos aceitos para a exposição de 1945.

Além de escultora, pintora e jornalista, Sônia Regina é uma poetisa de sensibilidade e o seu livro de estréia "Pássaro de Jade", mereceu elogios da crítica. Quando a entrevistamos, terminava os trabalhos que deverá entregar até o dia doze do corrente.

Eu me considero a mais humilde das concorrentes. A simples aceitação dos meus trabalhos pela Comissão Organizadora me desvanece. Não penso ainda em medalhas. Penso apenas em aprender e estudar. Senti muito não ter havido Salão em 1946. O salão é o maior estímulo para os artistas que começam.

Depois de batida a fotografia, Sônia Regina acrescentou:

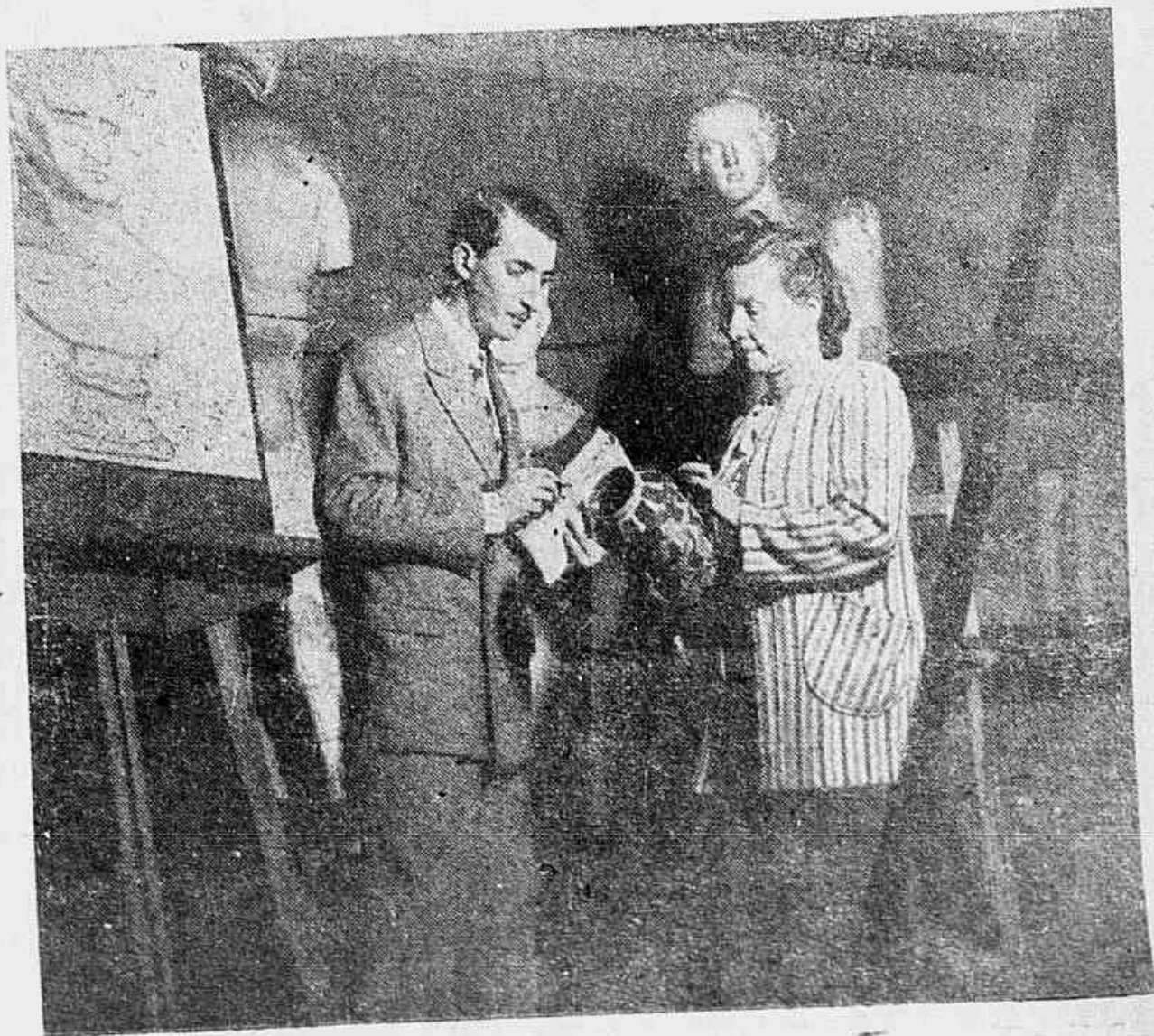
— Quando poderia imaginar que a repórter "foca" que em 1943 entrevistava os medalhados daquele ano, seria ouvida pela mesma "Revista" quatro anos mais tarde...

AFINAL, A PAZ VOLTOU...

As artes plásticas reconquistaram neste fim de ano o lugar que mereceu. Pintores, escultores e desenhistas vão en-

trar em contacto com o público no dia vinte e nove do corrente, através do Salão deste ano. Tudo isso foi possível porque caiu a ditadura do vitor decadentista Oswaldo Teixeira que pretendia dominar todos os anos a presidência do Salão, afim de com isso proteger a quem lhe interessava e prejudicar aos que lhe desagradavam. Tudo agora está calmo. Os modernos não são os rebeldes, nem a Divisão Moderna prega idéias ex-

tremistas, como se queria fazer crer. A arte não tem partidos. — disse-nos Quirino Campofiorito. Os falsos artistas é que abusam das suas posições para fazer política esteril dentro da própria classe. No dia vinte e nove os salões do Museu de Belas Artes abrirão suas portas ao público e pela primeira vez, desde há alguns anos, o povo estará diante de um Salão de Belas Artes verdadeiramente democrático.



Hilda Campofiorito, prêmio de viagem ao país em 1944, mostra ao repórter um trabalho em cerâmica, de sua autoria, realizado com motivos colhidos durante sua passagem pelas velhas cidades do interior de Minas. Hilda trouxe dessa viagem quarenta e oito telas, fora desenhos e "croquis".

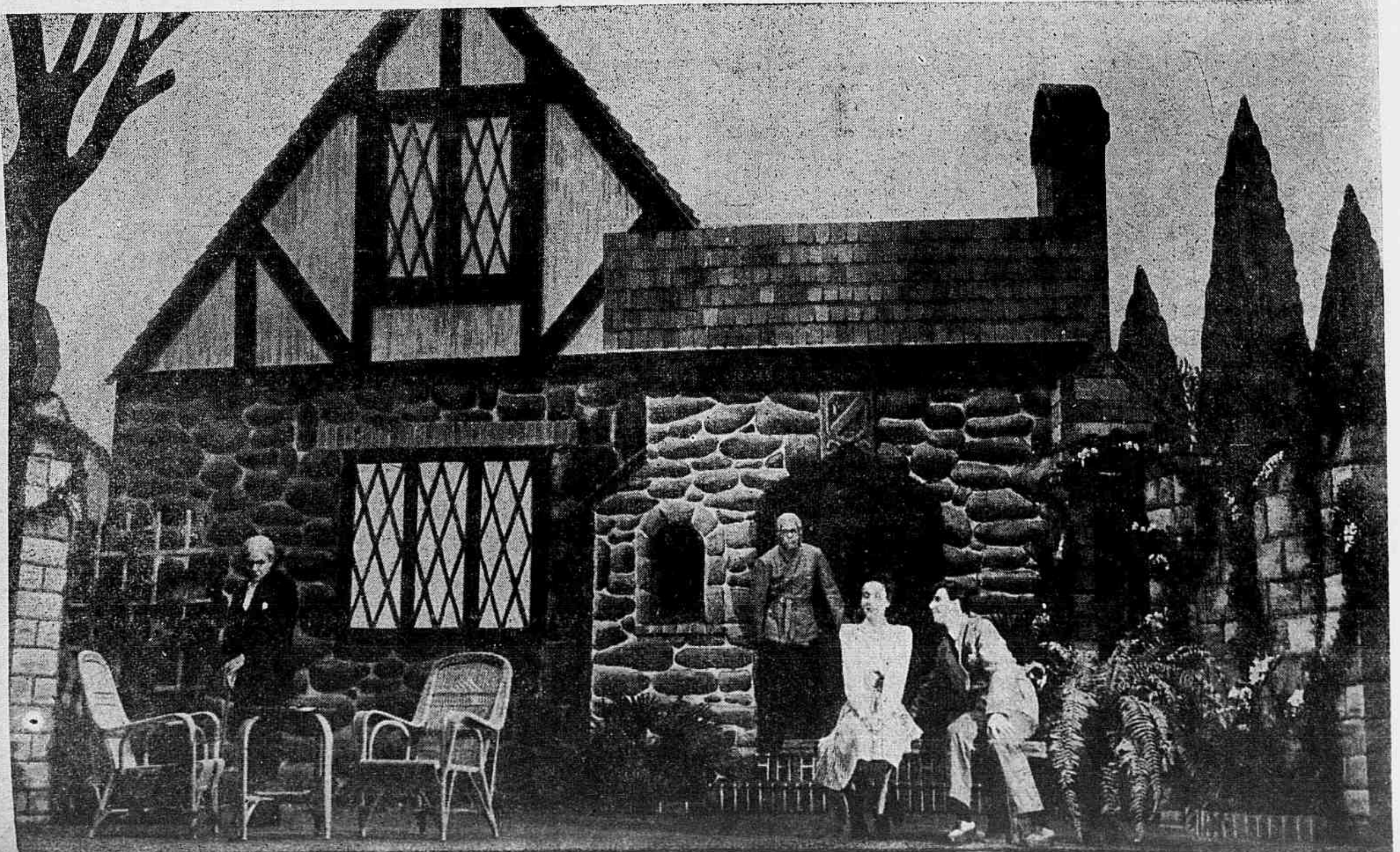
"OS ARTISTAS DO POVO" SE APRESENTAM

UM AUTÊNTICO ÊXITO A APRESENTAÇÃO DE "O AMOR QUE NÃO MORREU".

OBTEVE verdadeira consagração do público e da crítica a nova companhia, liderada por Mario Brasini, Vanda Lacerda, Milton Carneiro e Alberto Perez, sob a legenda de "Os Artistas do Povo", com a apresentação de "O amor que não morreu", no teatro Fenix. Com essa peça de Allan Langdon Martin, famosa através de suas adaptações cinematográficas, e de suas traduções em numerosos países, inclusive na Itália, onde foi apresentada por Anton Giulio Bragaglia, o renovador da cena italiana, "Os Artistas do Povo" fizeram sua primeira aparição no Rio de Janeiro, depois de terem feito uma excursão de seis meses por vários Estados, representando várias peças de êxito, — e pode-se dizer que conquistaram uma vitória significativa. Renato Vieira de Melo, no "O Jornal"; Aldo Calvet, na "Folha Carioca"; Paschoal Carlos Magno, no "Correio da Manhã"; Raul Lima, no "Diário de Notícias"; Mario Nunes, no "Jornal do Brasil"; Roberto Ruiz, em "Brasil-Portugal"; Baldomero Carqueja, no "Jornal do Comércio"; Lincoln de Souza, n" "A Noite"; Mauro Monteiro, n" "A Manhã"; Gustavo Dória, n" "O Globo"; em suma, toda a crítica aplaudiu e louvou a maneira pela qual foi realizado o espetáculo, com uma peça delicada, emotiva, romântica, ao sabor do público feminino, e representada sem ponto, com belíssimo cenário de Cajado Filho. História de um

(Cont. na pág. 50)

Em cima: à esquerda, Vanda Lacerda, a principal figura feminina de "Os Artistas do Povo", no papel de Moonin Claire (ela faz um duplo papel na peça). Em baixo: o belo cenário que Cajado Filho apresentou em "O Amor que não morreu". Na página à direita: Mário Brasini e Vanda Lacerda, numa das cenas finais da peça de Allan Langdon Martin.





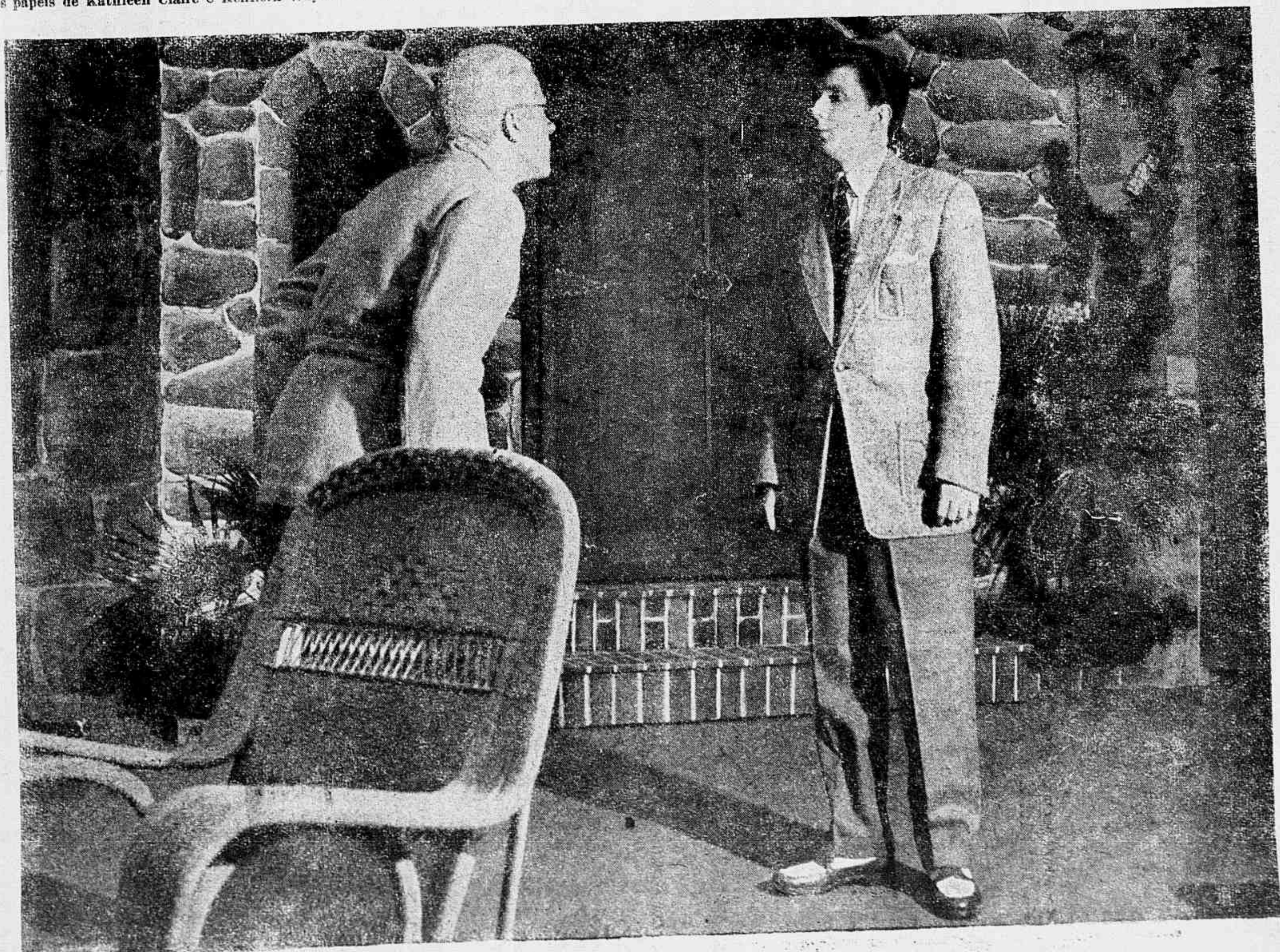


Em cima: à esquerda, Milton Carneiro e Vanda Lacerda, no início do primeiro ato; à direita, uma cena com Milton Carneiro, Vanda Lacerda e Mario Brasini, nos papéis de Kathleen, John Thompson e Dr. Harding. Em baixo: à esquerda, Albert Wayne, em vias de se tornar assassino, e sua vítima escolhida, Moonin Claire; à direita, o Dr. Harding e o ferido de guerra, Kenneth Wayne, em favor de quem intercede o espírito de Moonin.





Em cima: uma cena da delicada peça romântica de Allan Langdon Martin, — um espetáculo para moças e para gente de todas as idades, — entre Vanda Lacerda e Alberto Perez, nos papéis de Kathleen Claire e Kenneth Wayne. Em baixo: cena entre Mario Brasini, no papel do septuagenário John Thompson, e Alberto Perez, no papel de Kenneth Wayne.





A "PREMIÈRE" EM LONDRES DE "THE END OF THE RIVER"

FOI LANÇADO O PRIMEIRO FILME INGLÊS DE BIBI FERREIRA — PARA ELA VÃO TODOS OS LOUROS DA INTERPRETAÇÃO.

De JORGE MAIA

(Correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" em Londres)

cidade. E assim, quando aparece Belém, trata-se realmente de Belém, com suas ruas, igrejas, lojas, e pessoas. A prisão é realmente uma prisão do norte, como é o tribunal do juri, onde se realiza o julgamento de Manoel, o jovem indio, interpretado por Sabu, e em torno do qual gira a história.

Esta é, antes de mais nada, profundamente humana: um indio, um ser primitivo, guiado apenas pelos seus instintos, em luta constante com a "civilização", a "civilização" do homem branco que, após roubar-lhe a tranquilidade, procura explorá-lo de todas as maneiras, aproveitando-se de sua ingenuidade, de sua maneira simples de encarar as coisas, de sua confiança naqueles que o destino coloca em seu caminho. E a sua aventura se desenrola ao longo do Rio, numa viagem que é talvez o seu

próprio romance, a sua verdadeira existência. Essa é talvez a única restrição que tenho a fazer ao filme, porquanto o seu diretor devia ter emprestado maior simbolismo ao quadro, mostrando, de maneira mais sensível, a influência do Amazonas na vida de todos aqueles seres que habitam suas margens, para quem ele é a alegria, a dor, o prazer, o sofrimento, e até a morte. Faltou ao diretor um pouco de audácia, ou talvez de sensibilidade, para mostrar que o drama de Manoel é o de todos os não-civilizados, felizes em sua tranquilidade, a quem o branco não faz senão roubar e explorar. Tivesse ele sabido acentuar o simbolismo dessa situação e, talvez, tivéssemos um "filme" de qualidades extraordinárias, de grande valor artístico. Ao invés disso, o seu diretor limitou-se a seguir o roteiro que lhe en-

Bibi Ferreira (a crítica inglesa acentuou que "para ela vão todos os louros") e Sabu ("tem o físico do papel").

LONDRES, novembro — Não convém exagerar os fatos, afirmando que a estréia de "The End of the River", o filme produzido por J. Arthur Rank, no Brasil, com Bibi Ferreira, tenha sido um grande sucesso. A sua "première", como sempre sucede, constituiu um acontecimento na vida cinematográfica e social de Londres, mas a má propaganda anteriormente feita pela crítica britânica, por certo, afastou o maior interesse do público. Este compareceu, porém, enchendo a grande sala do Gaumont-Haymarket, onde a película está sendo exibida. E, se alguma impressão esta lhe deixou foi, sem dúvida, a de que a imprensa londrina foi injusta.

Na realidade, as críticas feitas carecem de honestidade e, vendo-o com olhos de brasileiro, disposto a repelir qualquer injustiça ao nosso país, não pude deixar de aplaudir um filme que, não sendo lisonjeiro para o Brasil, é, contudo, profundamente humano.

Estamos vivendo uma história no Amazonas, o Amazonas com todo o seu mistério e encanto, a fascinação que atrai todos os europeus, a quem aquela imensa região, ao mesmo tempo, chama e amedronta. E só quem já se perdeu pelo Velho Mundo pode saber o que ele pensa do nosso Amazonas. Muitas vezes, aqui, na França, ou em outros

países, pessoas curiosas me perguntam, indagam, si ali estive, si ali vivi, si me embrenhei em suas florestas, ou si matei alguns dos seus jacarés. E, quando vem a minha resposta, de caríoca pouco viajado, para quem o sertão não valia além dos subúrbios da Leopoldina, eles se surpreendem, olhando-me, de alto a baixo, com profundo desprêzo. Porque eles, produtos de civilizações ultra-requintadas, de bom grado, dariam alguns dias de suas existências para uma dessas aventuras, uma caçada em suas florestas. E assim se explica o extraordinário interesse do público em ver, precisamente, o "seu" Amazonas, aquele rio dos seus sonhos...

Assim, o "filme" não se refere ao Brasil, mas apenas a uma parte dele, como se pode avaliar. Não há a preocupação de "fazer alguma coisa bonita", desaparecendo qualquer espécie de artifício. O Brasil de "The end of the River" não é o fabricado nos "studios" de Hollywood, com "night-clubs" irrealistas, ou lugares fantásticos, mas um Brasil que existe, que é 100% aquele apresentado aos nossos olhos. Para tanto, o primeiro cuidado dos seus diretores foi suprimir, enquanto possível, o "studio". Todas as fotografias, numa percentagem de quase 80% foram tomadas "in loco", e os mínimos detalhes revelam uma constante e elogiável preocupação de vera-



Bibi Ferreira, como a pequena mestiça, — "um papel ingrato, em que tem a sua favor apenas as qualidades artísticas".

"REVISTA DA SEMANA" apresenta hoje um "furo" de grande interesse para seus leitores, graças à presteza do seu correspondente especial em Londres, o escritor, jornalista e diplomata Jorge Maia, autor de vários livros e peças de teatro. Presente à estréia do filme de Bibi Ferreira, "The End of the River", enviou-nos êle, por via aérea, atendendo à nossa solicitação, uma crônica interessante e detalhada sobre a película de J. Arthur Rank, com ambientes e tipos brasileiros, sendo "REVISTA DA SEMANA" a primeira publicação brasileira a apreciar êsse trabalho cinematográfico. E', repetimos, um autêntico "furo" de reportagem. Nosso serviço especial de Londres, confiado à competência, ao brilho intelectual e ao senso de oportunidade jornalística de Jorge Maia, é mais um esforço de "REVISTA DA SEMANA" para atender ao interesse dos seus leitores, dentro de um plano de iniciativas novas capazes de valorizar, cada vez mais, suas páginas de registro dos acontecimentos literários, sociais e artísticos.

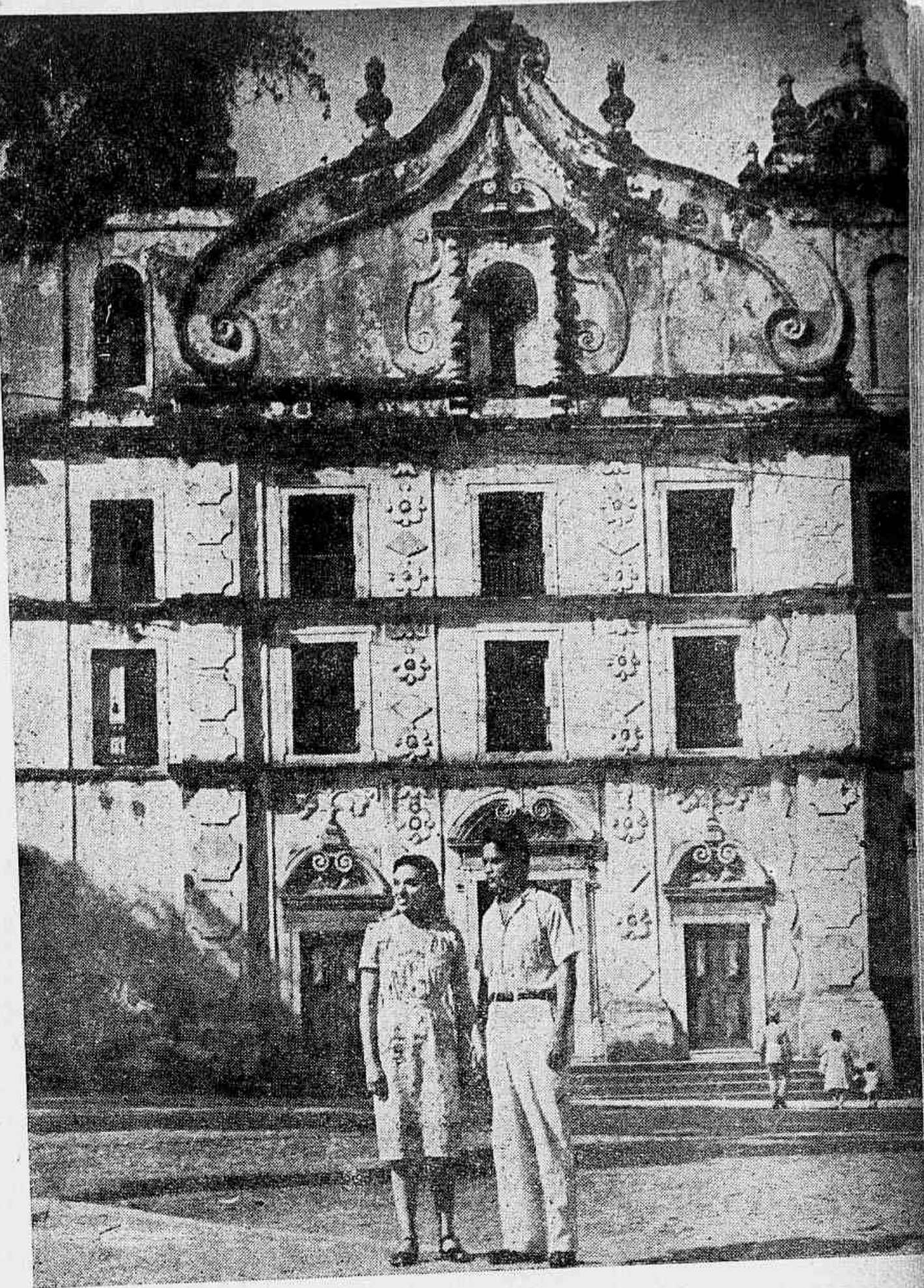
regaram, em última análise, o de um romance de aventuras, com uma grande tonalidade humana, que o torna superior às produções comuns. Essa restrição não chega, contudo, a alterar-lhe o valor, que me parece bastante grande comparado com tudo o que temos visto no gênero.

Como disse acima, não é uma película feita para agradar aos brasileiros.

Os habitantes das nossas grandes cidades, que não conhecem o norte, e não visitaram as paragens onde êle foi filmado, poderão mesmo se aborrecer, considerando-o "má propaganda", como foi dito em dois ou três diários londrinos. Contra essa opinião me insurjo, desde já, pois não considero que o Brasil deva ser, essencialmente, apresentado bonito ou perfeito. "The end of the River" não nos diminui, mas, ao con-

trário, desperta, no público, imensa curiosidade pelo nosso país.

Os tipos humanos estão admiravelmente escolhidos. Não me perguntem os nomes dos artistas, pois serei incapaz de repeti-los, exceção feita, evidentemente, de Sabú, e da nossa "estrela", Bibi Ferreira, a quem quero me referir mais tarde. As figuras são reais, revelando cuidados especiais da direção. O "Chico", o "Lisboa", o "Conceição", são 100% brasileiros. O "Dantas" pareceu-me exagerado, tipo de "Far-West" americano. A sua sequência é aliás, segundo penso, desnecessária, podendo ser cortada, sem maiores prejuízos, para o desenvolvimento normal da história. Mas, onde nos agramos, foi, sobretudo, na parte musical. Os temas escolhidos foram os melhores e, por certo, constituirão futuros sucessos brasileiros em



Bibi e Sabú, em Belém do Pará, diante de uma velha igreja. "Quando é Belém, é Belém mesmo".

todo o mundo. Serão novas glórias a ajuntar ao "Tico Tico no fubá" e à "Aquarela do Brasil", essas duas grandes embaixatrizes da nossa música popular, que fizeram mais por nós no exterior do que todos os milhões dispendidos com o extinto DIP.

Alguns exageros, como o do "Dantas", espécie de tirano da floresta, atacado de "beri-beri" que conhece, como lei, apenas a espingarda, tornam-se aceitáveis, quando se pensa na sua necessidade para acentuar a dramaticidade do "filme". E os ingleses, atualmente, acolmados pela crítica, extremamente rigida para com suas produções, buscam, inspirados pelos franceses, "realismo". Infelizmente, porém, lhes falta ainda uma certa sensibilidade, pelo que, como no caso a que me refiro, esse realismo se transforma em brutalidade desnecessária. Enfim, trata-se de uma pequena sequência, que, si não chega a prejudicar ou auxiliar o conjunto, pode perfeitamente, arrancar alguns gritos de pavor dos corações mais sensíveis, o que deleitará os produtores. Fora disso, as emoções estão bem dosadas e, embora ou não queira tirar o interesse dos leitores, relatando a história, a luta final entre Sabú e um negro é bem realizada e empolgante.

Sabú, figura central, tem o físico do

papel, além de um certo ar tímido e apalermado que completa a figura do pequeno índio. Falta-lhe, a meu ver, em alguns instantes, uma certa naturalidade, característica primordial da nossa Bibi Ferreira, a quem, sem nenhum favor, como foi acentuado em toda a crítica britânica, vão os louros do "filme". Num papel ingrato, onde os dotes físicos desaparecem inteiramente, com a "maquillage" que não a ajuda a ressaltar os encantos pessoais, a nossa jovem "estrela" tem a seu favor, apenas, as suas qualidades artísticas, que aparecem a cada momento, desde a sua primeira presença na história. As cenas em que aparece sempre lhe pertencem, pois a naturalidade, a sensibilidade com que as interpreta, faz com que sejam inteiramente suas. E, quando a "câmera" o permite, como no julgamento de Manoel, está bonita e elegante, constituindo excelente amostra de suas futuras possibilidades. Tenho a impressão de que "The End of the River" abre-lhe as portas de uma brilhante carreira cinematográfica, que ela não deverá recusar, caso lhe seja oferecida. E o público brasileiro poderá julgar de muitas palavras, quando o "filme" for estreitado em nossos cinemas, o que, segundo estou informado, será muito breve.

Bibi, na cena do tribunal, quando vai prestar seu depoimento.

Reprimindo embora revoltas civis e sustentando duas guerras externas, o Segundo Reinado foi época de contínua ascensão de progresso até permitindo ao Império hegemonia na América do Sul minada de caudilhismos.

Sede do aludido progresso, bem demonstrado ao apresentar-se o Brasil ao mundo restante na Exposição Universal de Paris em 1889, o Rio de Janeiro no decurso do Segundo Reinado viu levantados, em pontos opostos da cidade, não poucos edifícios públicos de importância como várias residências particulares de nota, duas sobreexcelescentes, o meio palácio Nova Friburgo e o palacete Itamaraty passado agora a Itamaraty.

Justifica-se em relação ao edifício Nova Friburgo a expressão meio palácio, a essa nobre edificada por membro da opulenta família Clemente Pinto.

O nome da casa lembrava título nobiliárquico da família como cidade serrana fluminense e propriedade agrícola nova-friburguense no município de Cantagalo.

A primitiva planta do solar palaciano de Clemente Pinto no Rio de Janeiro indicava o levantamento de edifício nobre de corpo central ligado por duas alas de vista, a única construída afinal representando o que se chama hoje o palácio do governo no Catete, de face ao antigo largo do Valdetan.

De certo, Clemente Pinto, construtor, nunca previu o futuro destino da casa construída entre face de rua e fundos de mar.

A mesma imprevisão de vindouro destino não teve o capitalista Francisco Rocha ao empregar haveres no levantar e concluir palacete na rua Larga de São Joaquim, espécie de avenida central urbana.

De vista por seu exterior, ornados a capricho no interior, o Nova Friburgo e o Itamaraty passaram anos e anos vida de clausura e silêncio, os donos do solar do Catete preferindo o alpestrismo de Nova Friburgo, os donos do palacete mandando construir ao lado deste sobrado para moradia.

Uma vez o Itamaraty abriu salões e clareou-se de luzes para um baile de gala, o Nova Friburgo acolheu cerimônia nupcial na família dos donos.

Depois outros anos de clausura e silêncio.

EDIFÍCIOS PREDESTINADOS

ESCRAIGNOLLE DORIA

Quem por muito tempo de infância, juventude e virilidade morou em casa contígua ao Itamaraty pode dizer quanto foram longos os dias de silêncio e clausura no palacete de frente sobre a rua, mas nos seus fundos alegrado por vasto parque sempre muito cuidado e a esperar passeladores.

De súbito, a 15 de Novembro de 1889, é a República proclamada no Campo da Aclamação. Aos ruídos do sucesso matutino abrem-se portas no Itamaraty, o barão de Ladario ferido por descarga de piquete, a ser pensado de urgência pelos drs. Rego Cesar e Nunes de Mattos no saguão do palacete.

Foi este depois ocupado pelo marechal Deodoro quando chefe do Governo Provisório, em seguida presidente da República parlamentarmente eleito não sem competição de candidato civil qual Prudente de Moraes numerosamente votado, acompanhando de perto os sufrágios dados ao candidato militar.

Adquirido o palacete pelo governo da incipiente República, começou para o prédio vida de agitação diária interior e exterior, esta pela manhã principiada pela rendição de guarda na rua, atraindo ajuntamento popular e atenção de transeuntes.

A vida oficial no momento convergiu toda para o palacete, qualquer situação política tendo a sua Méca onde se acha o poderoso de ocasião.

Renunciando Deodoro à presidência da República veio-lhe Floriano ao mando vice-presidencial até fins de 1894, numa série de agitações militares e civis culminantes no período da revolta naval, em fases de vitória, luta, esmorecimentos e derrota de Setembro de 1893 a Março de 1894.

No governo Floriano, dia a dia combatendo e combatido, o Itamaraty voltou a meio apagamento. Floriano era de

hábitos singelos acentuadamente provincianos, preferindo residir no prédio contíguo ao palacete de feição pomposa e mobiliário condizente.

No vazio Itamaraty, a 15 de Novembro de 1894, sem pessoa de qualidade para recebê-lo, auto empossou-se Prudente de Moraes ao qual legada intrincadíssima herança governamental. Não foi o novo e preocupado presidente morador do Itamaraty por muito tempo, adquirido o palácio Nova Friburgo para residência do chefe da nação. Isto em abril de 1896 e com o desembolso de três mil contos, quantia hoje mesquinha para um país onde qualquer transação de vulto exige milhões de cruzeiros.

Da vida do Nova Friburgo durante a presidência Prudente há notícia indireta em as "Minhas Memórias dos Outros", de Rodrigo Octavio, descrito o interior do Itamaraty em monografia do diplomata Joaquim de Souza Leão, acostumado a tratar arte e história.

Outro diplomata, o embaixador Luís Avelino Gurgel do Amaral, ora aposentado, mas a serviço da inteligência e da memória, sob o título "O Meu Velho Itamaraty", publica um livro que nos inicia a saber de vida mais íntima da nossa chancelaria não apenas pelo lado da discricção ou das exterioridades da carreira, tão empregado o francês para sua qualificação.

Além do uso cauteloso da redação oficial, em vários de nossos diplomas tem havido gosto pelas letras. Dando-nos mais uma prova de dileção às mesmas, o embaixador Gurgel do Amaral em o Meu Velho Itamaraty, retratando antigos servidores da nossa chancelaria, revelando aspectos inéditos do intramuros do Itamaraty, põe-nos em contacto com história diplomática não sabida e como que posta em cifra.

O retrato do visconde de Cabo Frio

por tantos anos regente supremo da Secretaria de nossas Relações Exteriores, é magistralmente traçado por Gurgel do Amaral. O registo de sua apresentação como amanuense da Secretaria de Estado, transcende o valor de um depoimento na emoção de um estrelante em presença de um veterano da diplomacia e passa a ser o depoimento evidenciador da linha de alto respeito conservada ante os servidores ilustres do Império, mesmo quando a República quebrara costumes e tradições de tempos idos.

No decurso da leitura de O Meu Velho Itamaraty não faltam ocasiões de pensar e ocasiões de sorrir. Exemplificando: certa vez Cabo Frio verificando cópias do amanuense Gurgel do Amaral devolveu-as com este recado fielmente transmitido por amigo do amanuense:

— Diga a este sr. que pingue com mais força os li.

Outra ocasião de sorrir, a da lição dada por Frederico de Carvalho, quando diretor geral da Secretaria, a diplomata estrangeiro. Tendo ido recebê-lo o diretor encontrou o diplomata de cartola na cabeça.

Frederico de Carvalho volveu passos, tomou chapéu e atirou esta frase a seus auxiliares:

— Vou dar uma lição a este malcriado!

Ao ver Frederico de Carvalho entrar no salão de cabeça coberta, o diplomata descobriu-se e indagou sorrindo:

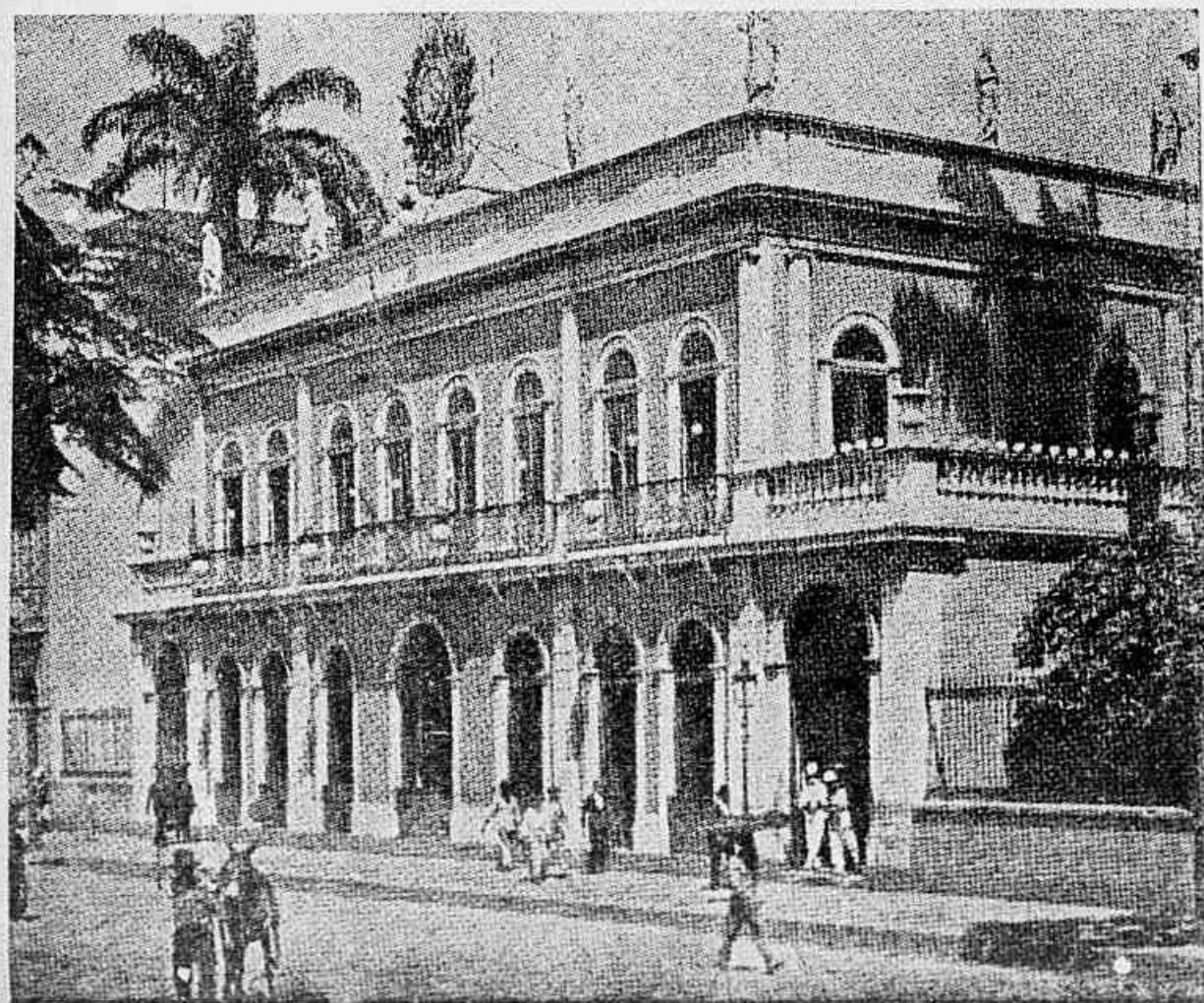
— Vai sair o sr. Diretor Geral?

— Não, sr. Ministro, acabo apenas de chegar da rua.

E a audiência seguiu seu curso normal, mostrando já ter havido tempo em que, por inadvertência ou não, nos falavam de chapéu ao alto da cabeça e íamos buscar o nosso para corresponder...

O Meu Velho Itamaraty está cheio de retratos, entre os quais avulta o de Rio Branco, de individualidades estudadas por Gurgel do Amaral ora com traço fundo, ora com traço leve, para satisfação íntima ou meia satisfação do leitor de seu livro, que está a redir outro, narrando a vida do autor até o término de sua carreira. Assim, Gurgel do Amaral completará obra contentando muitíssimos interessados em conhecer história nossa contada por quem a viu viver e viveu-a.

A esquerda: O Palácio Itamaraty, quando era a sede do governo e, na fachada, ostentava um grande escudo da República. A direita: O Palácio do Catete, para onde foi transferida e onde ainda permanece a sede do Executivo brasileiro.





CLUBE GINASTICO PORTUGUÊS

AS COMEMORAÇÕES DO 79.º ANIVERSÁRIO DE SUA FUNDAÇÃO

COM uma movimentado programa elaborado pela dinâmica diretoria do Clube Ginástico Português, realizaram-se durante todo o mês de Outubro brilhantes festividades comemorando seu 79.º aniversário. No dia 31 do mês pp. o Departamento de Educação Física, do qual é diretor, o esforçado Sr. Galvão Telles, fez executar o desfile de todos os Departamentos de Educação Física.

Nesta página reproduzimos diversos flagrantes desse desfile, que são bem impressionantes aos associados do Ginástico pela segura orientação do diretor daquele Departamento. Com isto, o Clube Ginástico Português fixou mais um marco no caminho de uma longa e fecunda existência, ligada aos destinos de duas pátrias irmanadas pelos mesmos sentimentos: Portugal e Brasil.

Quis a Diretoria do Clube Ginástico Português, à frente da qual está presentemente a figura simpática e singular de OLIVEIRA BRITTO, encerrar as comemorações deste ano, com uma verdadeira parada cívica, na qual suas Escolas desfilaram perante enorme assistência que enchia literalmente o salão mais completo do Brasil e quicá da própria América do Sul.

Para prestigiar essa parada de arte e elegância, o senhor OLIVEIRA BRITTO deu lugares de honra na mesa, aos seguintes senhores: Cônsul de Portugal — dr. José de Bivar Brandeiro, Armando Aguiar, dr. Pizarro Loureiro, tenente José Moraes, representando o Comandante do Corpo de Bombeiros; Virgílio Antunes, Artur Lopes Cardoso, Belmiro da Silva Monteiro, Jorge Campos, Gerson Cordeiro, comendador Artur de Castro, Jayme Cruz e Artur Campos. Logo em seguida, teve início o desfile, ao som de marchas militares executadas pela Banda do Corpo de Bombeiros, sob os ordens do instrutor do Ginástico, Sr. Otacilio Braga. Todas as Escolas do Ginástico estavam representadas, quer as esportivas quer as culturais, para dizer-lhe o que tem sido a projeção do Clube e como o próprio Governo Português tem visto e avaliado a obra de real aproximação luso-brasileira.

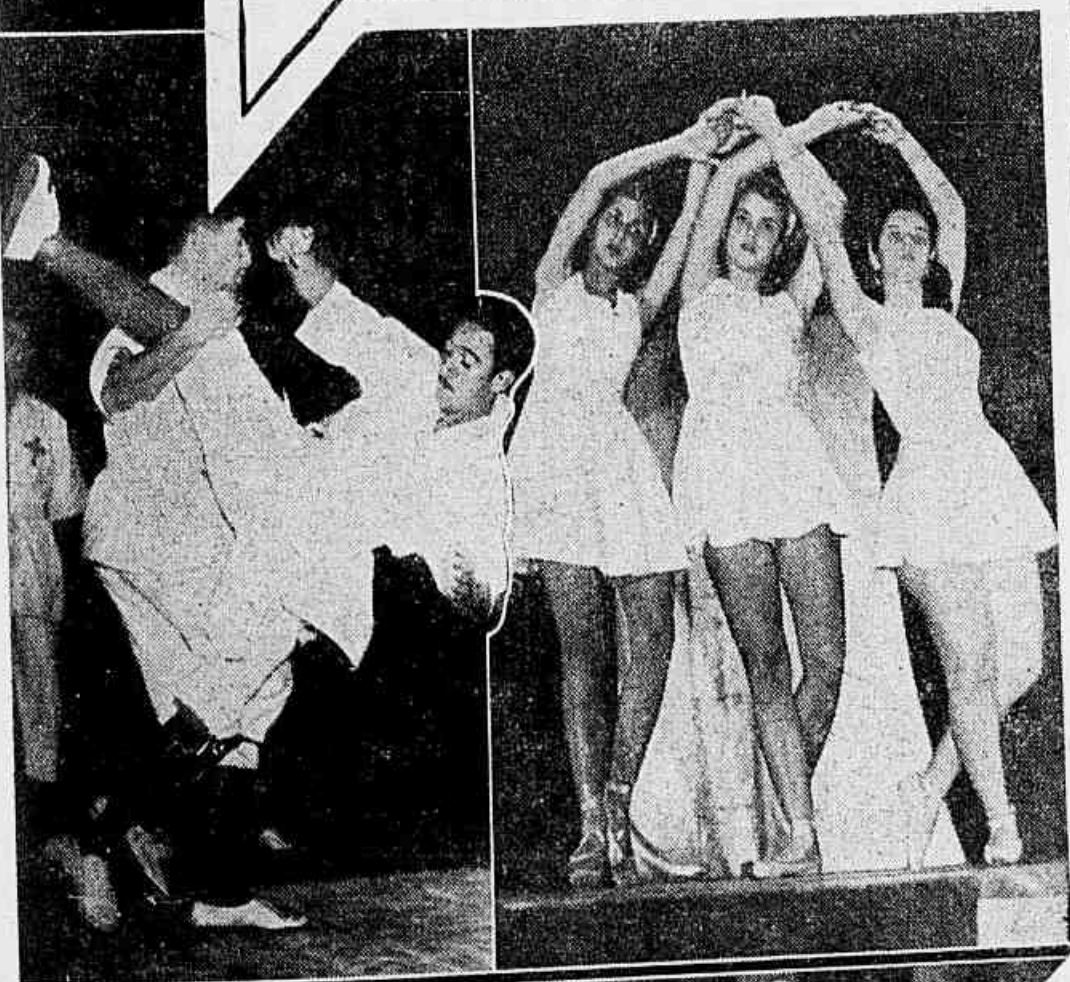
Com todos os desfilantes em posição de sentido, o presidente Sr. ANTONIO DE OLIVEIRA BRITTO dirigiu-se à grande família Ginástica, para a ponto de agora mesmo agraciá-la com a condecoração de "Grande Oficial da Ordem de Renemerência". Esse ato do Governo Português, mostra de forma invulgar o real prestígio do R. S. Clube Português, o qual, ultrapassando as fronteiras do Brasil, profeta-se até à Pátria donde saíram aqueles que há 79 anos fundaram no Rio de Janeiro a sociedade modesta que é hoje o colosso que honra o Brasil e Portugal no campo da formação moral e espiritual de suas mocidades.

As palavras do senhor presidente foram abafadas por vibrante salva de palmas, as quais perduraram após ser conhecido o hino do Ginástico, de autoria do poeta e homem de letras dr. Marques da Cruz, com música do maestro Oscar da Silva. Logo após todas as Escolas deram aos assistentes uma pequena amostra de suas possibilidades, executando números interessantes, dentro de suas respectivas modalidades.

Terminadas as exhibições, a sessão foi encerrada pelo senhor Cônsul de Portugal que a presidiu, reafirmando S. Excia. o pensamento de seu Governo, com referência ao Clube Ginástico Português.

Com a execução dos hinos português e brasileiro, ouvidos em silêncio, e de pé por toda a assistência, terminaram as festas cívico-desportivas, tão gratas aos corações de todos os Ginásticos.

Com os convidados de honra reunidos na sala da diretoria, foi oferecida uma mesa de doces finos e vinho do porto, havendo, ainda um brinde a champagne, feito pelo senhor presidente.



PEDRINHO pegou a bacia de jaboticabas e saiu xingando Dona Engrácia (em pensamento) de quantos nomes feios ele sabia. Xingar sua própria mãe era pecado grave. Assim dizia seu Antonio, referindo-se ao Chiquinho, filho mais velho de Dona Jacinta, mãe de nove crianças que jamais conheceram nem souberam quem são seus pais. Dona Jacinta conhecera muitos homens e ela mesma tinha as suas dúvidas.

Ninguém, entretanto, podia impedir Pedrinho de pensar. O pecado estaria em dizer. Pensar apenas não faria mal algum, ainda mais que ele amava profundamente sua mãe. Assim pensava.

Dona Engrácia, porém, tinha gênio irascível e dava-lhe pancadas de quando em vez, com razão ou sem razão nenhuma. Em certas ocasiões, abraçava-se ao filho e chorava sem causa aparente. O menino assustava-se com aquele assomo

de ternuras seguido de lágrimas e não compreendia a razão daquilo: interrogava, aflito, sua pobre mãe:

— A senhora está doente, mamãe?

Dona Engrácia enxugava os olhos na barra do vestido e deixava o menino sem resposta. Sempre que tal coisa acontecia, Pedrinho observava também uma escassez de alimentos. Eram extremamente pobres.

As surras que a mãe lhe dava constituíam para ele problema mais sério. De uma feita contara ao pai que a mãe lhe batera sem razão. O homem (que nunca encostara a mão no filho) franziu a testa, mordeu um pedaço do lábio inferior e acabou acendendo um cigarro.

Dona Engrácia explicou:

— Bati porque ele fez atrevimento. Não suporto criança malcriada.

— Mas eu não fiz nada...

— Está vendo? Ainda se atreve a me

MINHA MÃE VAI ME BATER

Conto de **CECILIO ROCHA** ★ Ilustração de **A. MOURA**

desmentir, o descarado. Não fez nada... o santinho.

Foi assim; ela mandara o menino rachar um pau de lenha. Pedrinho pegou do machado e viu que era muito pesado para ele. Respondeu então:

— É muito pesado, não racho não.

Não era uma recusa propriamente dita. Era apenas uma confissão de incapacidade. Não tivera a intenção de desobedecer. Ela, porém, não estava para isso. Não quis rachar a lenha? Pau nas costas dele. Depois, a insolência do garoto contendo ao pai, que havia agachado injustamente, irritou a sensibilidade doentia de Dona Engrácia. Esperou que o marido saísse no dia seguinte para o trabalho e novas bordoadas foram sapecadas nas costelas magras do filho.

— Isto é para você nunca mais ender com seu pai.

E era ainda em razão dessa surra e um pouco de outras, que Pedrinho xingava agora (em pensamento, apenas). Sua grande esperança estava em crescer, crescer depressa, ficar homem e ganhar o mundo. Verdade que por duas

vezes já pensara em fugir. Não sabendo, entretanto, para onde ir nem o que fazer, adiar a fuga e suportava resignadamente as imposições da vida juvenil.

Muitas vezes chegou a acreditar que seu pai também temia Dona Engrácia. Porque então não a obrigava a não bater mais nele? Não dizia: ser o chefe da casa? "Se seu pai se fizer do besta, é capaz de também levar pauladas". Nem mais nem menos. Isso disse ela a Pedrinho logo depois daquela surra injusta. Enfim... Ele era muito pequeno ainda para compreender certas coisas.

Com a bacia de jaboticabas na cabeça, relembrou algumas cenas dolorosas de um lar miserável. O pai andava em dificuldades de dinheiro. Só o aluguel do casebre comia-lhe a maior parte dos seus mínguados salários. A mulher o auxiliava mandando o filho vender jaboticabas. Moravam muito além dos limites urbanos da cidade, a um passo das matas onde as jaboticabas abundavam em terrenos baldios, bem ou mal, o ne-

(Cont. na pág. 50)

Premiado no Concurso Permanente de "Revista da Semana"





AMANDA Medina é carioca de nascimento. Sua atividade artística no "broadcasting" nacional, data de dezenove anos atrás, quando, por ocasião da festa magna do Chile, tomou parte num programa especial organizado pela Rádio Educadora Paulista. Mais tarde, veio a ingressar na Cruzeiro do Sul de São Paulo, como intérprete de música folclórica. Deixando a capital bandeirante, veio a trabalhar na PRD-2, ao tempo em que esta possuía programas de estúdio. Dessa emissora passou para a Rádio Club do Brasil, que veio a trocar pela Vera-Cruz, para, em seguida, ingressar na Rádio Nacional. Da PRE-8 transferiu-se para o Jornal do Brasil, que, finalmente, trocou pela Rádio Globo, sua atual estação. Na PRE-3, não lhe tem faltado o apoio da direção artística, atuando nos principais "broadcasts" desse prefixo, além de possuir um quarto de hora exclusivo em que se apresenta ao lado de sua irmã Anita. A peregrinação artística da festejada folclorista foi além fronteiras, estendendo-se à Argentina, Chile, Paraguai, Colômbia e Venezuela, onde foi à procura de novos números para o seleto repertório que possui. Amanda Medina, nasceu a doze de julho de um ano não muito distante. Artista cega, nem por isso maldiz a vida, uma vez que todos procuram cercá-la do carinho que bem merece. Os fans, por sua vez, prestigiam-lhe os programas, com palavras de incentivo. No momento, ela canta na "Rapsódia Carioca", às sextas-feiras, às 18,45 horas. Não é supersticiosa e gosta de ouvir novelas.

ANITA Medina também nasceu no Distrito Federal, a dois de abril. Seu contacto com o microfone deu-se em São Paulo, ao lado da irmã com quem formou dupla. Preferindo o gênero folclórico, por combinar com a sua natureza, não mais abandonou o rádio, tal o prestígio que passou a desfrutar. Desse modo, cantou na Educadora e na Cruzeiro do Sul de São Paulo. Pertenceu ao "cast" da Rádio Club do Brasil, esteve na Vera-Cruz, atuou na Nacional, ingressou na Jornal do Brasil, e hoje faz parte da Globo. Também cantou na Farrupilha; na Difusora Gaúcha; na Pelotas, Rádio Cultura e na Inconfidência, de Minas.

Em companhia de Amanda, viajou pela Argentina, Chile, Paraguai, Colômbia e Venezuela, à cata de música folclórica e em viagem de estudos. Anita Medina, por ocasião de um espetáculo realizado no Teatro Santa Helena de São Paulo, experimentou a maior emoção de sua carreira artística. E' que, durante o mesmo, ela teve oportunidade de interpretar uma composição colombiana de sua autoria, a qual mereceu calorosos aplausos do próprio representante do país amigo. Dentre os grandes êxitos do repertório dessa querida cantora, incluí-se "Folhas ao vento", "Amores de estudante", "Malagüeña" e "Canto da saudade". Artista exclusiva da Rádio Globo, sua voz pode ser ouvida em "Chá das três", "Rapsódia Carioca" e às sextas-feiras, às 18,45 horas. Tal como Amanda, Anita Medina perdeu a visão. Fora da atividade radiofônica, ela estuda os números que deve apresentar.



GERMANO, esse conhecido humorista que a Rádio Tupi apresenta em "Aconteceu ontem", é, na vida privada o cidadão João Dias Lopes, estabelecido com um escritório de representações à rua Luís de Camões. Dedicando-se ao gênero cômico, atuou durante algum tempo ao microfone da Tamóio, vivendo as mais interessantes cenas humorísticas. Hoje, integrando o elenco rádio-teatral da PRG-3, participa das principais novelas irradiadas por essa emissora, como "O homem que não era ele", em que faz o papel de "Dr. Germano". Também em "Milagres de amor", produção de Hélio de Soveral, é o colega de Renato. Espírito folgazão, organizou, não há muito, o curso das "Serelas de cor", que obteve extraordinário sucesso. Germano nasceu no aristocrático bairro de São Cristóvão, ali passando toda a sua infância. Em 1934, levado pela mão amiga de Atila Nunes, fez seu "debut" radiofônico, imitando o Mesquitinha, ao microfone da Rádio Educadora. Com o pseudônimo de "Picolino", atuou na Rádio Club Fluminense. Meia tarde, retornou ao "cast" da veterana PRB-7 em Programas humorísticos. Atuação destacada em diversos "shows". Fora do "broadcasting", o trabalho penoso no escritório de importante firma. Algarismos. Parcelas. Desejo de abandonar tudo pelo microfone. Sua ascensão no elenco das "associadas", levou-o a deixar o comércio. Além das novelas, Germano está colaborando em várias atrações da PRG-3, inclusive em "Rádio sequência-G-3", onde aparece no "Naguinho e Naguinha". Germano não gosta de passar por baixo de escadas.



HEINZ Feldman é um artista que a campanha anti-semita trouxe ao Brasil. Nasceu na Alemanha, cedo sofreu a perseguição da Gestapo, indo pagar no cárcere a sua ojeriza ao regime nazista. E, quando lhe surgiu a oportunidade de fuga, tratou de buscar o sossego da terra brasileira, aqui chegando com uma enorme vontade de vencer. Compositor de renome no continente europeu e exímio executante de acordeon, a vítima de Hitler viu-se amparado pelo conforto dos artistas patrióticos que não lhe regatearam aplausos. Heinz Feldman passou a lecionar música, reunindo o que de mais seleto existe na sociedade brasileira. Também colaborou com eficiência no "broadcasting" carioca, abrilhantando audições diversas, irradiadas pela Nacional, Transmissora, Ministério da Educação, Jornal do Brasil, Roquete Pinto e Globo. Professor de acordeon, autor de diversos livros de música e responsável por uma academia musical, o artista alemão iniciou seus estudos muito cedo. Aos oito anos de idade já executava ao piano, páginas dos grandes mestres. Levou a efeito diversas "tournées" pela Áustria, apresentando-se à platéia vienense. No Brasil, visitou São Paulo e Minas Gerais, recolhendo melodias do riquíssimo folclore brasileiro. Simples e modesto, apesar do seu contacto permanente com a elite, Hein Feldman é um exímio acordeonista, constituindo seus concertos autênticos recitais de verdadeira arte. Recentemente, esse admirável artista apresentou-se ao microfone da PRE-3, num concerto de música erudita.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

JACK CARSON, UM RAPAZ DE SORTE

DEPOIS DE APARECER EM ALGUNS FILMES COMO ATOR SECUNDÁRIO, ENCARREGADO DE FAZER PAPEIS CÔMICOS, FOI PROMOVIDO A "ASTRO", NUM FILME DE MICHAEL CURTIZ — BRASILEIROS NO ELENCO DE "ROMANCE IN HIGH C".

Por LUÍS SERRANO

(Correspondente especial de "A CENA" e de "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood)

HOLLYWOOD, novembro — Jack Carson é, antes de tudo, um excelente camarada. Todos sabem disso. E, principalmente Dennis Morgan, seu maior amigo e admirador, que afirma ser Jack a pessoa que menos mudou desde que chegou a Hollywood; nem mesmo de gravatas ele mudou...

Visitamos Jack Carson no "set" de "Romance In High C", que ele está fazendo com Doris Day para a Michael Curtiz Productions, nos estúdios da Warner Bros., e que conta ainda com a presença dos nossos patrícos Zezinho de Oliveira (Zé Carioca) e Nestor Amaral.

Depois de um violento "quebra-ossos", Jack tratou logo de nos contar a "última" (já "barbada", segundo Denis Morgan). Depois nos disse que começou sua carreira teatral aos dezenove anos, quando na Universidade se fez amigo de um tal Dave Willock, (que aliás era de outra universidade). Acharam que dariam uma boa dupla cômica e "partiram ferozes!" Arranjaram trabalho em teatros de variedades e fizeram muitas gracinhas, além de se dedicarem ao canto e à dança, em que ambos davam alguma coisa, na época. Jack confessa que no início a dupla usou e abusou de piadas impróprias para menores, e dizendo isso ele baixa os olhos pudica-

Em cima: Jack Carson namorando a Linda Cleatus Caldwell, fabulosa pequena que faz o papel de uma índia em "Two guys from Texas". Cleatus é a esposa de Robert Hutton. Em baixo: Jack Carson e sua pequena em "Romance in High C", ao lado da sua "leading lady", Doris Day, da senhora Luís Serrano e do nosso correspondente especial em Hollywood.



mente. Depois diz que é mesmo muito tímido. Mas a dupla se separou depois de lograr uma representação no Teatro Paramount, de Nova York. Jack, então, acrescenta que nenhuma das pessoas que o tenha assistido durante aquela temporada pelo interior do país jamais o esqueceu. E esclarece que se refere a si próprio, Jack Carson, o inesquecível. A razão disso, diz ele, "é a minha grande simpatia pessoal." E então ele corre os olhos cuidadosamente em torno, pisca um deles e diz que não gosta de exibir a sua característica modestia nas proximidades do "velho Dennis".

— Depois, meu amigo, começou a agonizar o teatro de variedades. Então parti para Hollywood. Não, ninguém me chamara, mas achei que a cinematografia devia sentir falta de um talento como o meu... Como você vê, eu estava mesmo com a razão... modestia à parte.

Jack Carson iniciou seus estudos em Milwaukee, depois cursou uma academia militar e terminou na Universidade de Carleton, em Northfield, Minnesota, onde jogou futebol e se dedicou à natação, tomando parte ainda nas representações teatrais estudantis. Esclarece ele que o seu foi mesmo um caso de predestinação, uma vez que em toda a sua família, nunca houve uma só pessoa interessada em teatro. E ele está satisfeito que assim tenha sido, pois do contrário poderia ter saído prejudicada a sua reputação artística...

Ele declara que deve sua primeira oportunidade no cinema a Bobbie Webb, dos Artistas Unidos, que lhe deu uma ponta num filme cujo título ele "felizmente esqueceu".

Depois fez uma série de filmes em que sempre perdia, no final, o carinho de Ginger Rogers, "essa grande ingrata que não sabe o que perdeu!", como ele mesmo diz.

Jack é um apaixonado da música, sabendo apitar e arranhar vários instrumentos, dos quais o preferido é o piano. Nas horas vagas, no lar, dedica-se à jardinagem. Costa do "bridge" e do "poker", mas discute mais do que joga, como dizem seus parceiros. Não se preocupa muito com a roupa (isso é mentira!) e aprecia discutir psicologia e espiritismo, pois ouviu muito sobre as duas matérias dos seus colegas de universidade e aproveita as opiniões alheias para arranjar barulho com os amigos. Em questão de alimentação, diz que tem especial predileção por todos os petiscos que não deve comer, por causa do peso.

— Que fazer, meu filho? Quando ouço dizer que qualquer coisa faz engordar, sinto imediatamente que du-

(Cont. na pág. 56)



Em cima: Jack Carson, o comediante que passou a "astro", no estúdio da Warner Brothers. Em baixo: dois brasileiros do elenco de "Romance in High C", Zezinho de Oliveira (a voz de Joe Carioca dos desenhos de Walt Disney) e Nestor Amaral, juntamente com a encantadora Doris Day, numa pose especial para "REVISTA DA SEMANA".



Quarto de pensão

DETTADO de costas, as mãos atrás da cabeça, o cigarro aceso grudado nos lábios, Eduardo observa seu quarto, como se o visse pela primeira vez. Corre os olhos pela estante, para alguns segundos no velho baú de lata, passa pelo guarda-roupa, e, na impossibilidade de olhar o chão, ergue a vista até o teto. Engraçado, teto. Teto para ele, soalho para os outros. Como não pudesse arcar com despesas maiores, tivera de sujeitar-se a morar no porão. Quarto úmido no inverno, quando das paredes de tijolos verte água. Abafado no verão, por causa do sol que, batendo em cheio na calçada, transforma a pequena janela gradeada, aberta bem junto às pedras, em boca singular, d'onde provem um hálito quente e malcheiroso. E' justamente na janela que os olhos de Eduardo pousam agora. Meio dia. Rua deserta. Retardatários passam apressadamente para almoçar. Eduardo ouve-lhes os passos quando se aproximam, e pelo som da pisada, tenta adivinhar de quem são. Não há sons iguais. Cada indivíduo possui uma espécie de andar. O som do sapato, batendo na pedra, exprime uma história. Aquele exercício constante, aguçara os ouvidos e os olhos de Eduardo, a ponto de, um fugaz instante, em que um par de pernas suportando o respectivo dono passasse pela janela, ser suficiente para ele gravar no cérebro os mínimos detalhes visuais e auditivos daquelas pisadas. Passos. Passos. As centeras aos milhares. E para cada um deles, Eduardo inventa vidas. Através daquela pequena abertura quadrada, o mundo entra no seu quarto. E a sua alma vibra de acordo com as imagens que os olhos enviam.

Eduardo classifica os passos de duas maneiras, — os de pessoas conhecidas, moradores nas vizinhanças, que os cinco anos de porão lhe foram suficientes para reconhecer à distância, e os passos de pessoas desconhecidas, transeuntes casuais. Intimamente se diverte com o contraste entre cada existência. Há, por exemplo, um militar que às vezes passa por aquela rua. Seu andar é facilmente identificável. Um-dois; um-dois; um-dois; eis que surgem as botas luzidias, as esporas tilintando na cadência do andar. Eduardo batizou-o de "Capitão" e ficou contente. A vida daquele homem era fácil. Metódica. Burguesa. Metrificada. Casado, seguramente. A maioria das mulheres considera esta espécie de homem o marido ideal. Com uma fonte de renda fixa, segura. Sim, aquele homem tinha de ser casado, e ainda mas, com filho estudando em colégio de padre. A vida daquele homem seria sempre: um-dois; um-dois; um-dois. Que diferença do andar do vagabundo

que por vezes dignava-se a transitar por ali. Andar sem cadência, sem métrica. Andar de dono da cidade. Ele passava calmamente, os dedos sujos, à mostra, gargalhando dentro d'uns restos de sapato. Aqueles pés conheciam de sobra o cimento dos cubículos policiais. Haviam sido pisados por guardas. Rasgavam-se nas cercas, quando tentavam livrar o dono de uma prisão. No inverno, ficavam roxos. Gretavam-se e sangravam. Algumas vezes o vagabundo bebia, e seu andar apresentava alterações. Tornava-se ainda mais irregular. Se Eduardo fosse artista, ficaria desesperado com aquela falta de equilíbrio e simetria. Que levaria aquele homem a viver assim? Embriagado. Com fome. Sem roupa. Por que é que não se fazia alguma coisa por ele? Esse pensamento foi interrompido por passos. Rápidos, secos, seguros da viúva que mora na casa ao lado. Idade incerta, como a maioria das que enviavam moças. Nem feia, nem bonita. Alta. Séria. Respeitada. A vizinhança nada murmura a seu respeito. Tem duas filhas, uma das quais, dizem que é histérica. Os passos se aproximam mais. Surge um pé voluntarioso, calçado por um sapato de camurça já gasto. Outro passo e as pernas estão completamente à mostra. Eduardo grava o que viu e quando ouve o portão da outra casa fechar-se com estrondo, começa a refletir que a vida de D. Eugênia não vai lá muito bem. O mesmo vestido azul, já descorado. Gastos os saltos dos sapatos. As meias de seda costuradas, disfarçando varizes importunas. D. Eugênia era boa pessoa. Pelo andar, Eduardo reconstituía-lhe a vida. Enviuvara há longo tempo, aos 26 anos. Com duas filhas pequenas. Aceitando de início favores dos parentes, Mais tarde começou a notar a hostilidade e frieza dos que a cercavam. Resolveu mudar de vida. Arranjou emprego na Prefeitura. Começou a costurar. Fez-se independente. Aquele andar firme, seguro, rápido, seco, denunciava tudo isso. Era um andar de desafio, revolta e desprezo. Desafio ao destino que teimava em fazê-la humilhar-se. Revolta contra a vida, para ela tão implodosa. Desprezo pelos homens que a perseguiram com intenções maliciosas. Antes do marido morrer, D. Eugênia deveria ter tido outro andar. Suave, delicado, amoroso. Tudo passa. Uma onda de simpatia por D. Eugênia invadiu Eduardo.

Outro personagem que transita por ali àquelas horas é o mecânico que trabalha na garagem da outra rua. Por várias vezes, Eduardo sentiu-se tentado a esperá-lo na calçada, afim de observar-lhe o rosto. Todavia, foi adiando a resolução, e acabou por bani-la. Eis

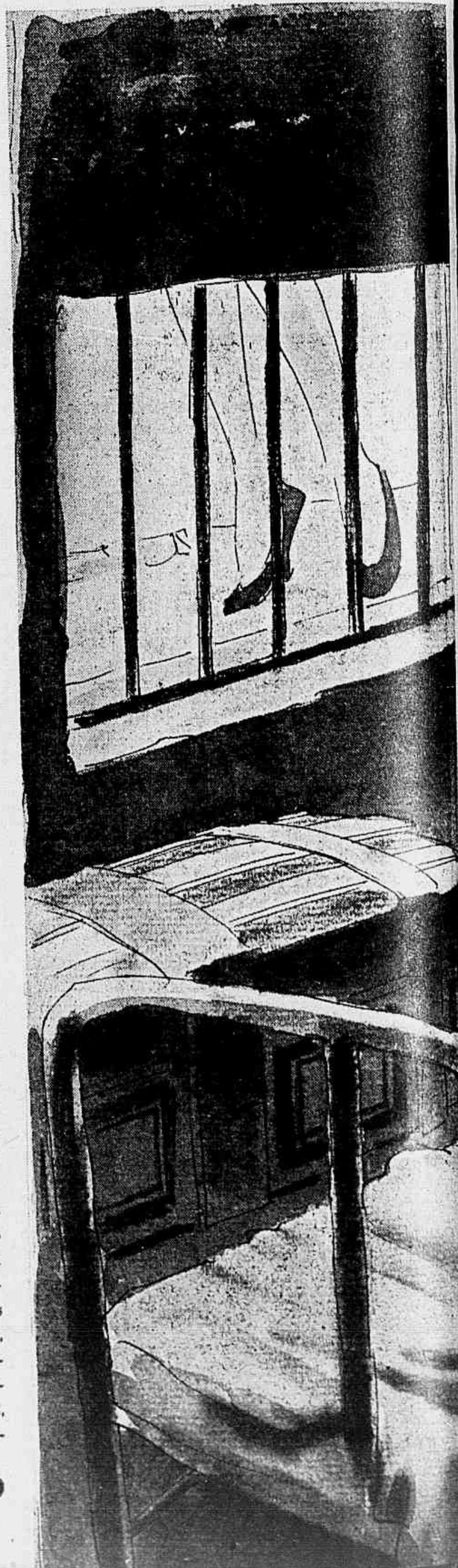
que se aproxima. Seus passos são largos. Firmes e decididos. Ele é um símbolo. Símbolo de todos os operários do mundo, que também caminham com passos largos, firmes e decididos, para um mundo melhor. Eduardo prosseguiria por aí a fora, se não surgissem sem prévio aviso, os pés largos anormalmente grandes, provenientes de canelas longas, magras, secas, do negrinho que entrega marmitas. Nada há para analisar naquelas passadas. Talvez desespero? Estoicismo? Não. Se houver alguma coisa para análise será fome. Fome seguramente, pois a dona da pensão só lhe permite comer quando já entregou o almoço alheio. Que suplício! Aspirando o aroma da comida, que se exala das marmitas, o pequeno caminha sob o sol inclemente. Maldito sol. Como queima! As pedras da calçada, o asfalto da rua, parecem chapa de fogão. Mesmo que ele fosse branco, ficaria preto em três tempos. Porém, aquele sol não pode escurecer mais aquela epiderme. Então, escurece a alma. O menino tem ódio e inveja de todos. Ódio das pessoas a quem entrega a comida. Se não fossem elas talvez estivesse em casa, comendo seu cotidiano feijão com farinha. Inveja do guarda civil que já almoçou e veio substituir o outro. Só não tem ódio da dona da pensão, causa principal dos seus sofrimentos. Tem-lhe medo. Tanto que nem se atreve pensar muito sobre ela.

Eduardo impacienta-se com aquela idéia. Porque ele não vai para um abrigo? Abrigo? Ora, pois se ele fugiu de lá. Tão distraído está que só deu pelos passos do seu José quando ele passou em frente à janela. O andar de seu José era um livro. Nele, quanta coisa a gente lia. Passos semi-arrastados, indecisos, submissos; como pedindo permissão para pousarem no solo. Guarra-livros. Cinquenta anos. Casado. Seu José era sinônimo de capacho. Eduardo, às vezes até pensava que os patrões limpavam os pés em cima dele. Tinha quatro filhos. Três moças e um rapaz. Das filhas, uma casara e ficara morando em casa do pai. As duas outras sofriam de "Mania de Grandesa", o que obrigava o pai a fazer serões, afim de contentá-las. Quanto ao rapaz, Eduardo o conhecia muito bem. Frequentava pela terceira vez o primeiro ano de medicina. Alto. Magro. Não bebia água. As vezes, levava uma semana sem aparecer em casa. Quando isso acontecia, seu José não tinha um minuto de descanso, com a voz da mulher perpetuamente pendurada em seus ouvidos, acusando-o de falta de energia, de moleza e desinteresse pelo filho. Isso em casa. No serviço, os chefes exploravam o pobre homem até as últimas. E, se por acaso notavam-lhe qualquer fra-

queza ou menor atividade, diziam-lhe: — Seu José, quer me parecer que vamos dispensá-lo. O senhor está ficando velho, daqui uns dias não mais dará conta do recado.

E seu José trabalhava sempre, para não ser despedido.

Tudo isso transparecia no andar cansado de seu José. Andar de vencido, pensava Eduardo. Vencido ou vitorioso?



PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"

Difícil dizer. Aguentar uma vida daquelas há 20 anos, era tarefa para mártires, heróis, pessoas privilegiadas. Nunca se ouviu uma palavra de queixa da boca do seu José. Também, a mulher não deixava. Mas se deixasse, era bem pouco provável que ele se lamentasse. Seu José era mais vencedor que vencido.

Completamente diferente, era o andar do comerciante, morador no palacete da esquina. El-lo que se aproxima. Eduardo sabe que é ele pelos passos inflexíveis de suas botinas ferradas. Passos firmes, incrivelmente seguros, não de uma segurança honesta como a do mecânico, mas uma segurança cética. Segurança de quem compra, de quem paga, de quem suborna. Segurança da estupidez. Passos que dizem: "Afastalvos, misera ralé. Eu tenho dinheiro". Aquele homem, quando andava parecia

querer pisar em cima de todos. Gordo. Bem vestido. Ótimos sapatos. Era um dos muitos que enriqueceram com a guerra. Eduardo precisou de muita força de vontade para não esmurrá-lo, quando o viu num comício, onde se celebrava o fim da guerra. Seus negócios estavam melhores do que nunca, e ele não mais queria ouvir referência ao armazém que possuía antes do grande conflito. Duas portas. Bacalhau, feijão e arroz. Regular "stock" de banha, azeite e açúcar, de péssima qualidade que um vendedor esperto lhe impingira. Era sócio dos melhores grêmios, e muito assíduo às reuniões elegantes. Inculto. Atrazado. Aparente.

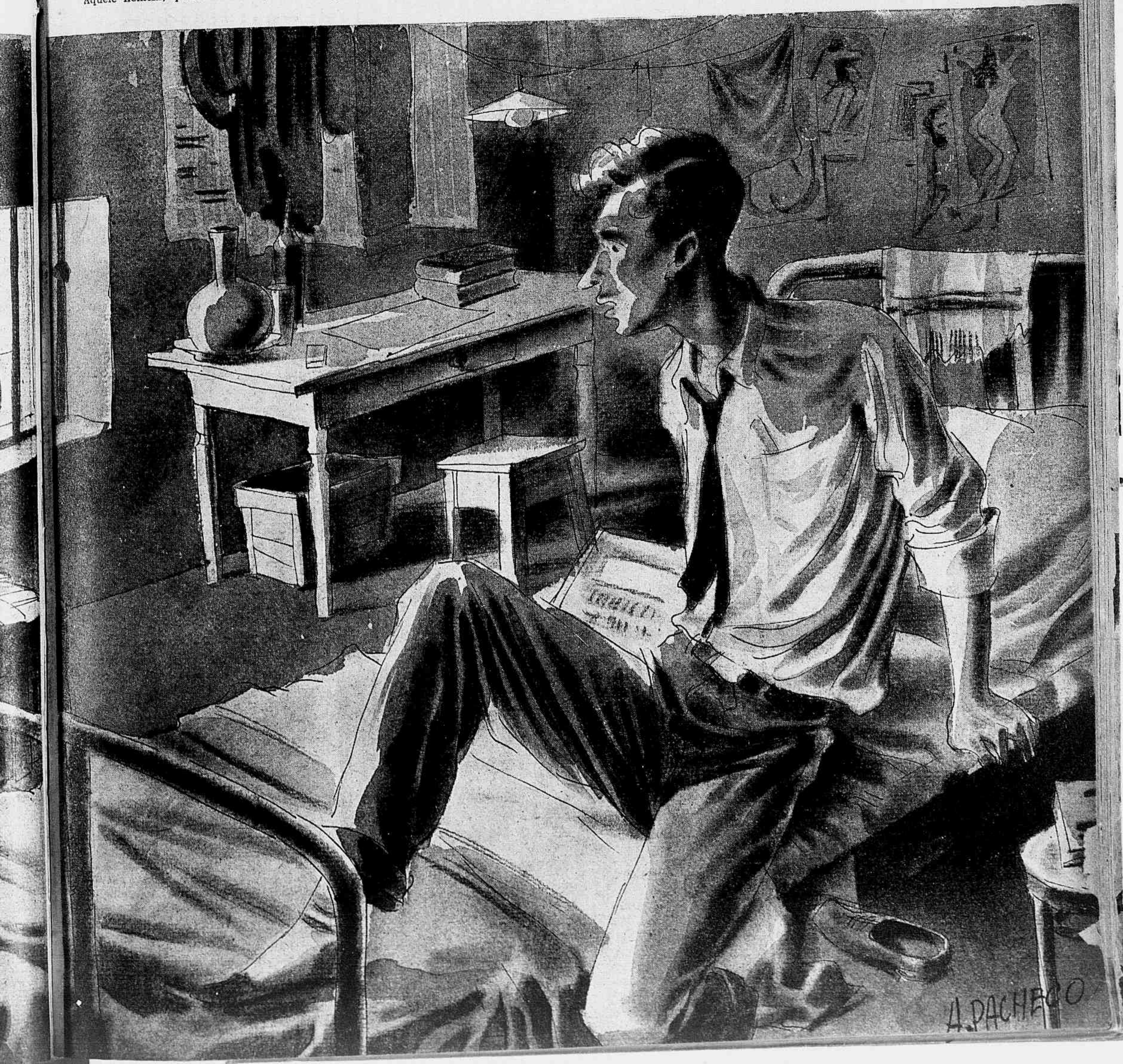
Tudo isso Eduardo via naquele andar.

Engraçado, como ele recompunha as boas ou más qualidades das pessoas somente pelo andar. Pensou em estudar psicologia para aprofundar seus conhe-

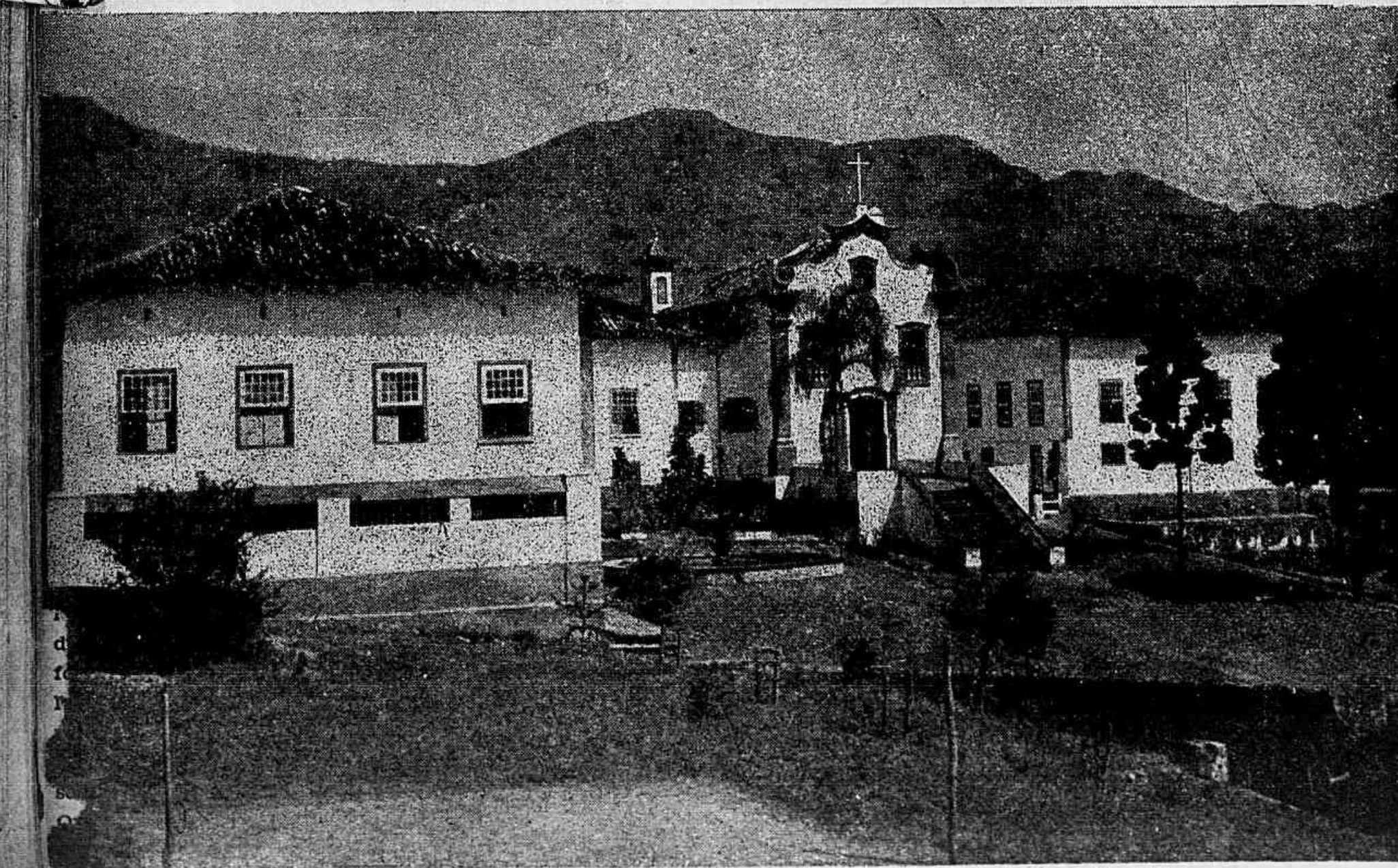
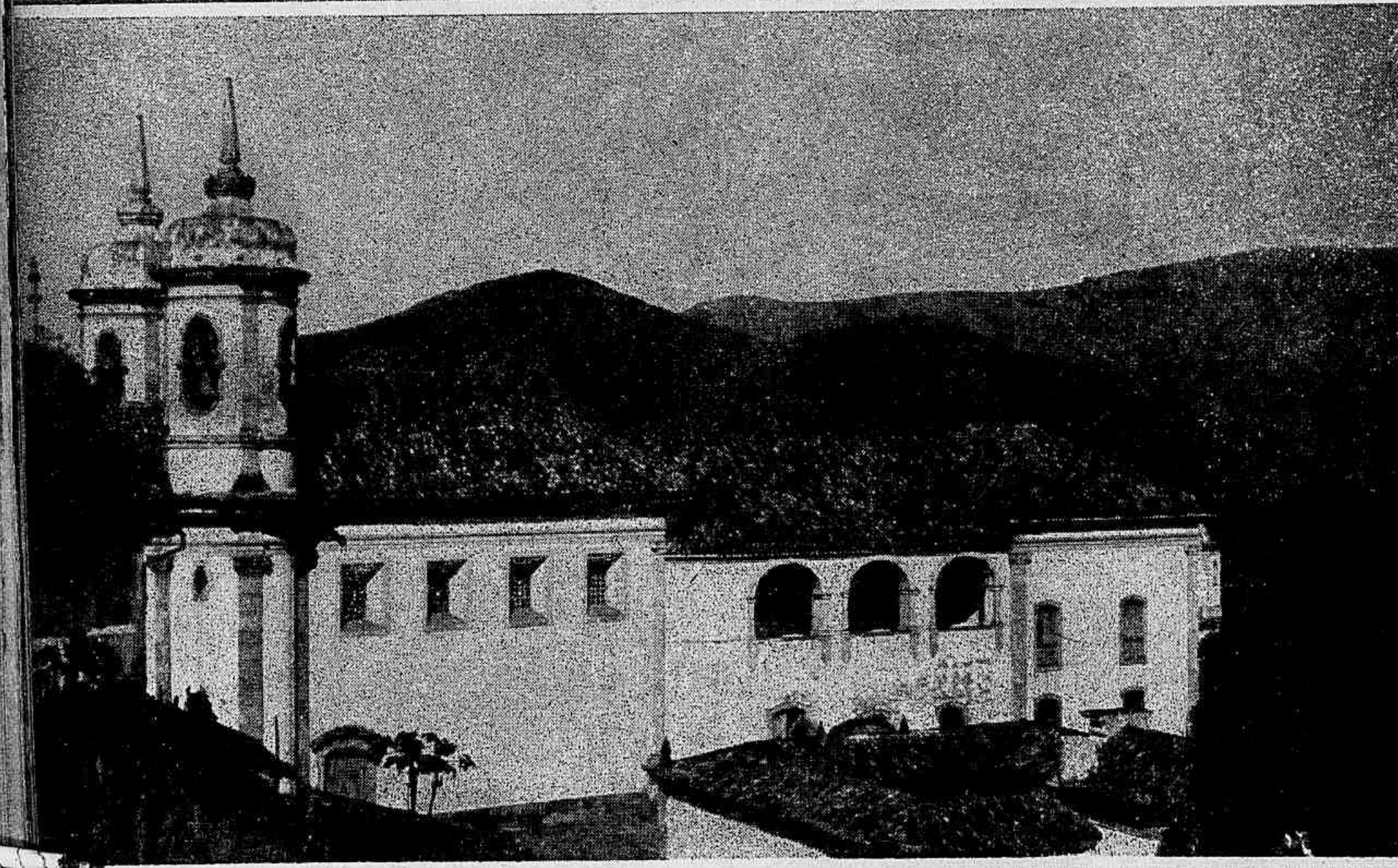
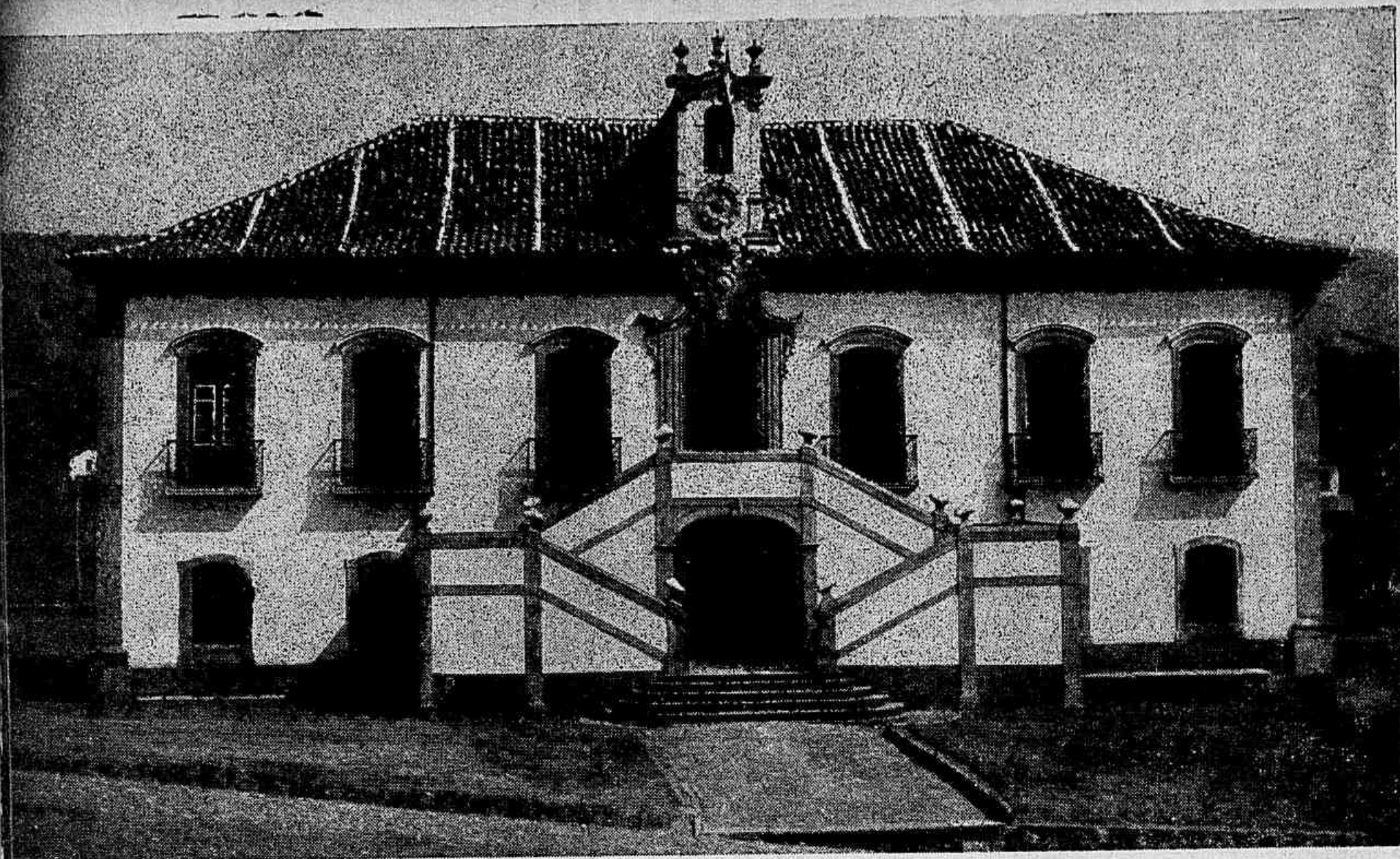
cimentos. Haveria algum capítulo na psicologia que estudasse o caráter dos indivíduos pelo andar? Pouco provável. Então era preciso criá-lo. Eduardo sorriu pensando nisso. Ele, querendo introduzir modificações na psicologia! Quando contasse isso à turma, diriam que estava bêbedo. Então decidiu guardar a idéia para si, e continuar analisando as passadas de todos os que transitavam pela sua janela. Aquele quarto de pensão barata, frio no inverno, abafado no verão, estava fora do mundo. Era algo extra-terreno e dele, Eduardo podia observar as pessoas, tal como Deus em sua janelinha celeste. Deus lá de cima, ele lá em baixo. Todavia, a julgar pelos resultados, vistas de cima, as pessoas dão outra impressão. Talvez a distância dificulte uma visão completa. Talvez por não se ouvir os passos. Que tal se Deus viesse passar alguns

dias naquele quarto de pensão? Seguramente a vida na terra muito mudaria. D. Eugenia não mais teria aquele andar agressivo, mas sim um andar suave, como quando não era viúva. O Negrinho não mais andaria descalço, queimando os pés no sol de verão, ou rachando-os com o frio do inverno. Frequentaria uma escola, e sua alma ficaria branca como o leite que ele nunca tomou. E o vagabundo? Esse mereceria por certo, um cuidado especial. Desentranhar-se-lhe-lam do coração os sofrimentos que o faziam beber. Ele voltaria a sentir-se novamente homem e útil à coletividade. Seu José não sofreria tanto. Os patrões não abusariam mais dele, porque seu José seria diferente. Cris-taria. Protestaria. Agarraria o patrão pelo colarinho, e diria:

(Cont. na pág. 55)



A. PACHECO



TENHO por Minas um velho namoro de caboclo — namoro de longe — vindo desconfio que da leitura dos contos de Afonso Arinos, aí por volta de 1917, quando primeiro começou a bolir com a minha sensibilidade a vida dos perdidos rincões brasileiros, transfigurada pela arte do contador de histórias do "Pelo sertão".

O sertão que conheci na minha adolescência — antes de penetrar um dia pela estrada lisa das águas do Jaguaribe — foi mesmo o desse livro que desde então me tem seguido sempre por onde quer que eu vá, foi nas suas páginas de tão comovido encantamento que olhei primeiro as paisagens do Brasil que não muda: "À beira do caminho das tropas, num taboleiro grande, onde cresciam a canela d'ema e o páu santo, havia uma tapera. A velha casa assombrada, com a grande escadaria de pedra levando ao alpendre, não parecia desamparada. O viandante a avistava de longe, com a capela e a cruz de pedra lavrada, enegrecida, de braços abertos, em prece contrita para o céu. Naquele descampado onde não ria ao sol o verde escuro das matas a côr embaçada da casa suavizava mais ainda o verde esmaiado dos campos."

Meus caboclos de "Tigipió" confesso que muito ficaram devendo ao Pedro Barqueiro e ao Joaquim Mironga. Pois não é que até hoje a voz do Flor não me sai do ouvido? "Naquele tempo eu era franzinzinho, maneiro de corpo, ligeiro de braços e de pernas..."

Dez anos depois, ao dar novo rumo à minha vida, foi a um recanto da Bahia que mais se irmanava com as suas terras que nãe dirigi, abrindo, então, nas Lavras Diamantinas, o capítulo das minhas memórias dos garimpos, por onde andei, tanta vez, pela mão do velho Joaquim Felício dos Santos, dentro das catas e grupi-laras. E, ainda, quando outras curiosidades me levaram de novo para campo diverso, foi também de lá, da doce terra das Gerais, que outra criatura se levantou para tomar no meu apreço o porte dum alto marco de valores estéticos e humanos — o Aleijadinho, com o seu mundo tormentoso da Bíblia, o derrame da sua floração barroca enchendo de espanto as igrejas montanhesas.

Sei que as igrejas da Bahia, com os seus tesouros de talha colorida, os seus azulejos da cor do céu, a sua florada de lampadarios de dois metros de alto em prata maciça, os seus arcazes de jacarandá e marfim encrustado, o seu mundo de santos e madonas de dois e três séculos, em madeira policroma e roupagens de seda coruscante, hão de ter contribuído em muito para a antecipação do primeiro contacto com os templos mineiros, nem há de ser por outro motivo

De cima para baixo: Mariana — Casa da Câmara e Cadeia. Risco e execução de José Pereira Moura. Obra da segunda metade do século XVIII. Igreja de São Francisco de Assis, vista de perfil. Risco geral atribuído ao Aleijadinho, que nela deixou as obras primas máximas do seu gênio de escultor (portada e medalhão de pedra sabão, os pulpitos, os entalhes do altar-mór, etc.). Começara em 1766 e concluída no século XIX. Principal construtor: Domingos Moreira de Oliveira. Mariana — Seminário de N. S. da Boa Morte. A Capela é obra de José Pereira Arouca e data da segunda metade do século XVIII.



A esquerda: Congonhas do Campo — Profeta Daniel — Escultura de pedra sabão. Concepção e execução de Antonio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Obra do começo do século passado, adornando o adro do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos, com as estátuas dos demais profetas bíblicos. A direita: Mariana — Portada da Igreja de São Francisco de Assis (autor ainda não identificado). O risco da Igreja é de José Pereira dos Santos e a execução de José Pereira Arouca. Começada em 1763 e terminada em 1794.

ROTEIRO DO CICLO DO OURO

que posso recordar familiarmente, a cada instante, qualquer das suas naveas mais belas, qualquer das suas mais preciosas joias de madeira de lei ou pedra sabão, seja o maravilhoso mobiliário do Consistório da Igreja do Carmo S. João del Rey, tão irmão do que se admira na Sala do Cabido do convento da mesma invocação na Bahia — a mesma sala onde os holandeses assinaram a capitu-lação — seja a grande pia batismal, flor de pedra desabrochada na matriz de Sa-bará, do mesmo porte daquela outra da velha capelinha alpendrada de São José do Genipapo, seja o deslumbramento do lavabo da sacristia de São Francisco de Assis de Ouro Preto, que reproduz, numa hesga do templo veneravel o flamejante panejamento de anjos, santos, cariatides, indios e flora da fachada da Ordem B.ª de São Francisco, da capital balana.

OURO PRETO NO "FOG"

Outras coisas também de emoção misturada a coisas literárias me ligam há muito às cidadezinhas das terras altas do Brasil. E' assim que nunca mais me

**NAMORO DE CABOCLO — AFONSO ARINOS E A SUA
LIÇÃO BRASILEIRA — DO JAGUARIBE A VILA RICA —
AVENTURAS DE MINAS — SHAKESPEARE E MARILIA —
CHOVE OURO DO PASSADO.**

Reportagem de
HERMAN LIMA

Fotos de
EDGAR CERQUEIRA FALCÃO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

esquecerel de duas visitas que Ouro Preto me fez, inteirinha, na cidade justamente mais diversa dela própria, quando, pelos começos de 1938, recebi em Londres, a pequeno intervalo, o "Roteiro lírico de Ouro Preto", de Afonso Arinos de Melo Franco (o segundo Afonso Arinos) e o "Guia de Ouro Preto", de Manuel Bandeira, com ilustrações de Luís Jardim. Dias e dias, por entre o "fog", andei com os três, o poeta, o prosador e o pintor, de prosa e de traços tão líricos, todos eles, a subir e deger as ruas da velha Vila Rica, au-

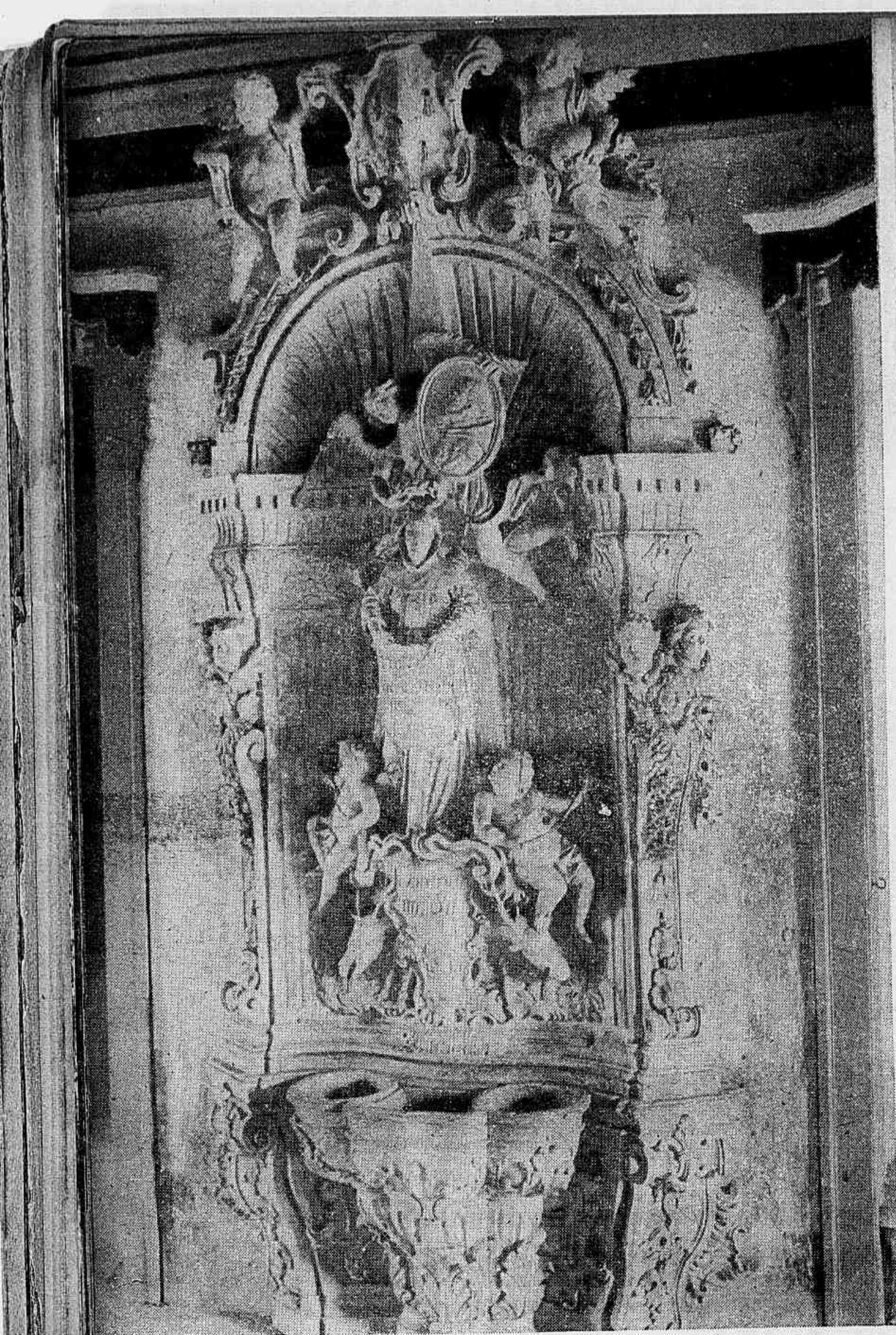
mentando assim à larga o meu namoro antigo, a ponto de poder também repetir já hoje, com o cronista do "Roteiro", que, através de leituras literárias, críticas e históricas, adquiri um conhecimento suficiente e um amor mineiro por aquelas ladeiras, aquelas pontes, aqueles chafarizes, que só me falta agora ver, o mesmo acontecendo com Sabará, depois da leitura da "Viagem" que por lá fez e de que nos dá conta Carlos Drummond de Andrade, nessas suas tão profundas "Confissões de Minas".

Ouro Preto, Sabará, Barbacena (que o

exílio de Georges Bernanos durante a guerra sagraria dum prestígio hoje universal), são nomes, portanto, que ficaram vivos no rol das minhas predileções de cidades do passado, no mesmo plano de Florença, Bruges, Toledo ou Oxford.

Por mais estranho que pareça, no entanto, ao cabo de tantos lustros, o namoro de caboclo ainda continúa, pois de tanta andança, por este mundo não houve jeito de levar meus passos àquelas bandas. Por lá andei, é verdade, mas do alto de dois mil metros, num bimotor da NAB, porque por terra não fui além de Juiz de Fora e de Palmira, algumas vezes, quando, por sinal, quem vou encontrar na primeira parada do trem, ao entrar no Estado? O meu querido Afonso Arinos que parecia vir do fundo da sua fazenda, para me esperar com o seu cartão de visita, numa placa de estaçãozinha sertaneja, tão afim com os seus gostos de toda a vida.

Que admira isso, porém, quando mineiros dos mais mineiros, como o mestre



A esquerda: Ouro Preto Maravilhoso lavabo da sacristia da Igreja de São Francisco de Assis. Escultura de pedra sabão atribuída unanimemente ao Aleijadinho. Oferta dos sacristãos de 1777, 1778 e 1779, os quais custearam as despesas de sua elaboração. A direita: Sabará — Pia batismal da Matriz de N. S. da Conceição. Escultura de pedra sabão, de autor desconhecido.

segundo Afonso Arinos já passava dos trinta, quando foi na primeira romaria a Ouro Preto e Carlos Drummond, até o tempo daquela viagem a Sabará, pelo menos, imaginava apenas como seria Vila Rica, São João del Rey e Mariana? Não que não sejam anseios os dois, pois muito embora Drummond tenha descrito, como o escrivão Caminha, toda a sua maior aventura, a de certa travessia da Guanabara, no rumo de Niterói, o outro, desde menino, andava pelas ruas de Paris, passava o inverno na Suíça, corria as estradas de ferro da Holanda e da Bélgica.

Coisas talvez de estranho sortilégio feminino de que lancem mão as velhas cidades, na faceirice de se verem cada vez mais requestadas de longe, pelo desejo das coisas insatisfeitas, tão ao molde do coração humano. Porque não sei de nada mais humano do que essas velhas cidadezinhas, onde cada canto de rua, cada sombra de beco, pedra de chafariz, arco de ponte, tem a sua história, por onde cada passo de criatura tocada de graça pelos dons do amor ou da morte, do gênio ou da fatalidade, seja Marília ou Don Juan Tenório, Shakespeare ou Borba Gato, deixou o rastro pregado na poeira das ruas, como o do Salvador, na igreja do Ara Coeli de Roma.

A EUFONIA DO PASSADO

Cidadezinhas que nos dão ao mesmo tempo, como tão bem especifica o poeta da "Rosa do Povo", a par de uma revelação de coisas que os livros não trazem, uma surpresa imanente, uma sensação de queda no abismo, "talvez o abismo dos séculos, quem sabe?" pela mudança inesperada de planos e a nostalgia das origens. É que "o passado dói fisicamente quando nos aproximamos dele com os olhos ainda cheios do presente — o poeta analisa. — As linhas, cores e volumes de outrora, tão brutalmente distintos dos de hoje, ofendem, machucam a nossa sensibilidade. Sair de uma avenida perfeitamente arborizada, arejada, iluminada, policiada e de repente platf! cair de chofre na ladeira do Kakende... (Estes dois kás não são já duas pedras pontudas. Enfim, depois de algum tempo o espanto, o susto, a dor (falo das sensibilidades alerta, é claro) se confundem e misturam num sentimento vasto e bom, numa euforia demorada, envolvente, candida; beatitude do corpo em paz com a alma, da alma que se espreguiça sorrindo dentro do corpo, e o espírito da gente se dissolve no passado."

Essa profusa sensação a que se mistu-

ra a saudade duma era que não foi nossa e a angústia da precariedade da hora que passa e de que se acham impregnadas todas essas amoráveis e gloriosas cidadezinhas mineiras acaba de renová-la integralmente, com tudo o que me faltava ainda conhecer de lá, algum recanto mais humilde, alguma sombra de nave, algum bequinho esquecido, certo painel de santo primitivo, tudo ganhando corpo noutra romaria, desta vez dos olhos, objetivamente, pelas páginas dum copioso volume de imagens fotográficas, o admirável repositório das "Relíquias da Terra do Ouro", que um médico baiano, Edgar Cerqueira Falcão, lhes dedicou, como havia feito há alguns anos com a sua terra.

Grande livro, êsse, que é muito mais do que um conjunto de páginas ligadas entre si, porque representa o mais rico e suntuoso documentário jamais apresentado no Brasil, respeito a qualquer tema, andando em perto de quatrocentas as reproduções pelo mais moderno processo gráfico, o da rotogravura monocroma, a que se juntam, quase duas dezenas de outras em rotogravura colorida de filmes Kodachrom que nos permitem admirar, com a mais rigorosa perfeição, os matizes tão sutis nos seus rosas e nos seus azuis dos painéis dos tetos das

igrejas de Mariana, Ouro Preto e Sabará, como nas nuances do seu céu e as roupagens dos seus santos de nichos e altares, dentre o derrame de ouro dos ornatos espetaculares.

É toda a história das Minas Gerais que se desenrola, em flagrantes de intenso realismo e beleza gráfica, desde o passo inicial das bandeiras em busca da prata e das esmeraldas, até o advento das descobertas do ouro na serra do Espinhaço.

O CICLO DE OURO EM SOMBRA E LUZ

Cada página é uma visada dos dias pretéritos, a crônica em sombra e luz dos fastos do ciclo do ouro e da Inconfidência, o perpassar da mais bela história das lutas da libertação em nossa terra.

No começo, era a serra nua, com os seus espigões de pedra, dentre os quais o Itacolomi "com sua fôta muçulmana de leves nuvens", as suas grotas, os seus borocotós, crispados de galhadas e cipoais impérvios, até que um dia o negro da bandeira paulista levantou nas mãos resplandecentes o primeiro punhado de ouro. Foi então a corrida desabalada de aventureiros de todos os sertões de roda, a avalanche humana rolando pelas penedias, destrocada sob os enormes blocos que o passo dos van-

guardelros la soltando pela altura, o assalto sem rumo nem guia às cumladas o fremente fervilhar das grunas subterrâneas, o insofrido escavar da terra miraculosamente adereçada de ouro como divindade mitológica, tal qual Claudio Manuel da Costa evocaria no seu poema "Villa-Rica",

Nus os braços e os pés, mal socorridos
Do necessário à vida estão metidos
Por entre as feras e o gentio adusto,
Cada um, de si só, perdido o susto,
Se embosca ao centro dos sertões, se
Já pelo serro, já pela montanha.

O tráfico negro enchendo-lhe depois monte e vale, muita vez a tribo inteira, com o seu rei e os seus maiores, como aquela de que Afonso Arinos, nas páginas de tão límpida beleza da "Atalla bandeirante" lembra a história que veio até nós: "Nivelados pelo mesmo infortúnio, soberano e vassallos, estes guardaram sempre ao rei a antiga fé, o mesmo amor e obediência. A custa de um trabalho insano, feito nas curtas horas reservadas ao seu descanso, o escravo-rei pagou a sua alforria. Forro, reservou o fruto do seu trabalho para comprar a liberdade de um dos da tribo; os dois trabalharam juntos para o terceiro; os três para o quarto e, assim, sucessivamente, libertou-se a tribo inteira! Então erigiram a capela de Santa Ifigenia, princesa da Nubia. Ali, ao lado do culto à padroeira, continuou o culto ao rei negro, que, pelos seus, foi honrado como soberano e legou às gerações de agora a lenda suave do Chico-Rei."

Terras das Gerais, tocadas pela suave magia da história de amor de Marília, cuja casa, como a do desembargador Gonzaga e a de Claudio Manuel da Costa, ainda lá se acham de pé nas encostas de Ouro Preto, a mesma Ouro Preto ainda hoje palpitante à memória dos seus fastos cívicos e religiosos, dentre estes primando até agora a "indescritível pompa" da procissão do Triunfo Eucarístico, de 1733, verdadeiro mar de plumas, sedas e ouropels trançados espetacularmente com o produto das suas minas fabulosas, a rolar pelas íngremes ladeiras, pelas pontes romanas e pelas praças tranquilas, horas e horas, entre o pasmo dos forasteiros, como está descrito no folheto de Simão Ferrelira Machado, lembrado por Manuel Bandeira: "O cortejo dá bem idéia do luxo incrível que contrastava com o quadro pobre da edificação: danças de Turcos, danças de Romeiros, os quatro Ventos Vestidos à trágica, os sete Planetas precedidos da Fama, a Igreja Matriz, os dois morros que limitam a vila-Ouro-Preto e Ouro-Fino — tudo isso personificado, desfilou

(Cont. na pág. 55)

De cima para baixo: São João del Rey — Mobiliário do Consistório da Igreja do Carmo (autor desconhecido). — Ouro Preto — Velha litleira conduzida por muare. Peça hoje recolhida ao Museu da Inconfidência. — Ouro Preto — Matriz de Antonio Dias. Dedicada a N. S. da Conceição. Risco e execução de Manuel Francisco Lisboa, pai do Aleijadinho. Começada em 1727. Divisa-se, além do templo, a famosa mina de ouro da Eucardideira, onde lavrou o lendário Chico-Rei.





A Falena

O JVIRAM provavelmente falar de Hapley, não de W. F. Hapley, filho, mas sim do célebre Hapley, o Hapley do Periplaneta Hapliia, Hapley o entomologista. Então devem conhecer, sem dúvida, a grande controvérsia que se estabeleceu entre Hapley e o professor Pawkins; entretanto, algumas particularidades dela lhes serão talvez desconhecidas. Para os que não estão ao corrente desta controvérsia, são precisas algumas palavras de explicação: o leitor preguiçoso percorrê-las-á com um olhar rápido, si a sua indolência assim o aconselha.

Fica-se surpreso ao constatar quão pouco conhecido é um fato verdadeiramente tão importante, como é a controvérsia Hapley-Pawkins. Ainda uma vez, as controvérsias que fazem época, que agitam o seio da Sociedade de Geologia, são, creio bem, quase inteiramente desconhecidas de todos os que não fazem parte da companhia. Tenho até mesmo ouvido homens, de boa instrução geral, fazerem alusão às grandes cenas destas contendas, como se fossem simples bate-boca de sacristães. Entretanto!... o ódio dos geólogos ingleses e escoceses dura há meio século, e, como dizem os jornais, "deixou na ciência profundos e numerosos vestígios." Pois bem, a contenda Hapley-Pawkins, se bem que de carácter talvez mais particular, sublevoou os espíritos e despertou paixões pelo menos tão profundas quanto o antigo ódio dos geólogos ingleses e escoceses. O vulgo não faz idéia do ardor que chega a animar um sábio investigador, da raiva de contradição que se pode fazer nascer em seu espírito. E' como agora chamam, o *illum theologicum*. Há homens, por exemplo, que, com alegria, veriam queimar vivo o professor Ray Lankester de Smithfield, por causa do modo por que ele discorreu sobre os moluscos na Encyclopaedia.

Essa extensão fantasista dada ao grupo dos cephalopodes, englobando-os com os pteropodes... Mas estou a desviar-me da questão Hapley-Pawkins.

Começou a controvérsia, há bastantes anos, por uma relação, feita por Pawkins, dos microlepidopteros (dos quais não quero falar), na qual ele dava como extinta uma nova espécie descoberta por Hapley. Este, sempre batalhador, respondeu com uma crítica mordaz de toda a classificação dada por Pawkins. Paw-

kins, com uma réplica, deu a entender que o microscópio de Hapley era tão defeituoso quão fracas as suas faculdades de observação; chamou o adversário de "sedicioso irresponsável" (Hapley não era ainda professor nessa época). Hapley, em resposta a esta réplica, falou de "certos compiladores inconsiderados", e qualificou, como que por inadvertência, a relação de Pawkins de "milagre de inépcia". Estava declarada a guerra entre os dois. Entretanto, será sem interesse para o leitor saber a relação detalhada da luta entre estes dois grandes homens, e, como a controvérsia se estendeu tanto que, adversários primeiramente só na questão dos microlepidopteros vieram a sê-lo em todas as questões em que já tinham estado de acordo na entomologia. Houve fatos verdadeiramente memoráveis; e as reuniões da Sociedade Real de Entomologia eram, algumas vezes, o que há de mais parecido com as sessões da Câmara dos Deputados.

Em resumo, creio que Pawkins se achava mais perto da verdade do que Hapley. Porém, Hapley era bom orador, sabia empregar a ironia com habilidade pouco comum em um homem de ciência; era, além disso, dotado de grande energia, e estava possuído de vivíssimo sentimento de cólera pelo que lhe haviam feito, dando como extinta uma das suas espécies. Pawkins era um homem sem aparência, o seu corpo assemelhava-se a um tonel; os seus discursos eram massantes, conscienciosos em excesso nos testemunhos; suspeitavam-no de fazer tráfico de nomeações com o Museum. Os rapazes eram todos partidários de Hapley e aplaudiam-no sempre com entusiasmo. Foi uma guerra longa, áspera desde o princípio sempre mais e mais exasperante até o fim, chegando a um encarniçamento desapledado.

As diversas alternativas, vantagem de um lado, vantagem do outro, ou Hapley vexado por causa de uma vitória alcançada por Pawkins ou Pawkins eclipsado por Hapley, pertencem mais à história da entomologia do que à nossa presente narração.

No ano de 1891 Pawkins, cuja saúde há tempos se alterara, publicou um trabalho sobre o "mesoblasto" da Falena de cabeça de caveira. Pouco importa ao leitor saber o que vem a ser

(Cont. na pág. 53)

A VIDA DE ARISTÓTELES

(384 A. C. — 322 A. C.)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela "REVISTA DA SEMANA", com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

Um dia, em meados do verão do ano de 386 apresentou-se um jovem para matricular-se na Academia de Platão. Vinha da cidade macedônica de Estagira, o "Oeste Selvagem" do mundo ateniense. Sem embargo, nada havia de vaqueiro no guapo rapaz. Era a imagem perfeita do requinte, pois fora educado num ambiente de cultura. O pai, já falecido, fora médico na corte de Amintas, rei da Macedônia e avô de Alexandre. Desde a primeira infância, fora, o jovem Aristóteles, adestrado para uma vida de disciplina mental e conforto físico.

Sua chegada à Academia provocou sensação entre os demais estudantes. Porque se tratava de um aristocrata dos aristocratas — afável, bizarro, gracioso, de voz branda, delicado, polido, modelo de bom proceder e de elegância no trajar. Na realidade, era algo casquilho. Falava com um ceceio afetado, e prestava mais atenção às suas roupas — como se queixava Platão — do que convinha a alguém que amasse sinceramente a sabedoria.

Evidenciava, contudo, aptidões intelectuais, incrivelmente variadas. Parecia quase impossível um só espírito estar aberto a tantas facetas do conhecimento. Política, drama, poesia, física, medicina, psicologia, história, lógica, astronomia, ética, história natural, matemática, retórica, biologia — eram estes alguns pratos apenas do variadíssimo banquete com o qual procurava o jovem estudante alimentar o seu voraz apetite de saber. De certa feita, observou Platão que a sua Academia se compunha de duas partes — o corpo de seus estudantes e o cérebro de Aristóteles.

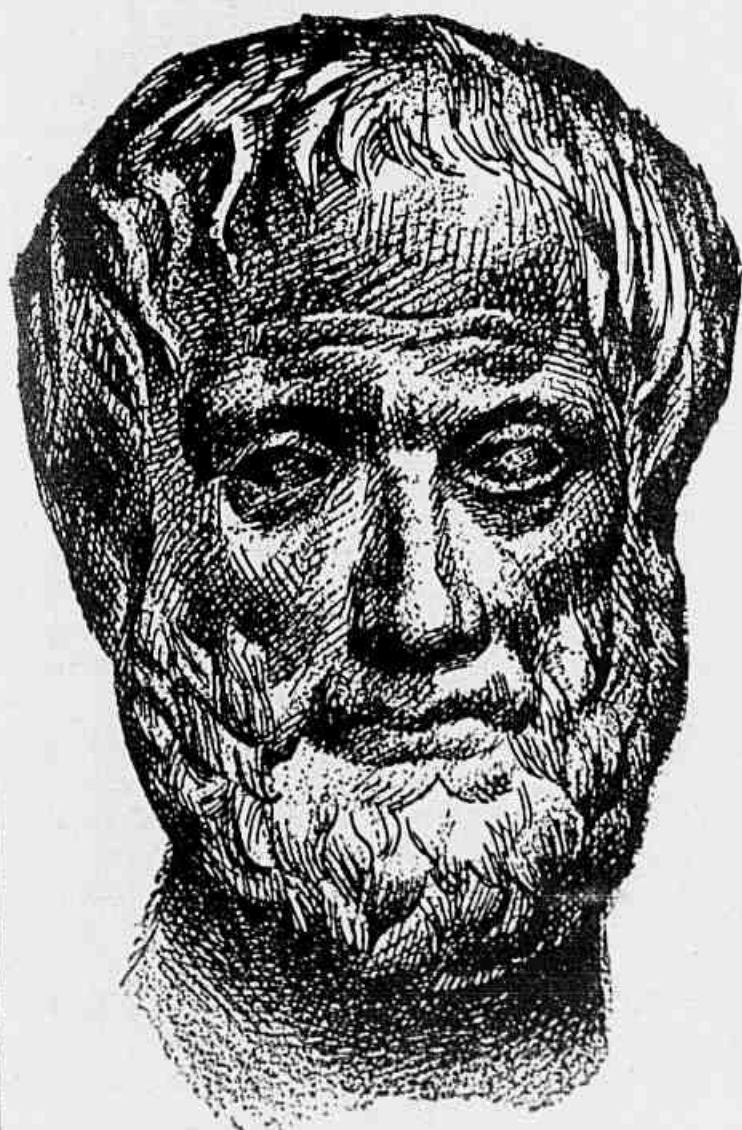
Como era de esperar, o maior mestre e o estudante mais insigne de Atenas não poderiam continuar juntos. Quando um grego se encontra com outro, especialmente num nível de igualdade mental, o choque torna-se iminente. O jovem e o velho filósofo disputavam amplitude de bem que mutuamente se adorassem.

Ao morrer Platão (347 a. C.), tinha Aristóteles trinta e sete anos de idade. Esperava justamente ser escolhido como sucessor de Platão na Academia. Todavia, foi decepcionado. Os administradores da Academia rejeitaram-no como "estrangeiro" e elegeram, em seu lugar, um ateniense. Irritado com seu fracasso, procurou Aristóteles uma oportunidade para sair de Atenas. Veio-lhe essa, sob a forma de um convite de um de seus antigos discípulos, Hermias. Esse filósofo-político obtivera a suserania de um grande território na Ásia Menor. Como Dionísio, rei de Siracusa, almejava experimentar um governo sábio, contanto que a sabedoria não lhe interferisse nas riquezas. E, assim, convidou Aristóteles para ensiná-lo como conciliar a justiça abstrata com o esbulho concreto.

Aristóteles, porém, interessava-se apenas pela justiça. Falhou, portanto, em sua missão de afastar o amigo da procura de riquezas e encaminhá-lo no sentido da equidade. Conseguiu, entretanto, casar com Pitta, a encantadora filha adotiva de Hermias. E enquanto amasse a moça por si mesma, não objetou ao belo dote que ela trouxera consigo. Aristóteles, como veremos, não era contrário a uma "justa medida" de prosperidade. Em realidade, considerava-a como um dos requisitos essenciais a uma vida feliz.

Casou com Pitta, empregou o seu dinheiro, e passou a lua de mel a catar conchinhas do mar para seus estudos científicos.

Terminada a lua de mel, voltou à corte de Hermias. Foi curta, entretanto, sua estada nessa corte. As intrigas de Hermias haviam despertado a ira de um rei persa.



ARISTÓTELES

Os persas invadiram-lhe o país, aprisionaram-no e crucificaram-no.

Mais uma vez viu-se Aristóteles sem pátria e sem emprego. Novamente, contudo, acudiu-lhe em auxílio um amigo real. Desta feita, o rei Filipe da Macedônia, filho de Amintas e pai de Alexandre, que o convidou para residir em seu palácio como tutor de Alexandre.

Quando Aristóteles voltou à corte na qual seu pai servira como médico real, sentiu-se "como peixe fora d'água". A atmosfera macedônica, naquele momento, não era adequada à meditação filosófica. Era uma atmosfera de desregrada ambição, bárbaro esplendor e bárbara vulgaridade. O rei Filipe era homem de inteligência superior mas de baixa educação. Usava de uma linguagem orçada de erros gramaticais. "Não sou um bárbaro", insistia, e não desejava também que seu filho fosse "um bárbaro". Na verdade, queria que Alexandre se transformasse num requintado filósofo. Tanto valia querer transformar uma fervente voragem em plácido lago. Era Alexandre o filhote indomado de um leão feroz. Em realidade toda a corte semelhava uma floresta de feras raivosas. Disputas, duelos, devassidões, assassinios — tudo isso andava na ordem do dia. Olímpia, a esposa do rei Filipe, chegava às raias da loucura, e seu marido e seu filho não lhe ficavam muito atrás. Num dos banquetes reais tentou Filipe apunhalar Alexandre porque o menino o insultara. E Alexandre, para que o não superassem, desfechou um ataque homicida contra o pai. Felizmente para os dois, mas infelizmente para o mundo, conseguiram os circunstantes apartá-los.

Tal era o turbulento ambiente familiar que Aristóteles fora encarregado de suavizar com a "doçura ad sabedoria". Debalde, porém. Sonhava Filipe havia muito com a conquista do mundo inteiro. Entretinha-se por ora em levar a cabo a primeira parte do seu sonho imperialista — a subjugação dos Estados gregos. A todos apresentou uma política de "apaziguamento", e, quando os Estados gregos (como os Estados europeus em 1938-40) se embalaram numa falsa sensação de segurança à vista de suas promessas insinceras, enguliu-os, um a um. Mas em meio a seu triunfo, foi assassinado; e Alexandre, o pupilo de Aristóteles, abandonou a filosofia teórica do mestre pelos sonhos práticos do pai. Completou a campanha interrompida de Filipe contra os gregos e encetou, depois, a conquista do resto do mundo. Como um freio contra a própria impetuosidade levou consigo o filósofo Calístenes, discípulo e sobrinho de Aristóteles. Calístenes, todavia, não logrou pôr termo à impetuosidade de Alexandre. Ao contrário, Alexandre pôs termo à vida de Calístenes. Enfurecido ante a recusa do jovem em considerá-lo como um deus, ordenou que Calístenes fosse enforcado.

Viu-se de novo Aristóteles entregue aos próprios recursos. Fôra à Macedônia em busca da glória política. Como político regressava agora mais triste a Atenas, mais sábio como filósofo. Partara-se da vida prática. Daquele momento em diante devotou-se à vida acadêmica.

Por felicidade estava em situação de mergulhar profundamente em seus estudos. Além de sua fortuna de modo algum desdenhável, recebera do rei Filipe a soma de oitocentos talentos — igual, em poder aquisitivo, a cerca de Cr\$ 80.000.000,00 — para as suas investigações científicas. Contratando perto de mil assistentes, enviou-os a todas as partes do mundo afim de coligir material e espécimes para uma vasta enciclopédia de filosofia e ciência.

Aristóteles, todavia, era mais que um pesquisador. Era, antes de tudo, um professor. Magoado ainda pela sua derrota como candidato à presidência da Academia, abriu uma escola rival, o Liceu (assim chamado por estar situado no bosque dedicado a Apolo Lício, o defensor dos rebanhos contra os lobos). Aí reuniu o seu rebanho de estudantes e preparou-os para lutar contra os lobos da ignorância. Pela manhã, proporcionava cursos técnicos aos discípulos mais adiantados e, à tarde, dava aulas públicas ao povo em geral.

Deixaram-nos, os seus contemporâneos, vívido retrato de Aristóteles como conferencista. Calvo e um tanto barrigudo (porque se aproximava agora dos cinquenta anos), cuidadosa e mesmo ostentadamente vestido, as pernas finas e os olhos penetrantes, a língua afiada, falava com o seu ceceio infantil ao conduzir, acariciar e satirizar os auditórios, nas sendas da sabedoria. Infatigável por natureza, era incapaz de ficar quietamente assentado ao fazer as suas palestras, especialmente pela manhã, quando os alunos eram pouco numerosos. Discorria com eles de um lado para outro entre as colunatas, expõe as

suas idéias e respondendo-lhes às perguntas, e assim ganhou para o seu Liceu o apelido de escola Peripatética — a escola dos Filósofos Ambulantes. Até hoje é a filosofia aristotélica conhecida como o sistema peripatético.

Assistamos a algumas das sessões dessa escola, afim de que possamos vislumbrar o sistema aristotélico de filosofia. Não entraremos em suas volumosas observações científicas, por fascinantes que sejam, uma vez que tais observações constituem mais um catálogo de fatos desorganizados que uma síntese de pensamento orgânico. Expliquemos, contudo, de passagem, que a imperfeição do conhecimento científico de Aristóteles não era devida a nenhuma imperfeição de seu espírito, mas à ausência de instrumentos científicos necessários. Sem um telescópio de um lado ou um microscópio de outro, não podia ele fazer idéias da vastidão do universo nem da pequenez de suas partes. Em virtude dessa desvantagem, tem hoje a ciência de Aristóteles interesse histórico, porém não valor prático.

Chegando, todavia, à sua filosofia especulativa, encontramos-nos em terreno mais universal. Porque ele levanta três tópicos que dizem respeito de modo tão vital à nossa geração presente como diziam à sua. Esses três tópicos são Deus, o Estado e o Homem. Qual é a natureza de Deus? Qual é a melhor espécie de governo para o Estado? E qual é o comportamento mais desejável para o Homem? Estuda Aristóteles a natureza de Deus em sua Metafísica, o governo do Estado em sua Política e a moral do Homem em sua Ética.

II

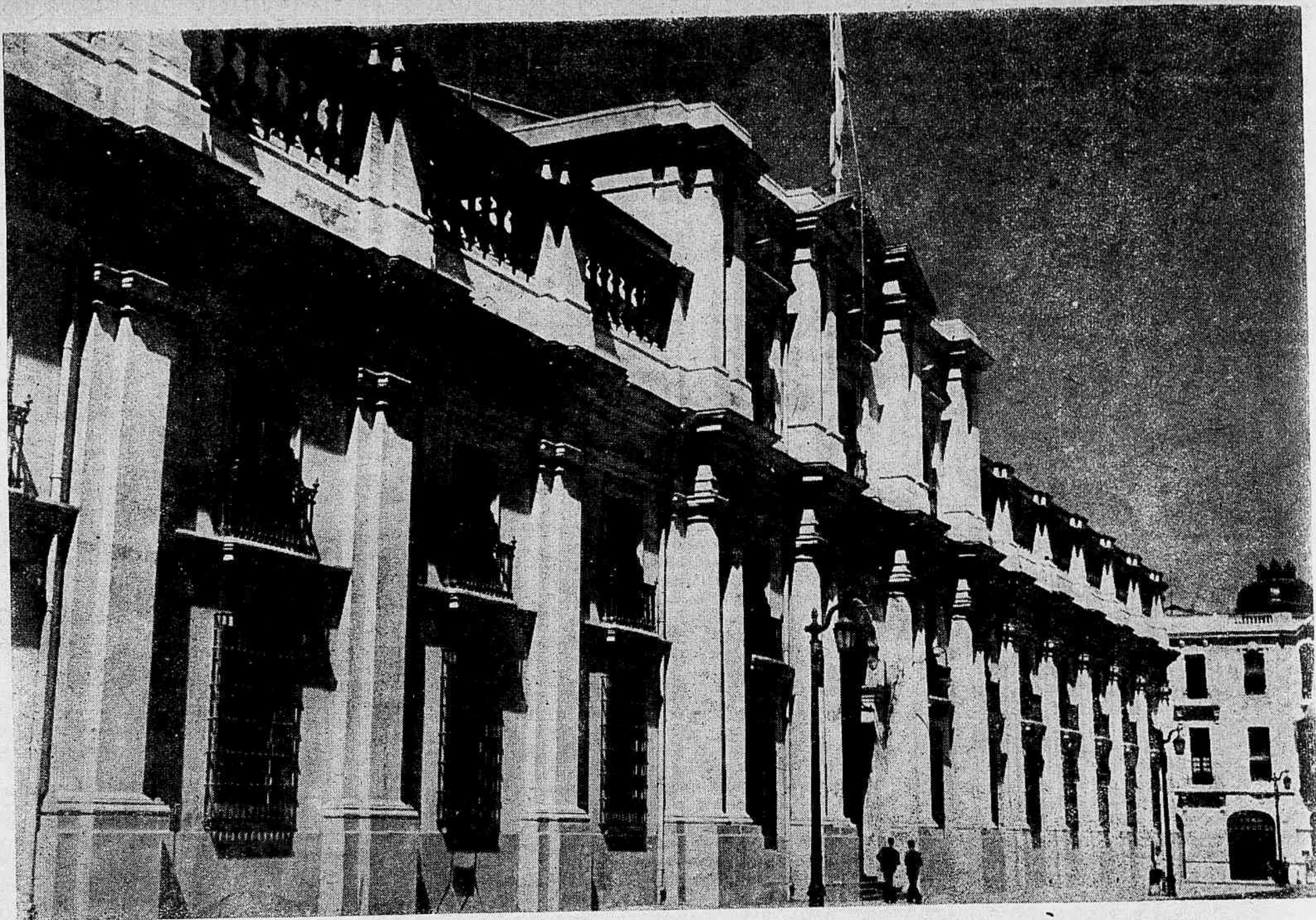
No sistema filosófico de Aristóteles não é Deus o Criador do Universo mas a Causa de seu movimento. Porque o Criador é um sonhador, e um sonhador é uma personalidade insatisfeita, alma que anseia por algo que não existe, ser infeliz que busca a felicidade — em suma, criatura imperfeita que aspira à perfeição. Mas Deus é perfeito e, sendo perfeito, não pode ser insatisfeito ou infeliz. Não é, portanto, Criador mas o Motor do Universo.

Mas que espécie de Motor? A essa pergunta responde Aristóteles que Deus é o Motor não movido do universo. Toda e qualquer outra fonte de movimento no mundo, seja uma pessoa, seja uma coisa, seja um pensamento, é (de acordo com Aristóteles) um motor movido. Dessa sorte, o arado move a terra, a mão move o arado, o cérebro move a mão, o desejo de alimento move o cérebro, o instinto da vida move o desejo do alimento, e assim por diante. Em outras palavras, a causa de todo movimento é o resultado de outro movimento qualquer. O amo de todo escravo é escravo de algum outro amo. O próprio tirano é escravo de sua ambição. Deus, no entanto, não pode ser resultado de nenhuma ação. Não pode ser escravo de amo nenhum. É a fonte de toda a ação, o amo de todos os amos, o instigador de todo o pensamento, o Motor não movido do mundo.

Além disso, Deus não se interessa pelo mundo, muito embora se interesse o mundo por Deus. Pois interessar-se pelo mundo significa sujeitar-se a uma emoção, deixar-se mover por preces ou imprecações, ser capaz de modificar o próprio espírito em virtude das ações, desejos ou pensamentos alheios — em suma, ser imperfeito. Mas Deus é sem paixão, imutável, perfeito. Move o mundo como um amante move o objeto amado. Passa pela rua uma formosa mulher. Embebida nos próprios pensamentos, traz os olhos fitos no chão. Não olha para ninguém. Mas toda a gente a contempla. A presença de sua beleza fez com que todos os olhares se voltassem, emocionou todos os corações, gerou pensamentos em todos os espíritos. Tal é a natureza da beleza de Deus. Sem ser movido, "produz movimento dentro de todos nós por ser amado."

Esse Deus aristotélico, amado de todos os homens, e indiferente a seus destinos, é um Ser Supremo, frio, impessoal e, do nosso ponto de vista religioso moderno, "perfeitamente" insatisfatório. Mais se assemelha à Energia Primeira dos cientistas que ao Pai Celestial dos poetas. O espírito humano, divorciado de toda emoção, pode ser capaz de conceber tal governante desinteressado do universo. Todavia, o coração humano, com a sua carga de tristeza e a sua capacidade de compaixão, insiste sobre um Deus que mais seja um Amigo Amante no céu que uma abstração, destituída de amor, nas especulações metafísicas de um filósofo grego. Mais próximo, talvez, do mistério essencial do mundo está o coração do que o cérebro.

(Cont. na pág. 58)



Em cima: O suntuoso palácio "La Moneda", séde do governo chileno em Santiago. A direita: Igreja de S. Francisco, em Santiago do Chile.

O CHILE, NAÇÃO EM PROGRESSO

A beleza do Chile se estende por toda a Costa Sul do Oceano Pacífico, na América Latina.

Viajantes ilustres que percorreram o mundo concordam em proclamar as excepcionais condições deste país para os cruzeiros turísticos, e em admirar, na Cordilheira dos Andes, as mais extraordinárias paisagens, de cumes nevados, vales e planícies sem igual no mundo, mesmo quando comparadas aos maravilhosos panoramas da Suíça. Lagos rodeados de exuberante vegetação e vul-

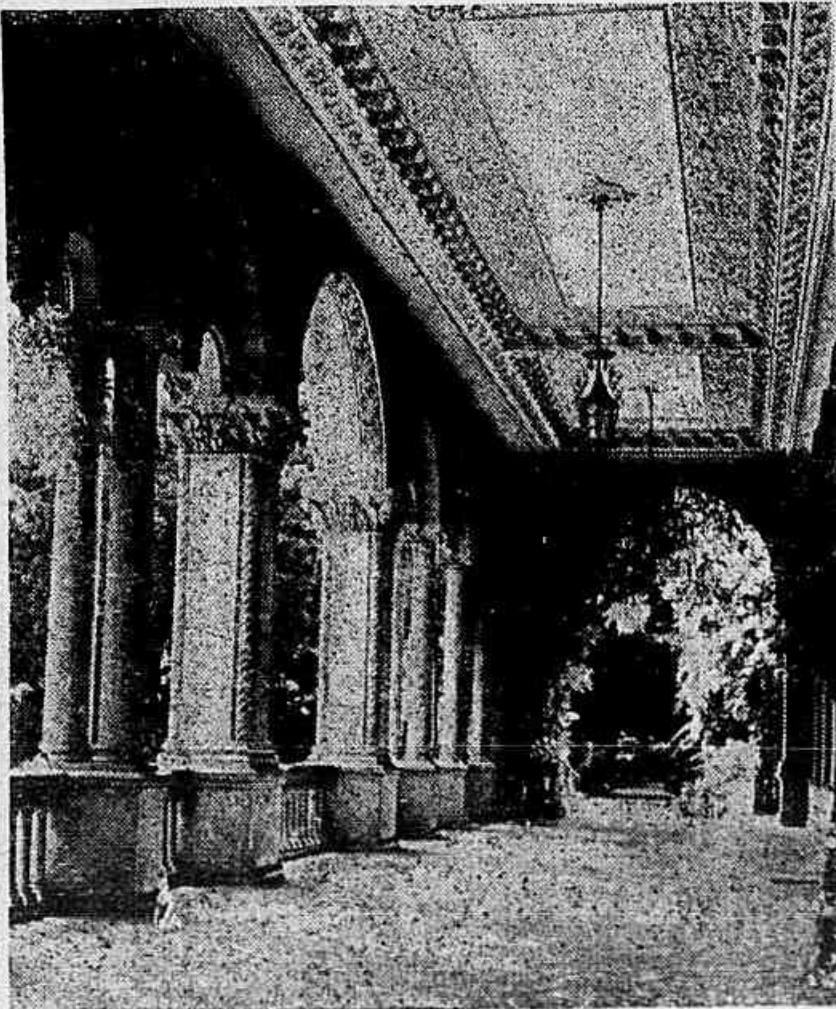
UM PAÍS PRIVILEGIADO PARA O TURISMO — É A NAÇÃO SUL-AMERICANA MAIS DISTANTE DO BRASIL GEOGRAFICAMENTE, MAS ESTÁ PERTO DO NOSSO CORAÇÃO.

oões de belezas indescritíveis. Oostas de praias límpidas e agradáveis, hotéis cômodos, modernos e bem aparelhados. Canais, fjords, campinas admiráveis, e balneários de águas medicinais de surpreendentes efeitos terapêuticos.

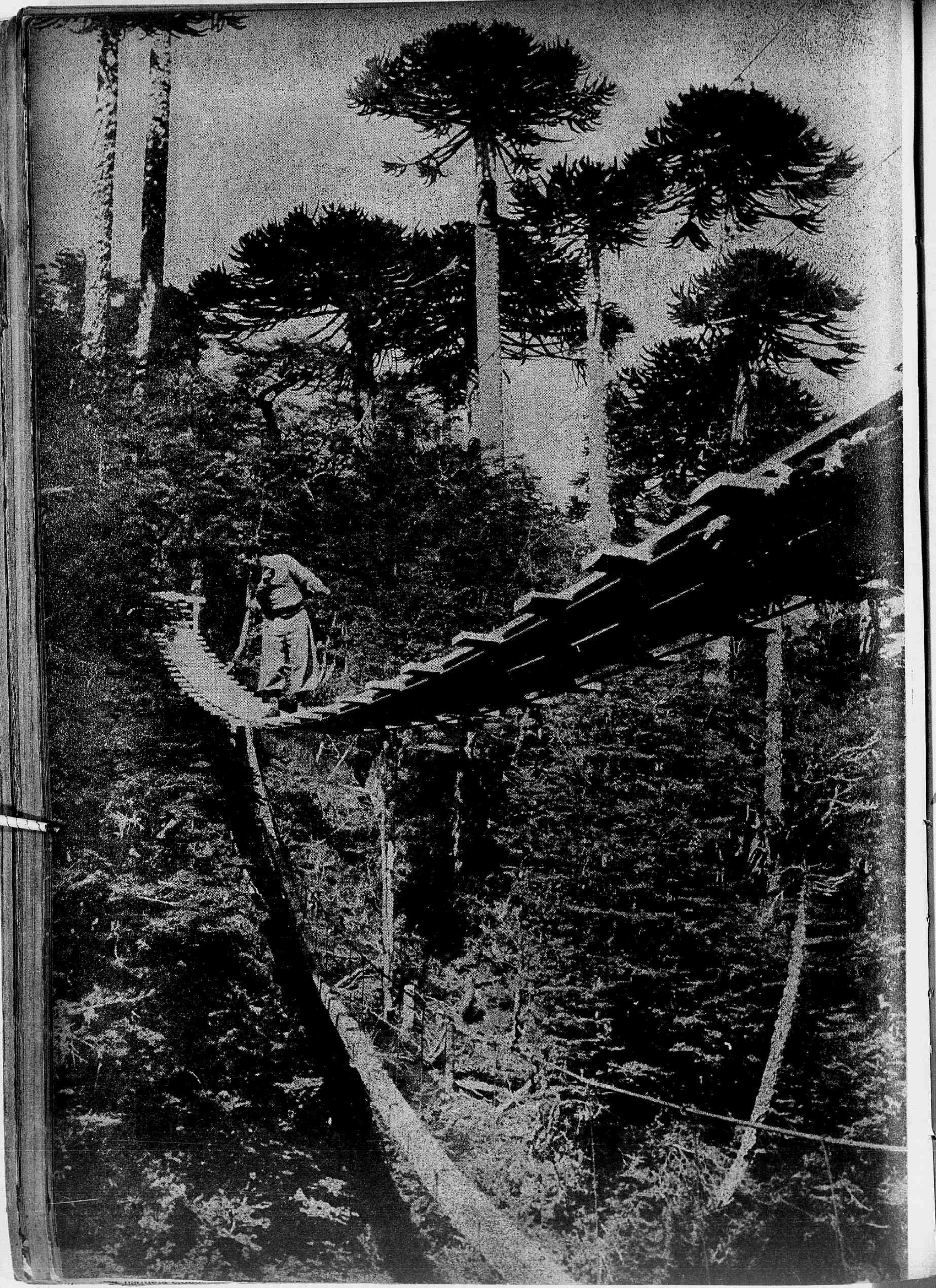
Tudo isto, visto de avião, dá uma amostra dos atributos que tem o Chile para ostentar suas extraordinárias características como país privilegiado para atrair as correntes de turismo de todas as latitudes.

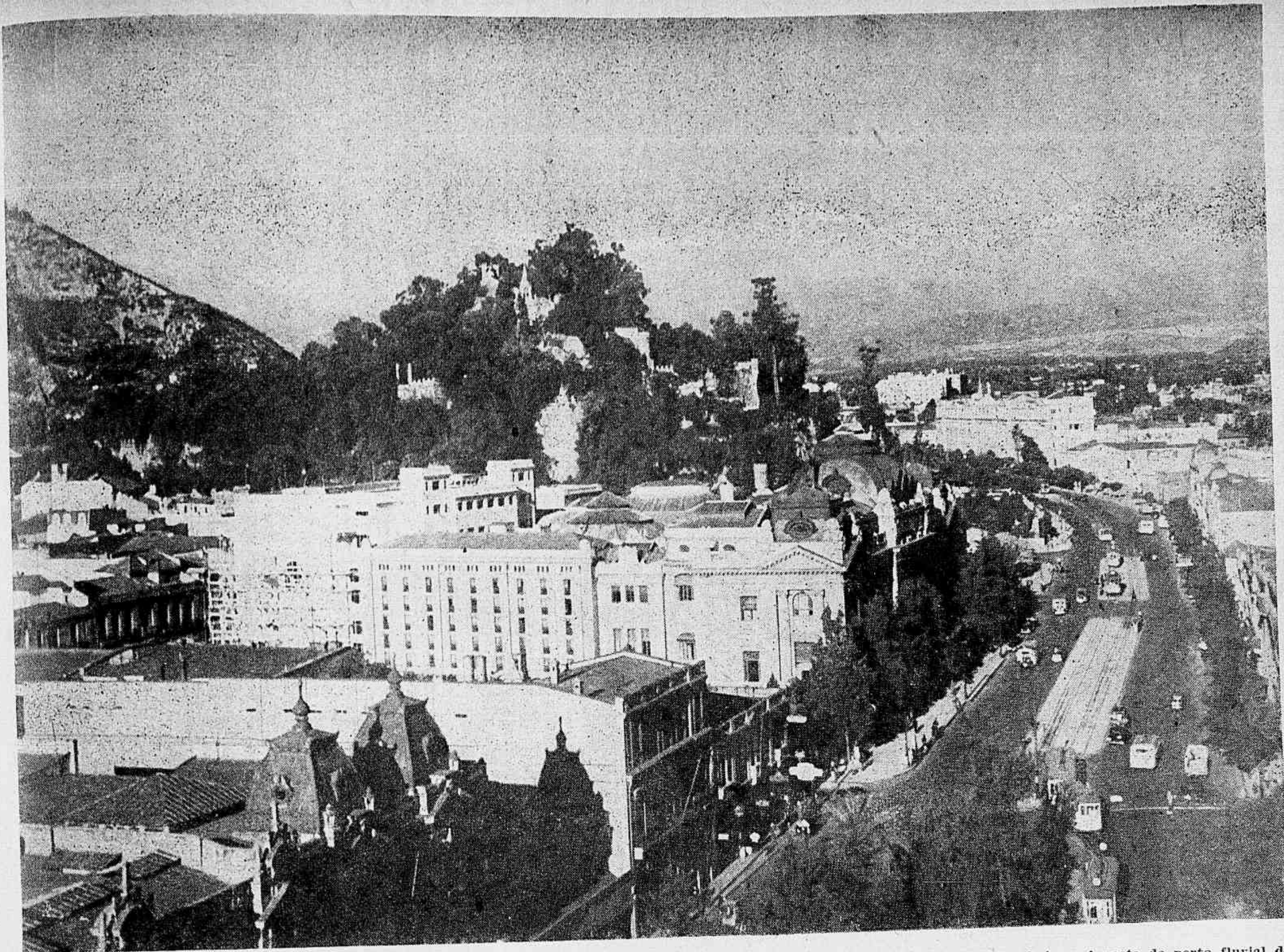
O Chile dispõe, de Norte a Sul, de uma rodoviária que liga todas as principais cidades e vilas de seu território e as Estradas de Ferro do Estado podem assinalar-se como as melhores da América, tanto pela sua aparelhagem moderna, como pela rigorosa regularidade de seus horários. O Estado explora, além dessa Empresa, uma frota de vapores cômodos que vão até Puenta Arenas, no Estreito de Magalhães, atendendo assim, por terra e mar, a possibilidade

A esquerda: Séde do Tribunal de Justiça, em Santiago. Ao centro: Parque Vergara, na estação balneária de Viña del Mar. A direita: Torres da Catedral de Santiago.

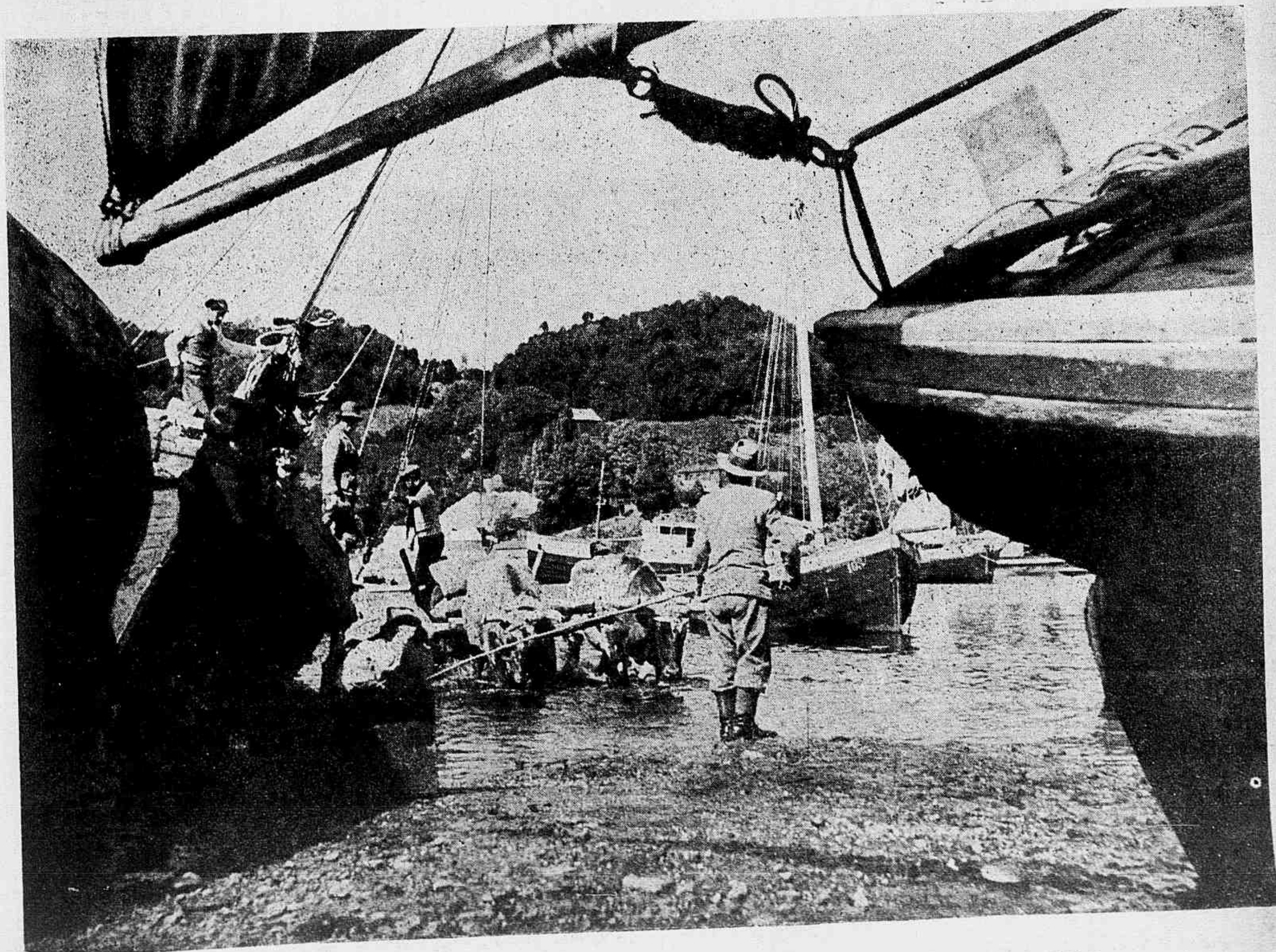


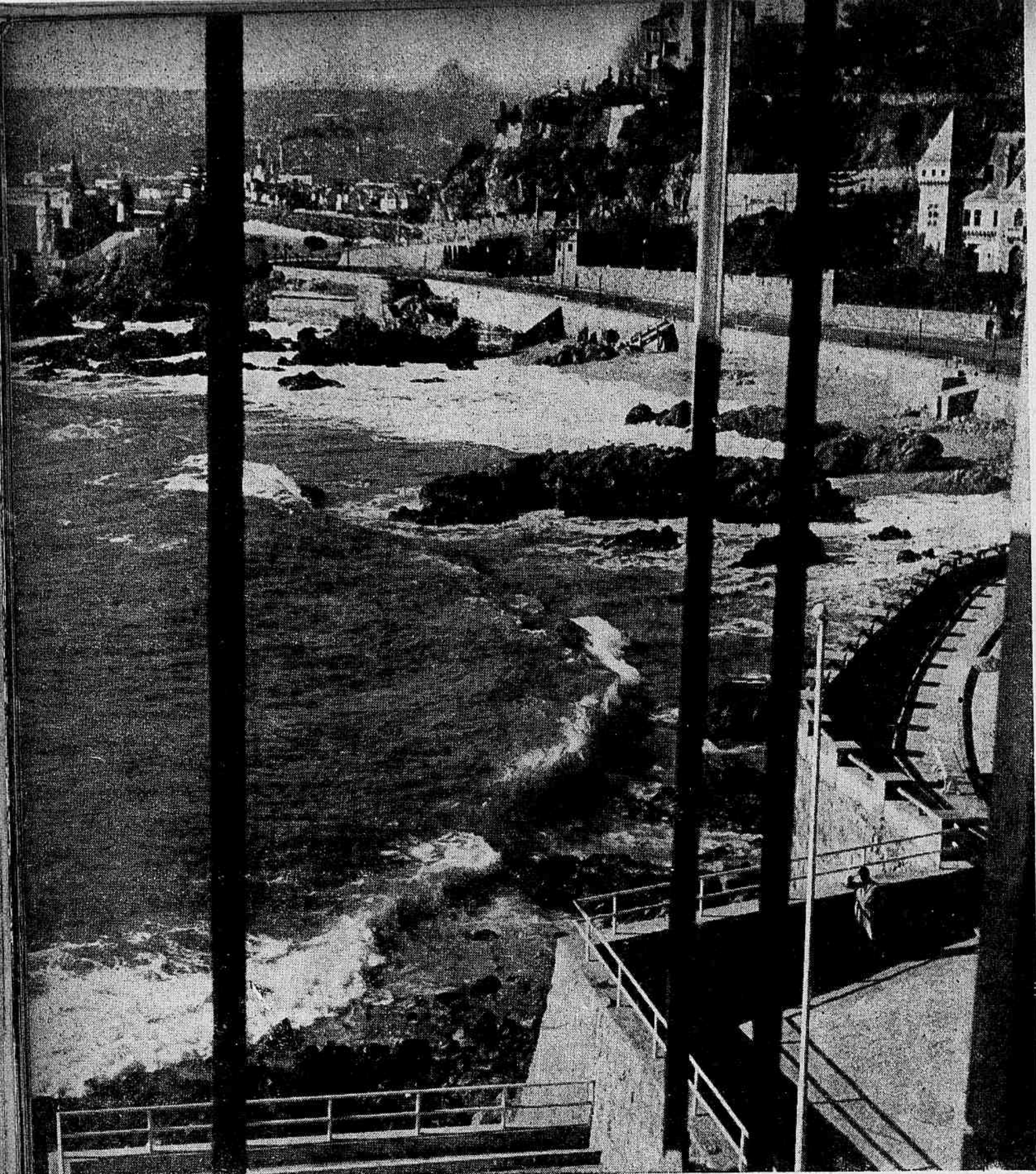






A esquerda: Ponte construída de madeira na região de Llaima. Em cima: Panorama do bairro de Santa Lucia, em Santiago do Chile. Em baixo: Aspecto do porto fluvial de Angellna.





de visitar o formoso país da Costa do Pacífico.

O Chile é afamado no mundo por seus vinhos e seus generosos vinhedos, por suas abundantes e saborosas frutas, rica vegetação e produtos da terra, pela extraordinária pesca marítima, lacustre e fluvial.

Tudo isto se toma à crescente instalação de hospedarias e hotéis nos centros turísticos mais importantes, que vêm aumentando a capacidade de recepção dos visitantes ávidos de admirar as já famosas belezas naturais do país.

No momento se conclui a construção do Hotel de Portillo, em plena cordilheira e ao lado de uma das melhores canchas para a prática de desportos de inverno, cujo custo monta a mais de cinco milhões de pesos.

O ski, esporte ideal da época invernal, está tomando um grande desenvolvimento que há de dar ao Chile, dentro de pouco tempo, a liderança deste tipo de esporte no Continente. O país já dispõe de canchas de skis nas faldas dos seus mais formosos vulcões, dentre as quais podemos citar, de Norte a Sul, as canchas de Portillo, Farellones, Lagunillas, Los Valdes, Chillan, Antuco, Llaima, Villarrica, Osorno e Antillanca.

As estâncias hidro-minerais mais famosas do Chile se encontram em Maipo, Jahuel, Cauquenes, Colina, Las Vegas del Flaco, Panimávida, Catillo, Chillan, Tolhuaca, Río Blanco de Curacautin, Manzanares, Palguin, Minetue e Puyehue.

Nas costas do Chile encontram-se balneários marítimos muito visitados durante o verão, e os encontrados em cada um dos portos do norte, são muito visitados por suas águas temperadas e suas praias amplas e agradáveis. Na chamada região central, estão os balneários mais renomados e acolhedores, especialmente nas províncias de Aconcagua, Valparaíso e Santiago, dentro os quais podemos citar Viña del Mar, a belíssima Cidade-Jardim, com um cassino de primeira ordem, parques, "bungalows", hotéis de luxo, praias concorridíssimas e recantos que justificam o enorme prestígio que desfruta entre as classes elegantes da América. Concon, Quintero, Zapallar e Papudo, com suas praias

(Cont. na pág. 55)

Em cima: Vista das praias de Viña del Mar. — Em baixo: Aspecto da Zona Central do país, com suas habitações típicas



NOIVAS

COM a aproximação do mês de Dezembro, preparam-se as noivas para o grande dia, já que o dia 8 desse mês é o grande favorito. Para aquelas que pretendem casar em Dezembro, aí estão duas encantadoras sugestões: em baixo, Adele Mara, da Republic, é em cetim com folhas recortadas ao redor do decote, continuando na blusa, saia e fazendo toda a volta da mesma. Um babado plissado de organdi é aplicado sob o recorte. Ao alto: Martha Hyer, da RKO, também em cetim com longa cauda. Mangas "bouffants". Belíssimo véu de renda.



NOS BASTIDORES FEMININOS

Como poderei saber si estou realmente apaixonada? Como poderei ter a certeza de que, finalmente, encontrei o "grande amor"? Perguntas assim nos ocorrem sempre, quando somos jovens e não encontramos ainda o "homem ideal", deixando-nos embaraçadas e confusas. E por serem perguntas sérias, relacionadas com o que de mais precioso existe em nossas vidas, vamos procurar respondê-las. Porém, ao respondê-las, excluiremos de qualquer análise essa atração repentina e elétrica, geralmente de pouca duração, que confundimos com o amor, para nos dedicarmos somente à esse sentimento profundo, verdadeiro, que existe entre duas pessoas que realmente se amam. Diversos são os sintomas e facil o seu reconhecimento. E, por curioso que pareça, não encontramos entre eles, no início, qualquer manifestação sexual. Esses sintomas envolvem, principalmente, a descoberta dos sentimentos que existem de um para o outro. Às vezes, a descoberta é repentina; outras vezes ela se faz gradualmente. E' sempre acompanhada de uma grande necessidade de que o outro tenha conhecimento dos nossos pensamentos.

Quando você se encontrar desejando ser a personificação de tudo o que determinado homem considera adorável numa mulher: quando você desejar ardentemente a sua admiração, o seu respeito e a aprovação dos seus atos, mais do que tudo na vida, quando você sentir necessidade de vê-lo e ouvi-lo — então você estará amando! Você terá medo também porque, ao ter desco-

berto o quando é profunda a sua afeição, você saberá também o quanto poderá vir a sofrer por ela. Por isso você se retrairá um pouco e procurará esconder os seus sentimentos até descobrir que há um sentimento igual dele para com você. Pela sua atitude, pelo seu respeito, pelo prazer que ele demonstrará quando estiver ao seu lado, pelas suas palavras, pelo interesse que ele demonstrar por tudo o que diz ou faz, será fácil a você perceber si da parte dele existe apenas uma atração física ou algo muito mais profundo. O período que se segue é de conhecimento mútuo. Como o amor não pode ficar restrito a horários ou a algumas palavras e gestos, ele tomará conta inteiramente de você, de todos os seus pensamentos, de todas as suas atitudes, o que se refletirá nos menores detalhes, no simples "boa-noite" que você dir-lhe-á quando chegar; no desejo que você terá de falar-lhe sobre o entusiasmo que um livro, um quadro ou uma peça musical despertou em você; no vestido que você mandou fazer para agradá-lo; no penteado, na maneira de andar ou de falar, enfim, em tudo aquilo que você observou ser da sua preferência. Isto significa fundir a sua vida na dele, espiritualmente, mentalmente e emocionalmente. E quando, afinal, você o tiver encontrado, você se congratulará consigo por ter sido sempre íntegra, sincera e honesta; por haver conservado para ele todas as suas emoções, por não ter permitido que afeições passageiras a tivessem prejudicado. Isto aumentará a felicidade dos dois.

KITTY



O ESPÍRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

OS POERES

MARIE Dorval, uma das atrizes mais famosas do século dezoito, tinha uma vida sentimental muito tumultuosa. Certa ocasião um rapaz do interior se apaixonou violentamente por ela. Acompanhava-a por toda parte, sempre embevecido, sempre suplicante. Marie Dorval já-mais lhe deu a mínima atenção. Mas, certa vez, o rapaz conseguiu penetrar no seu camarim e caiu-lhe aos pés, confessando-lhe sua paixão.

— Ah, madame, — terminou, — dai-me a esmola do vosso amor!

— Não posso, — retrucou secamente a Dorval.

— Já tenho os meus pobres.

★

ENCONTRO

A esposa de Theodoro Roosevelt havia estado longe de casa por vários dias e escreveu um bilhete ao marido para que a fosse esperar em determinada estação. Theodoro Roosevelt chegou ao ponto indicado com tempo suficiente apenas para ver o trem passar como um corisco e descobrir a silhueta da esposa que acenava com um envelope que, por fim, atirou para ele, já de longe. Muito angustiado, o famoso "Ted" abriu o envelope para ler a mensagem da esposa. "Querido, o trem não para nesta estação", dizia o bilhete.

★

O SIMBOLO

A atriz italiana Dina Galli é de uma magreza excepcional. Certa ocasião um pintor convidou-a para posar para um quadro. A célebre atriz aceitou. Dias depois, conversando com um amigo explicou:

— Penso que se trata de um quadro simbólico. Creio que ele tenta reproduzir a figura da "Carestia".

★

BOM NEGÓCIO

Cornelia Otis Skinner, filha do célebre ator que brilhou em "Kismet", nos palcos dos Estados Unidos e da Inglaterra, e ainda, no cinema americano, conta que, quando menina, era tão feia que sua mãe, às vezes, chegava a chorar. Entretanto, para compensar a falta da beleza, procurava ser o mais inteligente possível.

Assim foi que certa vez explicou à mãe que já estava ganhando algum dinheiro.

— Como? — perguntou-lhe a mãe.

— Quando escrevo a papel, ele sempre me responde em carta particular. Eu corto o meu nome no envelope e deixo só Otis Skinner.

— E daí?

— Vendo o autógrafo de papai. Tem gente que paga até meio dólar...

★

MULHERES

Pauline Bonaparte, a irmã de Napoleão, que, depois de casada com o príncipe Borghese, posou nua para o estatuariário Canova, sabia-se bonita e fazia questão de ofuscar todas as demais mulheres da corte do imperador. Por ocasião de um grande baile em Paris ela só compareceu quando todos os convidados estavam já reunidos. No momento em que pisou o salão a música cessou e todas as atenções convergiram para ela. Pauline vestia um maravilhoso traje de musseline branca bordada a ouro. Da cabeça aos pés era uma verdadeira obra de arte. Não obstante o seu inegável triunfo, Madame de Coutades, que a odiava, pôs-se a observá-la através de um "lorgnon".

A princípio, Pauline sentiu-se lisongeadada, mas, aos poucos, começou a ficar sem graça. Madame de Coutades continuava a análise implacavelmente. Pauline Bonaparte não podia conter mais sua aflição, quando a ouviu dizer distintamente:

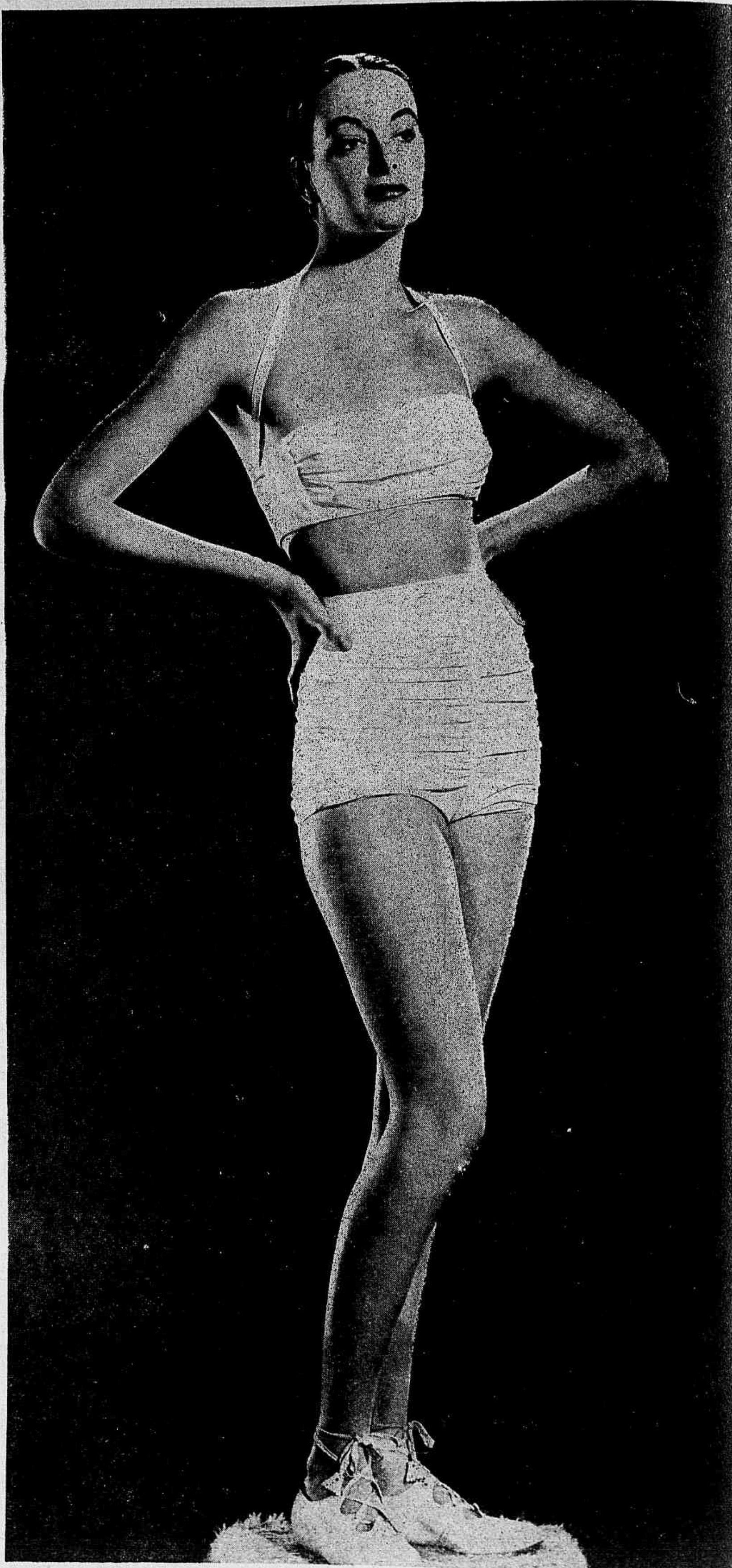
— Pobre moça! Seria realmente linda, se não fosse aquele defeito...

— Que defeito? — perguntou a pessoa que lhe estava próxima.

— As orelhas... Se eu tivesse umas orelhas assim, mandaria cortá-las sem a menor pena!...

A noite ficou estragada para a orgulhosa Pauline Bonaparte.

(Seleção de L. B.)



BELEZAS DE "GOLDWYN"



A PERSONALIDADE da Semana

DULCINA DE MORAIS

DULCINA corre de cá para lá, examina uma roupa, desce correndo a escadinha vacilante que liga o palco à sala, senta-se na primeira fila, levanta-se para ir sentar-se na última fila, volta para o palco, desarruma as barbas de um comparsa que lhe pareciam demasiadamente penteladas, faz uma sugestão, corre novamente para a sala...



Consegue fazer tudo isto sem muita afobação, sem gritos nervosos, numa atmosfera de camaradagem.

Consigo conversar dois minutos com a atriz-diretora artística-ensaladora do Teatro de Arte do Rio de Janeiro, sobre o qual peço alguns esclarecimentos.

— O Teatro de Arte é somente um primeiro passo, explica Dulcina. Funcionará durante três meses cada ano para alimentar o patrimônio financeiro da Universidade que desejo criar. Esta é minha verdadeira finalidade, e todos os benefícios desta temporada servirão para me ajudar a poder realizá-la.

Esta Universidade que Dulcina quer oferecer gratuitamente aos jovens solistas do Brasil não possuirá unicamente a escola de arte dramática indispensável e ainda inexistente entre nós. Possuirá cursos especializados de tudo que se relaciona com o teatro: música, literatura, dança, crítica, direção cênica, técnica teatral, etc.

Louvando iniciativa tão importante, felicito Dulcina por um gesto que além de comprovar seu amor ao teatro e seu desejo de ajudar aos jovens, representa uma ação concreta.

— Todos falam, há muito tempo, da necessidade de possuímos uma escola de arte dramática. Mas, até agora, ninguém tomou ainda uma iniciativa positiva. Suponho que a sua encontrará apóio por toda parte.

— Não quero somente apóio, responde Dulcina com vivacidade. O que eu quero é entusiasmo! E sendo logo em prática estas palavras, Dulcina começa por me descrever com o entusiasmo que deseja acordar em todos, as duas peças novas de Maria Jacintha e de Cecília Meireles. Não falou da "Filha de Iório", porque me convidara imediatamente a assistir a peça de D'Annunzio para julgá-la por mim mesma.

Pergunto-lhe se não acha o Teatro Municipal muito grande para conseguir uma melhor aproximação com o público.

— Evidentemente, um teatro mais íntimo seria mais indicado. Mas mesmo se não houvesse falta de teatros no Rio, não me serviria porque minha temporada é muito curta e preciso de um público tão numeroso quanto possível para chegar a realizar o meu ideal: a criação da Universidade de Arte.

— Não tinha pensado no lado material. Evidentemente não é possível prescindir dele!

— Infelizmente, retruca Dulcina, infelizmente! Mas chegará um dia em que não teremos mais que nos preocupar com ele, em que poderemos pensar em fazer arte sem tropeçar a cada passo em dificuldades financeiras. Sou muito otimista e sei que chegará o tempo onde todos compreenderão que a arte é uma necessidade e uma das condições essenciais ao progresso da humanidade.

E Dulcina me deixou com estas palavras otimistas, para continuar a dirigir o ensaio.

Fui ver "A Filha de Iório". Suponho que todas minhas leitoras também foram e apreciaram, como eu, uma das mais sérias realizações teatrais já presenciadas no Rio. Comprovou que Dulcina não é somente uma artista compreensiva, mas também uma grande diretora.

E quando uma mulher se empenha totalmente na realização de um ideal, geralmente consegue chegar aos seus fins. Dulcina quer ajudar os jovens. Dulcina quer fundar a Universidade de Arte. Dulcina quer, como o dizia outro dia, que uma geração que muito luto e sofreu possa ainda ver os dias melhores que se anunciam. Dulcina vencerá. Digo-o com toda a certeza do entusiasmo que senti nela, que faz questão de acordar em todos, e que despertou em mim.

YVONNE JEAN

ESPALHANDO em todo o território norte-americano os seus agentes, Samuel Goldwyn conseguiu reunir um grupo de beldades que, pela harmonia de linhas e beleza, não pode ser considerado como o que de melhor existe em todo o mundo. Algumas exóticas, outras mais puras, o fato é que Samuel Goldwyn vem arregimentando um punhado de pequenas bonitas, que "GOLDWYN GIRLS". As duas que aqui apresentamos (nessa mesma, assomem!) são Shirley Pickering e Georgia Lange. As novas "descobertas" embelezam o novo técnico r de Goldwyn "Um tigre domesticado".



A MESADA

() adolescente é um ser que, a todo momento, quer negar a sua infância recente e afirmar a idade adulta que se aproxima. A negação do passado e a aspiração do futuro dão-lhe um presente informe e impreciso. Esta situação ambigua traduz-se na incompreensão habitual do jovem pelo ambiente e do ambiente por ele.

Uma das bases que podemos proporcionar a este ser em formação é a independência econômica em pequenas doses; fornecer-lhe, por exemplo, meios de garantir as próprias despesas. Numa idade em que é de praxe se receber mais do que dar, o fato de poder suprir os seus gastos tem uma significação de grande alcance para o futuro. Creio que, assim como as pessoas se lembram do seu primeiro amor, não se olvidam com certeza do primeiro salário, e das emoções que ele lhes trouxe.

A forma mais adequada para fornecer ao adolescente os recursos monetários de que carece é a prestação de pequenos serviços, compatíveis com as horas de estudo. A mesada oferecida graciosamente não trará, por certo, a mesma satisfação que lhes daria a convicção de que foi ganha pelo seu trabalho.

Não é aconselhável que a importância concedida seja superior às reais necessidades do jovem ou da moça, para que não se torne perdulário. Naturalmente o valor da mesada estará sujeito às condições econômicas do meio em que vive: um jovem de meio abastado não poderá satisfazer os seus gastos com a mesma quantia de que disporá o filho de uma família modesta.

Os benefícios decorrentes desta medida, em síntese, são: dar ao indivíduo uma noção precoce de responsabilidade; desviá-lo de processos fraudulentos para conseguir dinheiro; treiná-lo para a emancipação financeira futura; fornecer-lhe uma certa independência da família, tão ansiada pelo adolescente, sem desgarrá-lo da tutela moral dos pais; e, finalmente, dar-lhe uma sensação de auto suficiência diante dos seus colegas.

Considero imprudente e censurável a atitude de pais sovinas, que dispõem de largas posses, e deixam cair, miseravelmente, níqueis contados nas mãos dos filhos; se estes pais pudessem imaginar a situação humilhante em que se encontraria o filho, no meio de colegas, diante de uma situação inesperada, como, por exemplo: um convite para um lanche, tendo apenas o dinheiro da passagem no bolso, mudariam radicalmente de ação. O prestígio do grupo tem grande valor para o adolescente, que está procurando, justamente, impôr a sua personalidade ao meio; uma situação de inferioridade trará ao jovem um certo ressentimento pelo pai, que não lhe forneceu meios de evitá-la.

Assim mesmo, como há pais sovinas, há os imprudentes, que recheiam os bolsos dos filhos com largas quantias; esta largueza de meios vem criar também a noção prejudicial de que o dinheiro pode ser adquirido muito facilmente, e as consequências desta conclusão na mentalidade juvenil são desastrosas.

Em cada caso cumpre utilizar o bom senso e a justa medida, de que tanto se vangloriam os mais velhos; mas que os pais compreendam, até mesmo os que não dispõem de grandes recursos, que a diferença em dinheiro da mesada renderá moralmente outros benefícios na formação do adolescente, evitando, talvez, dificuldades futuras mais onerosas.

ZOIA DE LAET



UM "duas-peças" muito distinto. A blusa assimétrica. Sáia plissada. De veludo preto em azul marinho, é este modelo com gola estilo marinheiro. Um laço em cada canto da gola. Um casaco aberto mostra uma

blusa escura. Os punhos do mesmo tecido da blusa. Talhe alto, mangas longas. Quadris

MODELOS

MURO DAS Lamentações

MAGNETISMO PESSOAL

LÉDA, nossa leitora de Belo Horizonte, Minas, escreve-nos perguntando como poderia desenvolver seu magnetismo pessoal. Confessa que muitas e muitas vezes não é percebida por pessoas cujo interesse gostaria de provocar, e como deseja tornar-se mais atraente estaria disposta a submeter-se aos tratamentos que lhe indicássemos.

Nossa resposta, Léda, é que não existem tratamentos objetivos para desenvolver o magnetismo das pessoas. Certamente que os cuidados com o físico, a boa apresentação das roupas, penteados e "maquillage" são usualmente praticados pelas criaturas que conseguem provocar a simpatia e a admiração da maioria. No entanto, semelhantes cuidados não poderão dar a ninguém esse magnetismo que você ambiciona possuir, Léda. E a razão é muito simples: o magnetismo é uma resultante da personalidade profunda do indivíduo. Só poderá adquirir magnetismo, portanto, quem souber desenvolver sua personalidade íntima de modo harmonioso e belo, até conseguir projetá-la com êxito sobre a admiração alheia.

Você mesma já deve ter observado o quanto são decepcionantes, na proximidade, certas pessoas que de longe admiramos pela sua beleza ou pelas suas maneiras. Moças, por exemplo, dotadas de traços belíssimos, sabendo arranjar-se admiravelmente, de perto nos entediam ao cabo de poucos minutos pelo vazio, pela futilidade sem significação humana de sua maneira de pensar. Rapazes, que de longe nos parecem elegantes e distintos, de perto nos aborrecem pela evidente insinceridade de suas cortesias. Eis a explicação para o fato de tantas pessoas, bonitas e amáveis, não conseguirem nos impressionar duradouramente: todos nos somos mais ou menos dotados de uma faculdade superior que age no terreno do inconsciente como uma espécie de sexto sentido — a intuição. Por intermédio dela sabemos sem no entanto conseguirmos logicamente explicar, que certas pessoas nos são simpáticas e outras não, que de certas personalidades desejamos nos aproximar e que de outras desejamos estar longe. É que a intuição vem a ser uma espécie de antena invisível, mediante a qual as pessoas se pressentem nas raízes mais profundas de suas personalidades.

Diante das antenas de intuição, resultam inúteis todos os embustes de amabilidade meramente social, bem como a máscara de um rosto bonito enfeitado por uns cabelos bem penteados. A intuição irá mais longe, e resumirá suas impressões de simpatia ou aversão de acordo com o EU verdadeiro que suas antenas descobrirem por detrás da máscara. Por isso, Léda, só poderão aumentar eficientemente o seu magnetismo pessoal aqueles que se dispuserem a um aperfeiçoamento sincero da própria personalidade.

Se você não consegue ser tão atraente quanto desejaria, é certamente porque há no fundo de sua personalidade algumas coisas desagradáveis que se tornam perceptíveis às intuições alheias. Acertamos? Procure examinar com sinceridade o seu EU interior. Quando você se aproxima dos outros, vai preocupada com a admiração que deseja inspirar? Isso é vaidade, Léda. Ou vai receiosa, duvidando das boas qualidades que não espera encontrar nos outros? Isso vem do medo. Léda, vem da desconfiança infundada. Ou pior ainda, você quando se aproxima dos outros sente inveja, despeito, oculto rancor?

Se é isso o que acontece, Léda, então será possível adquirir magnetismo, bastando que procure despojar-se totalmente de todo sentimento mesquinho e inferior. Desenvolva suas qualidades de otimismo, de generosidade, de fraternidade, de sincero e desinteressado amor, e depois não estranhe se um dia — que esperamos chegue muito breve — alguém lhe venha perguntar: "O que é que você faz, Léda, para ser tão simpática?"

CONFIDENTE

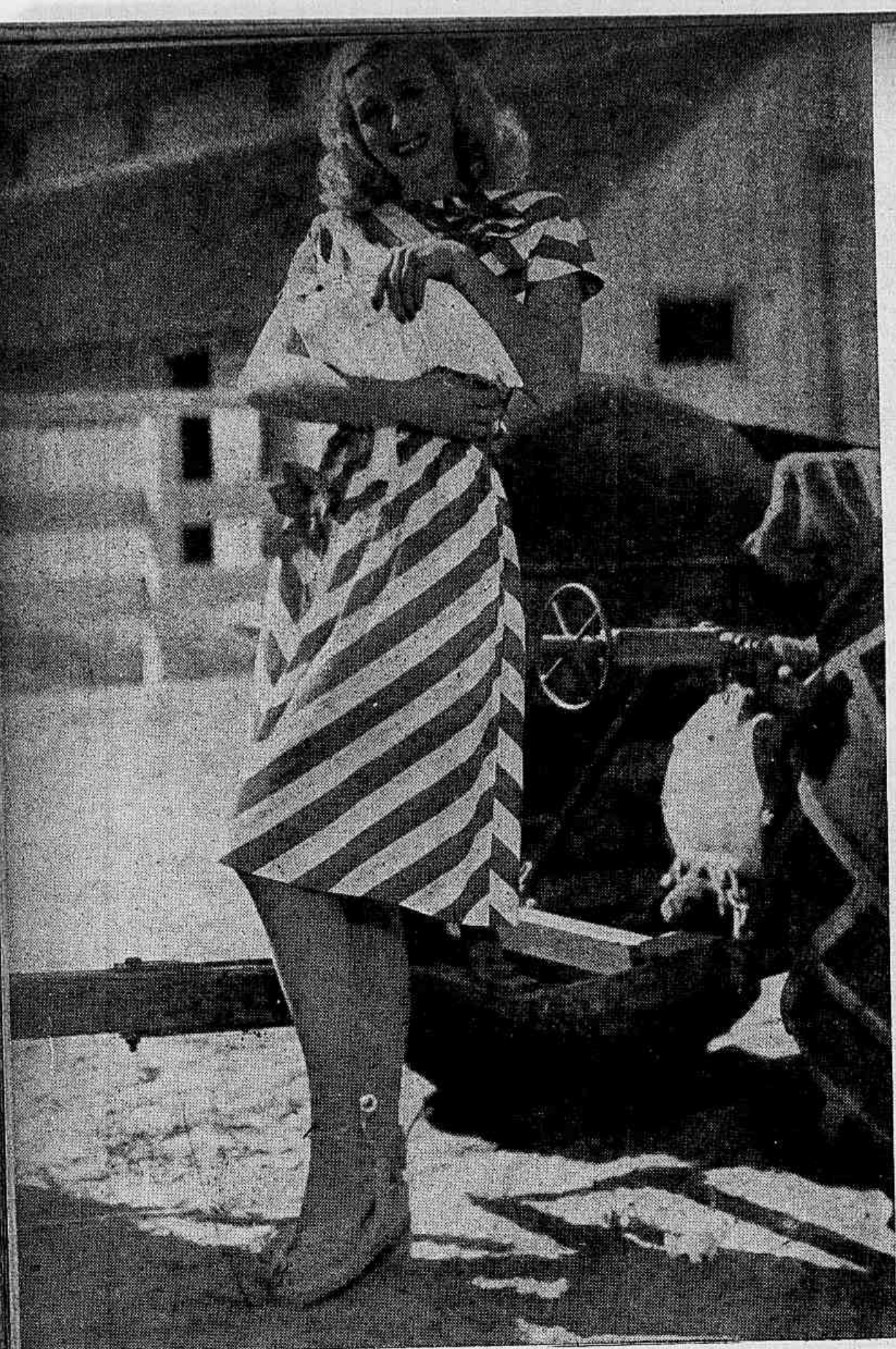
★ CORRESPONDENCIA

Este muro está à disposição do leitor ou leitora que nele queira vir "chorar as mágoas". Escreva nos seus cartões da "REVISTA DA SEMANA", contando-nos o seu caso, que teremos prazer em prestar-lhe todo o auxílio da nossa experiência.

redor do decote, mangas e bolso. b) Muito gracioso este modelo com um "plastron" de linho bordado. c) Vestidinho guarnecido de "piqué" branco bordado. d) Vestidinho simples. "Plastron" branco na frente.

VARIADOS







MODELOS LIGEIRO

ESSES vestidinhos feitos com pouca fazenda e com tecido barato, o que é importante, são úteis porque são laváveis e conservam sempre o mesmo aspecto. Além de tudo, são graciosos e alegres, proporcionando uma sensação de conforto e jovialidade. Na página ao lado, ao alto: Vera Ralston usa um vestido de listras largas, verde e branco, em diagonal. Laços verdes na saia e na blusa. Este de Elizabeth Taylor, da MGM, é tom algodão azul com listras brancas formando grandes quadrados. Decote redondo com quatro babadinhos franzidos ao seu redor. Na saia, grande babado franzido. Renda branca arremata os babados da blusa e o da saia. Em baixo: June Allyson num vesti-

dinho de linon estampado com mangas e "plastron" em fustão branco. Decote quadrado com bordado inglês ao redor. Claudette Colbert, num interessante modelo em linho azul, pois branco. Blusa em organdy branca. Nesta página ao alto: Quanto a Shyrley Temple, da RKO, aqui temos um modelo em linho-seda azul claro, com "grega" em cores vivas ao redor das mangas da cintura. Nesta página, ao alto: Em shantung verde mar é este modelo de Beverly Tyler, da MGM, com corpo longo e franzidos na saia. Em baixo: Lois Maxwell, num elegantíssimo traje de esporte, "slacks" em fina lã bege, blusa de lã amarelo canário. Mirna Loy, apresenta este gracioso conjunto composto de saia estampada, franzida, cintura veludo negro, blusa de cambrala branca.



MESMO que você não saiba cozinhar, tem, sem dúvida, a obrigação de saber fazer alguma coisa. Não é preciso conhecer todos os segredos da cozinha, bastando saber fazer um doce, um pudim, um bolo, uma sobremesa ou uma salada, enfim, qualquer coisa que possa dar um "toque" da sua personalidade ao menú que a cozinheira organizou. Tome por exemplo, este Domingo. Escolha entre as receitas abaixo, de sobremesas e bôlos, uma qualquer e faça aos seus a surpresa de apresentar um prato feito por você mesma. Saiba que hoje não é "chic" dizer: "eu, por mim, não entendo nada de cozinha!" Os tempos mudaram, minha amiga, e a mulher moderna alia às suas atividades sociais, artísticas ou públicas, uma boa dose de conhecimentos domésticos, entre os quais a cozinha ocupa lugar de destaque.

CREME SABOROSO

Ingredientes: 1 litro de leite; 250 gramas de açúcar; 250 grs. de palitos de pão de ló; 2 colheres, das de sopa, de caramelo; 10 gramas, 1 latinha de geleia.

Preparação: Põe-se o leite em caçarola, junta-se-lhe açúcar e leva-se ao fogo para ferver, até ficar reduzido a um terço. Acrescenta-se então o caramelo, retira-se do fogo e deixa-se esfriar. A parte, batem-se as gemas muito bem e adiciona-se o leite, que já deve estar frio. Mistura-se tudo e passa-se em peneira. Toma-se uma fôrma de tamanho regular, passa-se geleia em toda ela e forram-se os fundos e os lados com os palitos. Despeja-se o creme dentro e cozinha-se em banho-maria, no forno.

MANJAR BRANCO

Ingredientes: 70 grs. de açúcar; 5 colheres, das de sopa, de maizena, 1 côco grande ou dois pequenos, 1 colher, das de chá, de essência de baunilha, doce de ameixas pretas.

Preparação: Rala-se o côco e extraí-se-lhe o leite com três copos de água. Dilui-se a maizena em um pouquinho do mesmo e depois junta-se-lhe o restante. Em seguida, adiciona-se o açúcar. mistura-se tudo muito bem e leva-se ao fogo, mexendo-se até ferver e tomar consistência de um creme. Retira-se e acrescenta-se a baunilha; mexe-se e despeja-se numa fôrma molhada. Depois de frio vira-se em uma cremeira e despeja-se por cima o doce de ameixas feito com o ponto fraco.

CASADINHOS DE "BISCUITT"

Ingredientes: 10 gemas, 5 claras, 200 gramas de farinha de trigo, 1 lata pequena de geleia de frutas.

Preparação: Batem-se muito bem os ovos com o açúcar e em seguida levam-se ao fogo continuando a bater até ficarem consistentes. Retiram-se então e batem-se até esfriar, misturando-se-lhes lentamente a farinha. Forram-se tabuleiros com papel e pinga-se a massa em pequenos montinhos, polvilham-se com açúcar e assam-se em forno regularmente quente. Depois de assados, unem-se dois a dois com geleia de frutas.

BOLO BAIANO

Ingredientes: 230 grs. de açúcar; 230 grs. de farinha de trigo; 115 grs. de manteiga; 2 côcos, 6 gemas, 3 claras, casca de 1 limão.

Preparação: Batem-se muito bem os ovos com o açúcar e a casca do limão, e, em seguida, junta-se-lhes a manteiga e torna-se a bater. Retira-se então a casca do limão e adiciona-se-lhes a farinha e o leite dos cocos, extraídos em três chicanas das de chá, de água. Mistura-se tudo muito bem e põe-se numa fôrma untada e assa-se em forno regularmente quente.

PARIS, outubro — Para que esperar até amanhã? Hoje também é outro dia... um dia diferente de ontem. Muito, muitíssimo diferente mesmo no domínio da moda. As mulheres, de repente, mudaram inteiramente de silhueta. Ficaram não somente com ca-deiras bem estofadas, mas ainda com um pouquinho de barriga. Será que usam colete de barbatanas para afinar a cintura e acentuar as redondezas? Nem disso precisaram, ao que parece; olharam simplesmente para os figurinos e os modelos novos e resolveram dar ao seu corpo uma linha adequada. Pelo menos as parisienses são assim — têm bastante "imaginação física" para isso. E as outras, aos poucos, vão seguindo o exemplo que se observa nas margens do Sena. A primeira coleção de alta costura que vi, logo ao chegar a Paris, deixou-me boquiaberta. As "manequins" desfilavam com um andar novo também, para evidenciar a originalidade do feitio; silhuetas "princesse" com cintura muito apertada. Igel-ramente mais baixa atrás do que na frente. Mangas esgulas durante o dia e volumosas nas toletes de noite. Muitas nervuras, às vezes combinando com bordados de-licados, enfeitadas por lantejoulas ou missangas. As sáias, em forma de sino, com machos abrindo uns quinze cen-tímetros abaixo da cintura, na frente ou atrás. Muitas sáias mais compridas nas costas, ou dando a impressão de sê-lo, por meio de um cóis, reto na frente e acabando em ponta atrás. Grandes casacos-abrigos que — traduzi-dos da lã para o linho — podem ser adaptados para o nosso verão carioca, ou melhor para as excursões à serra.



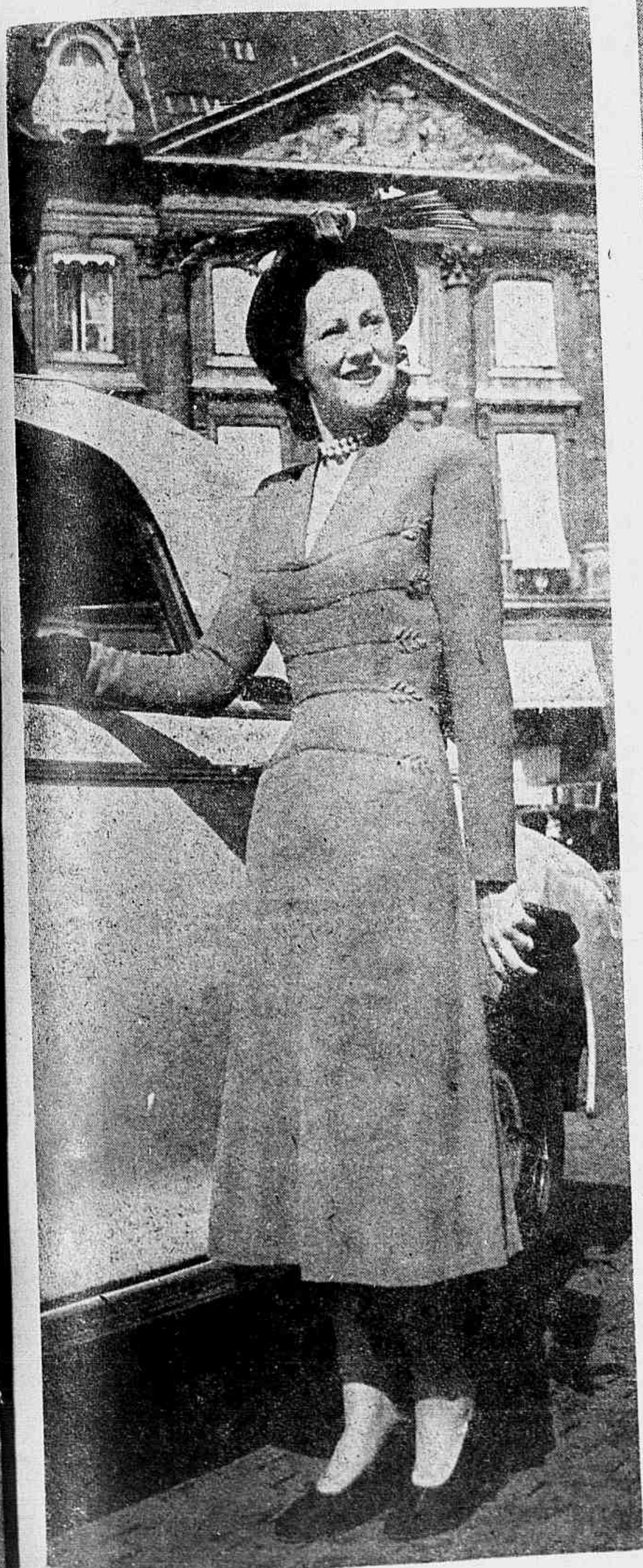
A MODA DE PARIS HOJE E' OUTRO DIA

CRONICA DE OLGA OBRY

ESPECIAL PARA A "REVISTA DA SEMANA"

Da esquerda para a direita: Vestido de noite, em cetim branco. (Detalhes no texto). "Tailleur" em jersey cinza claro. (Detalhes no texto). Vestido de tarde de lã leve. (Detalhes no texto). Vestido de noite em jersey branco drapeado. (Detalhes no texto).

rugindo ao calor. São retos, sem cinto, muito largos abaixo da cintura, às vezes pregueados em largas pregas "religieuses", mal passadas a ferro e abrindo ao andar, tal uma corola de tulipa. Os tecidos, à noite, são de uma suntuosidade inaudita e usados com generalidade nas saias largas e nas mangas muito estofadas; cetins, veludos, brochados com lindos desenhos de flores em delicados matizes pastel. As nossas fotografias dão uma idéia da linha nova, para o dia e para a noite. São da mesma coleção em que acabo de falar, a de Bruyere, uma daquelas casas, ao qual dizem, onde a linha nova é interpretada com a maior moderação. Vemos aqui um lindo tailleur de jersey cinza claro — uma das cores prediletas da moda atual, com toda a frente do casaco e os punhos trabalhados em nervuras, e o clássico macho abrindo na frente da saia. Chapéu, luvas e sapatos marron. O segundo modelo para a tarde é um vestido de leve lã verde amêndoa, com bordado em relevo a acentuar-lhe o feitiço. No chapéu marron, um característico enfeite de penas marron e verde amêndoa. Notamos que as penas de falsão estão muito em voga. Dizem que o branco é para a carioca e que o preto é para a parisiense; a cor da distinção por excelência. Mas a escolha será difícil entre estas duas toilettes de gala, ambas brancas e de feitios tão contrastantes; um esgulo e todo drapeado em jersey alvo, o outro naquele cetim rígido e pouco brilhante que relembra o luxo da corte do rei-Sol e hoje está muito ao sabor da moda. Os dois vestidos ostentam bordados realçados com missangas douradas.





Ao alto: Ellen Gleason. Ao seu lado o famoso John Fredrics. Trata-se de um modelo de inspiração tirolesa que a bonita "girls" usará num dos números do filme já citado. Mary Ellen está um pouco intrigada. A esquerda: pronto, não está mesmo um "xuxú"? O originalíssimo modelo que vocês poderão aproveitar para uma noite mais cerimoniosa, é feito em "tullee", "aigrettes" e "pailletés".

CHAPÉUS PARA AS "GOLDWYN GIRLS"

E STAS garotas bonitas voltaram para Hollywood com o "cartaz" aumentado. Até o famoso John Fredrics, um dos mais perfeitos chapeleiros do mundo, foi chamado para desenhar os modelos que as bonitas garotas de Goldwyn vão usar na sua próxima película.

Em baixo: A deliciosa Lorraine de Rorne, com um "turbant" criado pelo feliz Mr. Fredrics. Jersey de seda, pedras de cores diversas e plumas entrarão na execução deste modelo. À direita: E, para finalizar, temos a loura Martha Montgomery, de quem naturalmente vocês relembram, com um "turbant" de veludo preto com pedras de cores vivas e "aigrettes" pretas e brancas.



VERDADEIRAMENTE
IMPRESSIONANTE!



EM pleno coração de São Paulo, uma file distende-se, interminável. São pessoas de tôdas as classes sociais, nas mais diversas idades. Alonga-se, a estranha multidão pela Rua Marconi, até a Rua 7 de Abril n. 235, em cujo apartamento 305 está instalado o consultório do conhecido médico Dr. Torres Neto, especialista em moléstias internas e endocrinologista abalizado. A reportagem, curiosa, procura investigar a causa de semelhante afluência e é informada dos magníficos resultados que o ilustre facultativo está obtendo com a aplicação, em sua clínica, em casos específicos, do produto nacional EMAGRINA para obtenção do emagrecimento racional, sem prejudicar as condições orgânicas e estimulando as energias. Ouvido pelos jornalistas, o Dr. Torres Neto explicou: "EMAGRINA vem realizando prodígios e, em todos os casos por mim constatados resultou eficiente. Milhares de pessoas, portadoras de gordura excessiva, têm-na eliminado com o poderoso medicamento e — o que é interessante — até mesmo homens e mulheres esbeltos buscam-no, para manutenção do peso desejado". Entre as clientes do referido médico, pudemos localizar a srta. Antonia Navarro, residente à Rua Fortaleza n.º 179, casa 29, da capital paulista, que nos disse o seguinte: "Por prescrição médica, usei EMAGRINA quando comecei a verificar aumento anormal em meu peso. Imediatamente readquiri as linhas plásticas primitivas com a eliminação da gordura excessiva e, o que é notável, sinto-me, depois de sua aplicação, com as forças físicas e intelectuais duplicadas. Escrevi uma carta de agradecimento espontâneo ao facultativo e entreguei-lhe, para publicação em suas colunas, a minha foto, como prova de que a gratidão é expressa em atos e não em simples palavras decorativas. EMAGRINA é simplesmente impressionante" — terminou a srta. Antonia Navarro.



QUANDO ele acabava de ajustar o nó da gravata, em frente ao espelho, uma dúvida começou a assaltá-lo. Desde cedo estivera preocupado com sua aparência externa. Cuidara, com um esmero que não lhe era em absoluto peculiar, de seu terno azul, com listras estreitas. A camisa tinha sido lavada fora, especialmente para aquela ocasião. Os sapatos, embora velhos, estavam brilhando e a gravata... a gravata estava muito ber-rante. Não poderia ir com aquilo no pescoço. Seria visto a um quilômetro de distância. Mudou a gravata, mas, outra dúvida, e esta bem mais séria, nasceu de pronto. Será que ela estaria muito mudada? Como o receberia? Forçosamente, não teria mais aquele jeito suave de con-versar com ele. O tempo é inflexível, não respeita mes-mo nada. Aquele amor, é verdade, fora intenso, tivera uma vida cheia de firmes propósitos e de atos que não poderiam morrer em suas memórias. Mas, agora, depois de todos aqueles anos decorridos, depois daquela ausên-cia que lhe parecera eterna, tudo seria diferente. Entre-tanto, não conseguia atinar com a causa que pudera fa-zer Lúcia lhe mandar aquele convite tão estranho. "Te-nho um assunto muito importante a lhe dizer". Aquele mesmo jeito de colorir as suas atitudes com um fiosinho de mistério. Parecia que ela continuava a mesma. Pro-vavelmente os seus olhos, embora amortecidos, ainda conservariam aquele indefinível brilho de juventude, que tanto o encantara em outros tempos. A vida é um caso sério, pensava. "Olto anos de namoro. Desde me-ninos... depois tudo deu em nada." Mas, a hora do en-contro se aproximava. Acabou de se preparar e apressa-damente se pôs na rua, com o coração em disparada como um adolescente em seu primeiro encontro.

★

Lúcia o recebeu amavelmente. Mas o seu choque foi grande. O tempo fora muito impiadoso com a sua an-tiga companheira. Os seus cabelos estavam quase inteira-mente brancos e o seu rosto todo riscado de rugas. Os olhos tinham duas bolsas que os faziam parecer bem menores do que eram. As mãos estavam com a pele res-sequida. Ele, é verdade, estava velho, mas perto de Lúcia era quase um rapaz. Ainda conservava-se ereto e o seu porte tinha uma certa plasticidade que resistia bem aos anos. Mas, Lúcia estava falando:

— Então, você ficou muito surpreso com o meu re-cado?

— Fiquei sim, é claro. E também não era para me-nos. Tantos anos fora, de repente chega e...

— Você é a primeira pessoa de minhas antigas re-lações com quem estou falando. Faz tanto tempo, hein... Quando eu me casei, você já sabe, mudamos logo da-qui e...

(Faz tanto tempo, sim... e como nos amávamos. Em nossa primeira briga eu quase morri. Ela era a moça mais bonita daqui e eu, modestia à parte, era bem disputado. Naquele dia quando ela me perguntou: — Então está tudo acabado, não é? — eu senti tudo tre-mer a meus pés. Mas o meu orgulho não me deixou des-mentir. Apesar disso, fizemos as pazes e ainda brigamos muitas outras vezes. Depois...)

— ...a primeira vez que eu fiquei conhecendo o ca-rácter de meu marido, fiquei horrorizada. Então, eu me casara com um homem assim? Vou lhe contar um peque-no fato, coisa sem importância, mas você vai ver...

(Agora aquela beleza desaparecera. Ali estava na sua frente todo o seu sonho antigo, aquela por quem ele da-ria até a própria vida. Estava fanada, triste. No seu baile de formatura ela dançara a valsa com ele. E como estava bonita, com os cabelos soltos, um decote discreto e os olhos sorrindo, sorrindo sempre. Mas aquele sorri-so era só para ele, ele bem sabia disto. Quando a enla-çou para a valsa, sentiu que aquele minuto, aquela mí-nima fração de vida, não desapareceria mais, ficaria cris-

PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE CONTOS DA
"REVISTA DA SEMANA"

talizada em suas lembranças. Inundou-se todo de uma felicidade indescritível. Ah! como era bom amar. Depois muitas vezes tentara descrever para si próprio aquela emoção. Mas as palavras mentiam, mentiam torpemente, pois não diziam da missa a metade... Porque fora bom, muito bom mesmo, nunca mais encontrara, de novo, um momento feito aquele, que passou tão depressa... e quando se recostaram na janela... Lá fora a noite estava mansa, mansa feito os sonhos que ele acalentava. Quando segurou na mão de Lúcia, os seus olhos sorriram mais. Depois ele falou baixo uma porção de palavras carinhosas; ela ouvira calada, com os olhos sorrindo... o seu colo subia e descia, mostrando a sua emoção. Depois falou que sim, que ele poderia falar ao pai dela. E continuaram a dançar... Naquele tempo, as valsas estavam na moda. O "Danúbio Azul" soava em toda a plenitude de suas notas mescladas de amor e tristeza. E eles dançavam, esquecendo-se da vida, de seus sonhos, de tudo, tudo, só não se esqueciam deles dois. O mundo era eles. E o mundo era bom, simples, sem complicações...

— ... mas isto não foi tudo. Depois disto, ele teve a coragem de...

(No outro dia seu pai foi procurar o pai de Lúcia. Como o velho chorou, coitado. Havia muito sentimentalismo naquele tempo, que diabo! Sentimentalismo ou sentimento? Sei lá. O certo é que chorou muito. Quando ele soube que estava noivo oficial de Lúcia ficou tão alegre que nem pôde comer. Depois, para escolher o seu presente de noivado e de formatura, foi uma luta. Mas, afinal, Ritinha, sua irmã, resolveu tudo. Tinha gosto a pequena. Quando Lúcia o recebeu ficou encantada. Mas... o homem põe e Deus dispõe. Para que seu pai foi inventar aquela história dele estudar fora? Na cidade grande sentia uma saudade louca de sua terrinha, onde, depois da reza, encontrava-se, todas as noites, com Lúcia. Ela não perdia uma reza. Era um bocadinho religiosa. E fazia questão que ele fosse também. Ele ia e depois os dois seguiam juntos, conversando baixo, numa linguagem solta e tranquila: — Não, Lúcia, vamos fazer dois quartos só. Para que mais? Para um casal chega muito. — E "boa noite" para aqui, "boa noite" para ali, pois todos se conheciam na cidade pequena. Que tempo bom. Lúcia fazia-lhe as menores vontades. Era de uma delicadeza a toda a prova. Ah! para que há estudos na vida da gente? Bem que ele não queria ir. Agora, além dos livros, a sua distração única era pensar em Lúcia. Mas as férias vieram. No dia de sua chegada, à noite...)

— ...houve uma vez que pensei que ia enlouquecer. Já não aguentava mais. Foi então que reconheci quão tola e orgulhosa havia sido. Mas...

(Quando voltou para cursar o segundo ano, já estava mais acostumado. Frequentava alguns bailes com os colegas, tomava parte em serenatas. Quase ia se tornando um verdadeiro boêmio. Teve que fazer força. E foi aí que tudo se desencadeou. Recebeu uma carta de Lúcia dizendo que estava zangada com ele, pois soubera de coisas que nunca o julgara capaz de fazer. E quem lhe dissera merecia crédito. Ele ficou intranquilo. Mas, pelas cartas nada se esclarecia direito. Ela prometeu lhe contar tudo, pessoalmente. Ele ficou aguardando. Enquanto a correspondência, da parte de Lúcia, esfriava. O tempo correndo, ele aprendendo muita coisa, os professores achando-o aplicado, estudioso. Aclimata-se na cidade. Nas férias a situação ficou feia. Inventaram para seu Antonio uma longa história. Disseram-lhe que ele andava às voltas com uma dançarina, que era visto em toda parte com ela. Seu Antonio acreditou, chegou a falar nisto com ele. Desmentiu. Mas as intrigas continuaram. No fim do ano a coisa estourou mesmo. Seu Antonio fez Lúcia romper o noivado, com todos os ff e rr. Ele quase morreu de raiva e de tristeza. De fato, saiu uma vez com uma dançarina. Queria dançar, divertira-se um pouquinho, nada mais. E daí inventaram toda aquela história, que eram amantes, que morava com ela. Com seu Antonio não tinha mais termo. Era destes homens antigos, com preconceitos que não se vergavam ao peso de coisa nenhuma. E foi assim que o noivado

acabou de repente. Desde crianças... Ele continuou o curso sem entusiasmo. Formou-se, juntou algum dinheiro, viajou. Trabalhou um pouco. Depois, recolhera-se a sua cidade. Lúcia casara-se há muito tempo, com um marido escolhido pelo seu pai. Com aquele sim, devia dar certo. Mas não dera. Era isto que, depois de um punhado de anos, ela estava ali a lhe contar. A sua imaginação reviu todos estes fatos, enquanto a sua companheira falava. Mas agora parecia que ela terminava; ele concentrou a atenção em suas palavras).

— Voltando aqui eu não poderia deixar de lhe dizer estas coisas. Quero pedir-lhe perdão...

— Perdão de que, Lúcia? Você não teve culpa de coisa nenhuma...

— Tive sim, sei que tive, eu fui aceitando logo o que papai queria, sem respeitar o nosso... amor, os nossos juramentos...

— Mas isto já passou, para que pensar nestas coisas? O que lá vai, lá vai...

— E', isto é bom é de dizer, mas dentro da gente estas coisas vivem sempre.

— Eu sei, é isto mesmo, mas para que se encerrar apenas no passado?

Você bem vê, eu não cesei, fiquei fiel às nossas... promessas... e ainda está em tempo de realizá-las. De minha parte... depende só de você.

— Não, Alfredo, não quero este sacrifício. E depois, o meu coração também envelheceu muito. Ele está tão enrugado como o meu rosto. Não acredita mais em coisa nenhuma, nem mesmo o passado consegue despertá-lo.

— Não posso crer, Lúcia. Eu a conheço bastante para acreditar em um milagre.

— E' apenas uma doce ilusão que você alimenta... Bondoso como sempre... Estas palavras suas me ajudarão algum dia... Agora acho melhor nós nos despedirmos... E quero lhe dizer a verdade. Eu vim aqui só para isto, só para lhe dar estas explicações. Agora voltarei, vou viajar, ver se encontro alguma coisa que distraia a minha imaginação. Acho que ela está doente, sabe? Tudo a enfastia, a incomoda... Nos dias mais bonitos, ela enxerga tudo preto, triste... Mas viajando talvez isto passe e, mais do que isto, o seu exemplo, o exemplo de sua bondade, há de me ajudar...

— Não fale assim, Lúcia. Para que complicar as coisas. Velamos a vida como ela é. Fomos infelizes até agora. Podemos concertar isto. A oportunidade aí está. Como disse, depende apenas de você.

— Não, não adianta você insistir. E está ficando tarde... acho bom nos despedirmos. Eu embarcarei amanhã cedo e... E os dois se despediram, sem exteriores demonstrações de afeto, que se refugiou todo em seus corações. Alfredo saiu.

Na rua deserta só ele se movimentava. Sim senhor, Lúcia partiria no dia seguinte e talvez nunca mais a visse. Que vida. Tudo por causa de uns intrigantes sem consciência... e por causa dos preconceitos também, daquele espírito de seu Antonio que não queria compreender. Muito bom, coitado, mas intransigente, sem maleabilidade, todo fincado em suas convicções. E por isto, ele e Lúcia... ela ainda sofrera mais, ele se consolara, era homem, se arrumara de qualquer jeito. Só uma felicidade lhe restava, entretanto, apesar de se fazer de forte. Era recordar a todo momento, aquela noite no baile, quando os olhos dela sorriam só para ele e quando, toda vermelha, ela lhe dissera que sim, que ele poderia procurar seu Antonio... O mundo era eles. E o

Cont. na pág. 50)

Conto de EUCLIDES MARQUES DE ANDRADE
Ilustração de ABELARDO ZALUAR

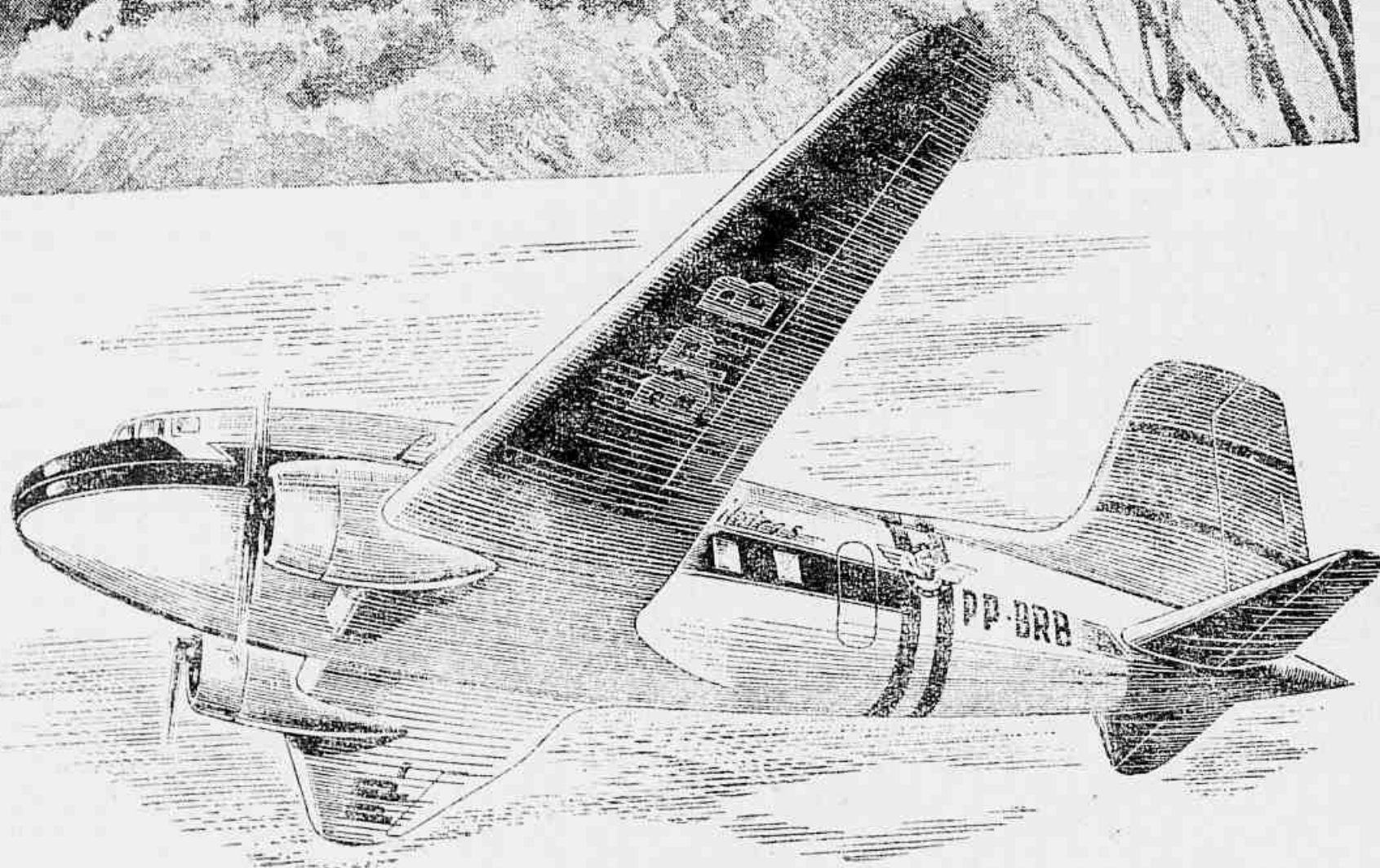
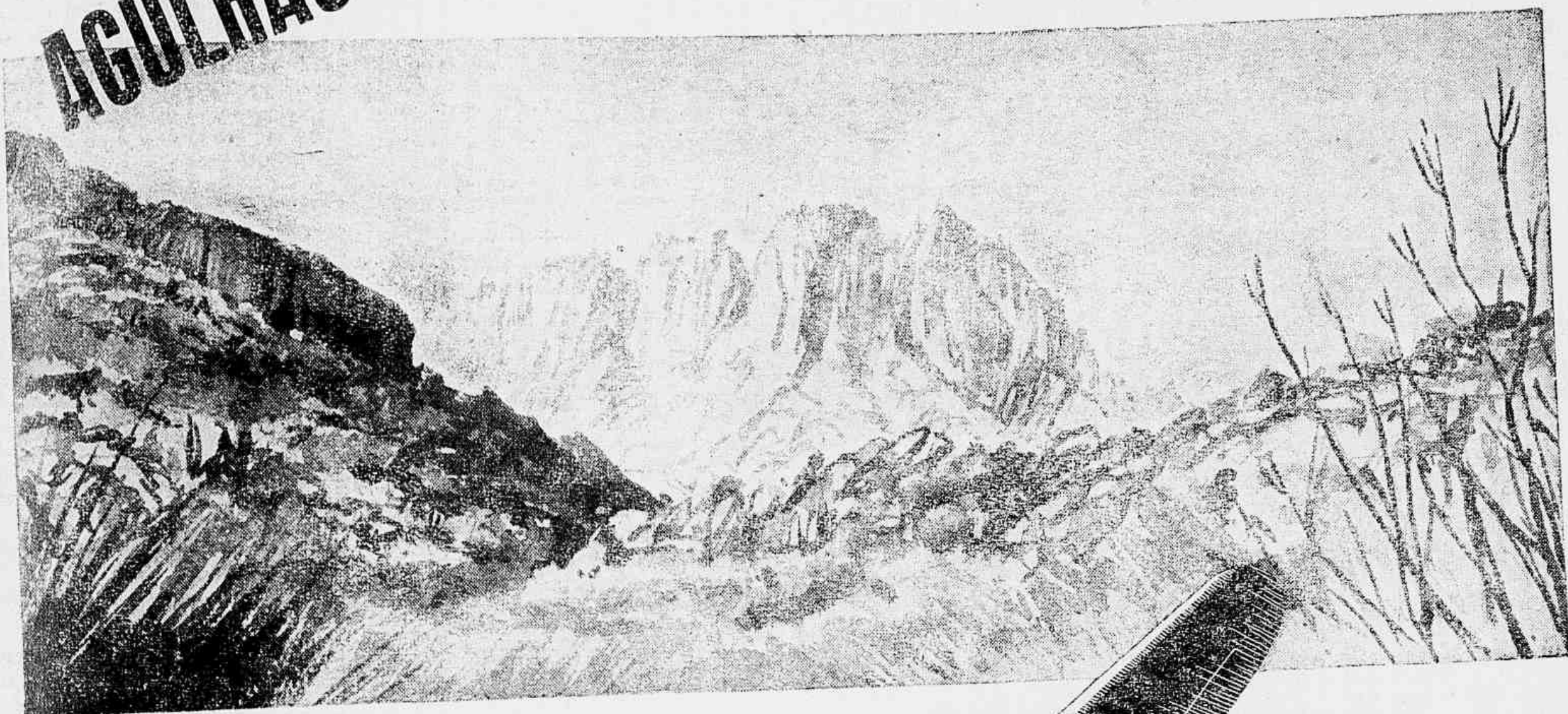


aluar 747



AGULHAS NEGRAS

UM DOS PICOS MAIS ALTOS DO BRASIL



LAB

UM DOS MAIS ALTOS EXPOENTES NO SETOR DOS TRANSPORTES
AÉREOS NACIONAIS

Economise sempre tempo e energia, sobrepondo-se aos atropelos de longas viagens, utilizando-se das

Elevando-se acima das dificuldades que impediam uma comunicação rápida entre várias das mais importantes cidades do Brasil — a L. A. B. — com as suas rotas aéreas em 3 direções — coloca as extensas faixas que sobrevoa: Litoral Este e Nordeste, Triângulo Mineiro e São Paulo, em condições de serem mais rápida e confortavelmente atingidas.

LIXHAS AÉREAS BRASILEIRAS S/A

RUA SANTA LUZIA, 305-LOJA — TELS. 42-3388 E 42-3399

PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que será posto à venda em todo o Brasil, na primeira quinzena de Dezembro do ano corrente.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL

SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

CHILE, NAÇÃO EM PROGRESSO

(Cont. da pág. 34)

sempre limpas recebem visitantes vindos de todos os pontos do país e do estrangeiro. Cartajena, Lillo e Constitución, mais ao sul, têm, também, grande movimento durante as temporadas de verão.

A formosa capital da República do Chile, a Santiago del Nuevo, Extremo, fundada em 1541, por Don Pedro de Valdivia, encontra-se em um dos vales centrais mais férteis, a 180 quilômetros do Puerto de Valparaíso, e tem como telão a incomparável beleza da parte mais alta e nevada da Cordilheira dos Andes.

A cidade conta com uma população de mais de um milhão e duzentos mil habitantes, e seu aspecto romântico combina sua edificação colonial com os modernos arranha-céus, com avenidas amplas e ruas pavimentadas, parques e jardins muito bem cuidados. Praças e Hipódromos de grande beleza estética e panorâmica, Museus, bibliotecas, estações ferroviárias, aeródromos, vivendas de grande luxo, hotéis de primeira ordem, tudo isto faz de Santiago uma das mais belas e florescentes cidades da América Latina.

Santiago pode orgulhar-se de ser o primeiro centro de turismo da nação,

por sua ubiquação geográfica, sua indiscutível beleza e por sua ligação com os belos lugares nos contrafortes da Cordilheira dos Andes.

O Chile é um dos países que devem ser visitados para que se possa admirar uma excepcional riqueza turística posta à disposição dos mais exigentes viajantes. Seu clima, a beleza de suas mulheres, a bondade e a hospitalidade de seus habitantes e tudo o que pode apresentar aos visitantes, tornam inesquecível uma excursão ao país.

Sendo a nação sul-americana mais distante do Brasil geograficamente, o Chile está, entretanto, perto do nosso coração. A história de sua independência tem uma coisa em comum com a do Brasil, pela sua libertação trabalhou e combateu, também, o grande marujo e campeão da liberdade que foi Lord Cochrane.

ROTEIRO DO CICLO DO OURO

(Cont. da pág. 27)

em cavalos de peçoço, no meio de uma multidão de figuras secundárias: ninfas, anjos, pagens, trombetairos. Seria como um dos nossos prestitos carnavalescos, atuais, no qual o pechisbeque fosse substituído pelos metais nobres e os vidrilhos por diamantes legítimos.

De todas elas, as cidades mineiras que o livro de Edgard Falcão vai desdobrando, fielmente, como o roteiro mais vivo e colorido do ciclo do ouro, coube evidentemente à antiga Vila Rica, pelo seu passado, pela sua crônica "hantée" pelas figuras de Tiradentes e do Aleijadinho, de Marília e de Dirceu, de Felipe dos Santos e do Chico Rei, a preferência dos reparos e dos gabos de quanto viajante ou homem de letras lhe tenha palmilhado as ladeiras, desde as amargas palavras de Antonil e Mawe ao grave acento orquestral do soneto de Bilac,

Dobra o sino... Soluça um verso de [Dirceu...]

Sobre a triste Ouro-Preto o ouro dos [astros chove —

com que se renova, a trinta anos de distância, no mesmo cenário imutável, a florida imprecação de Raimundo Correia:

Aqui outrora retumbaram hinos.

Como "pendant" a tudo o que se disse das terras e das cidades mineiras, em letra de forma, verão entuslasta ou frio relato de cientista, há de figurar, já agora, em primeiríssima plana, pelo teor objetivo da sua contribuição, esse fabuloso acervo de aspectos e detalhes das suas ruas, das suas praças, dos seus palácios, das suas igrejas, dos seus santos, das suas lojas, dos seus móveis, do seu passado e do seu presente, que a Zeiss do médico baiano andou catando, como garimpeiro de nova estirpe, na mais bela expressão da sua glória, para o triunfo integral dessa obra prima de divulgação e amor à terra do Brasil, e que me deu, sem ter ido lá, a mais completa e exuberante sensação da melhor viagem que eu poderia ter feito a Minas Gerais.

MINHA MÃE VAI ME FATER

(Cont. da pág. 18)

gócio de jaboticabas rendia alguma coisa.

Pedrinho era quem ia apanhar a fruta no mato. Apanhar a fruta ele bem que gostava, apesar do medo que sentia. Medo daqueles bichos invisíveis que faziam barulho por entre as folhas, quebravam pauzinhos secos e assoviavam tal qual gente. Em compensação havia sombra, aquele ventinho gostoso e fruta em abundância. O medo da chibata era terrivelmente maior. Catar as frutas até era bom. Vendê-las é que não

lhe era agradável. Não sabia oferecer. Desde o dia, porém, em que voltara para casa com meia bacia de frutas, nunca mais deixou de esforçar-se para que nada sobrasse. Nessa ocasião, o páu cantou grosso.

— Por que não vendeu tudo?

— Ninguém mais quis comprar.

— E eu não lhe disse que vendesse tudo? Não lhe disse? Pois agora você vai apanhar e passar o dia comendo só a jaboticaba que sobrou.

Naquela manhã, a bacia pesava-lhe na cabeça. Segurou-a com força e ganhou a estrada, assoviando uma velha marchinha carnavalesca. Seriam oito horas, mais ou menos. Olhou o sol e achou que o mundo, fora das vistas de Dona Engrácia, era uma maravilha, mesmo vendendo jaboticabas nas casas em que lhe diziam desaforos.

Havia dias em que tudo corria bem. Sem grandes dificuldades se via livre do peso na cabeça. Noutras ocasiões, em que a venda se tornava difícil, trabalhosa, impedida em alguns setores pela concorrência, ele era obrigado a permanecer o dia inteiro na cidade, oferecendo de casa em casa, aos transeuntes: "Não quer comprar jaboticabas? São bonitas e doces como açúcar".

O sol brilhava lá em cima, bonito.

— Compra... É boa. (Pedrinho punha nesse "compra... é boa" toda força suplicadora de uma criança necessitada).

Batia noutra porta:

— Quer comprar jaboticabas?

— Não me amole, menino!

— Ora, compre!

— Vá amolar outro.

E lá ia o pobre menino oferecendo de casa em casa. Por volta do meio-dia, sentou-se no meio-fio de uma calçada.

Na estrada, pela manhã, uma menina de idade igual à sua cruzara o seu caminho. Seus cabelos louros e bem tratados brilharam ao sol. Se ele pudesse jogar fora as jaboticabas, com a bacia incômoda, e ir brincar com essa menina à sombra dos arvoredos que por ali havia... Seria bem bom. Talvez não jogasse fora as frutas; as chupariam juntos. Sempre (e era raro) brincou com meninos atrevidos e brutos. Brincar com a menina devia ser diferente, agradável, "macio" como a casca da fruta que pesava na sua cabeça. Depois, sair andando pelo mundo, ao lado dela, vendendo coisas novas...

(Cont. na pág. 24)

NOVA SÉRIE DE BIOGRAFIAS DE HENRY THOMAS E DANA LEE THOMAS

DADO o êxito excepcional que têm alcançado as biografias que a REVISTA DA SEMANA vem publicando, acabamos de adquirir à Livraria do Globo, de Porto Alegre, mais duas séries de trabalhos de Henry Thomas e Dana Lee Thomas. Essas novas séries correspondem às vidas dos grandes romancistas e dos capitães da fé, sendo publicados os respectivos trabalhos, alternadamente, com outras biografias que anteriormente havíamos adquirido, de grandes músicos, grandes filósofos, estadistas famosos e grandes pintores. Aguardem, pois, os leitores de "REVISTA DA SEMANA", as histórias empolgantes das vidas dos mestres do romance e dos homens que através dos tempos têm levado às multidões o poder e o lenitivo da fé.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS
SOCIEDADE ANÔNIMA
DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES
ALFANDEGA, 50

MÚSICA

PIANISTAS DE TÔDA A ESPÉCIE — WILHELM BACKHAUS — A SOBRIEDADE E O VIRTUOSISMO — UM CICLO DE BEETHOVEN — INICIATIVA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CONCERTOS.

De ROBERTO LYRA FILHO
(Especial para a "REVISTA DA SEMANA")

PODEMOS afirmar que a maior qualidade de Wilhelm Backhaus é a sua magnífica sobriedade. Estamos fartos de pianistas que tudo sacrificam à sua vocação de *virtuosi*, mais preocupados, sempre, em demonstrar a própria destreza, ao fazerem escorregar dedos ágeis pelo teclado, do que em traduzir a mensagem sonora, que o compositor fixou, em notas, e que deve ser recomposta, em esforço laborioso, cujo prêmio é a satisfação íntima de ter sido artisticamente honesto. Temos assistido, com demasiada frequência, na verdade, a deturpação desse objetivo do intérprete. Em vez de se compenetrarem de sua função, que é identificar-se com o sentido das peças, fazendo aflorar, em cada acorde, a alma do compositor, o que temos verificado é pianistas mais preocupados com eles mesmos.

Por isso, Backhaus impressiona. Na sua execução, tão compreensiva, as sonatas de Beethoven se projetam, com sua estrutura perfeita, seus arroubos. Vemos crescer e expandir-se o mestre de Bonn, cujo tom dramático Backhaus extrai do piano com vigor perfeitamente controlado, sem excessos. O domínio completo do instrumento, que Backhaus tem, não se intromete, na exibição inoportuna de uma técnica. Esta existe, simplesmente, como uma condição indispensável para que sejam vencidas as tremendas dificuldades das peças. Porém, essa noção de que o intérprete está vitoriosamente superando todos os obstáculos não está presente, durante a execução, tal o sereno equilíbrio com que estes são transpostos. Somente depois é que o espírito crítico se detém nessa particularidade. E isso significa que, em Backhaus, a técnica está colocada em seu verdadeiro plano. Aliás, é realmente de admirar a tolerância que se tem pelos pianistas que fazem demonstrações de agilidade, de virtuosismo. Um Horowitz, por exemplo.

CICLO DE BEETHOVEN

Estávamos precisando, na verdade, de ouvir as sonatas de Beethoven. Depois que Kleiber nos deu as sinfonias, com sua autoridade de intérprete da mesma escola de que provém Backhaus, tinham ficado faltando as sonatas e os concertos para piano e orquestra.

Devemos, portanto, à Associação Brasileira de Concertos, essa visita que, destacando-se como um dos principais acontecimentos da atual temporada, completou, para o público carioca o quadro das obras de Beethoven, na tradução magistral de dois intérpretes de valor comprovado.

Não é esta a única iniciativa da Associação Brasileira de Concertos para a qual reservamos palavras de estímulo. Melhor demonstração de compreensão do esforço dessa nova agremiação artística não poderia haver do que o espontâneo acolhimento proporcionado pelo público às suas realizações. Ainda não completou um ano a organização e já os nossos círculos musicais, infelizmente tão restritos, lhe são devedores de concertos de excepcional interesse.

Com esse trabalho de depuração, esperamos ver ultimada a esperada transformação das nossas temporadas, livres, enfim, dos falsos *artistas*. Livres dos batucadores do tipo soporífero, que embalam o sono plácido de um público que aguarda o momento de sair do Theatro, para a ceia, nas confeitarias próximas. Livres dos pianistas tipo carpinteiro que martelam o piano, impiedosamente, em demonstrações de insuperável energia, valendo-lhe o esforço físico algumas palmas de ouvintes espantados diante do "vigor" das suas interpretações. Livres daqueles que, interpretando as variações, "chorar e gemer", deixavam-nos, como dizia meu velho amigo Imbassahy, chorando e gemendo...

Assim, à Associação Brasileira de Concertos cabe uma função importante, a ela estão ligadas tremendas responsabilidades. Começando tão bem é necessário que, no futuro, mantenha, na mesma altura, o nível de suas realizações. Depois de ter tomado as significativas iniciais A. B. C., lançando-se, com entusiasmo, à tarefa de valor educativo, essa nova organização fica presa por compromissos tácitos à orientação que imprimiu aos primeiros concertos.



...esta palavra exprime
bem o valor de

NARCISO DE PHEBO

o perfume novo

que é a grande

atração

do momento.

NARCISO DE PHEBO

Extrato

Loção — Colônia

três mágicos

poderes

de sedução!



NARCISO
CRIAÇÃO PHEBO



PERFUMARIAS PHEBO LTDA

COM 1947 CHEGOU O NOVO

CONJUNTO
TIPO AMERICANO
PARA COPA E COZINHA



KITNEVE

INDÚSTRIAS
NEVE LTDA.

Rua Rosa e Silva, 74 - Po.
nos 5-1311 e 5-1322
São Paulo

"Vendas e Exposição no Rio de Janeiro"

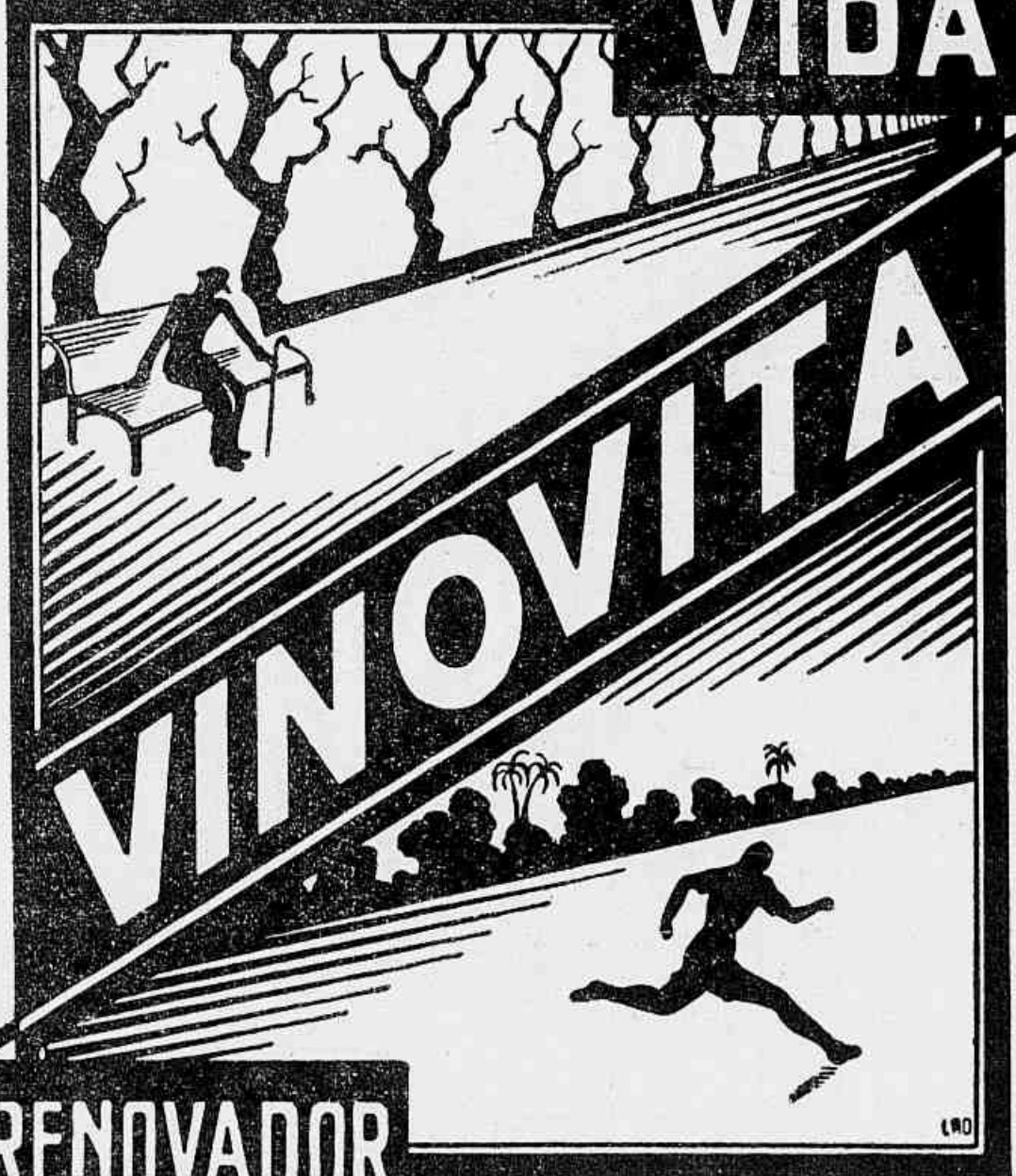
LOJAS MURRAY S A - Rua Rodrigo Silva, 13
CIA. AUTO-LUX IMPORTADORA - Av. Copacabana 233-A

"ÚNICO REPRESENTANTE - A. BLUM SOBRINHO. Tel. 43-6824"

★ Para a beleza, a comodidade e a economia de sua residência. O novo tipo KITNEVE apresenta melhoramentos valiosos e moderníssimos. Consulte-nos sem compromisso para detalhes

Contra o esgotamento
físico e mental!

**VINHO
DA
VIDA**



**RENOVADOR
DAS
FORÇAS**

Tônico poderoso

Contra dores

ASPIRINA



O remédio de confiança

A vida de Rubens

(Cont. do núm. ant.)

Os deveres diplomáticos eram obrigações para Rubens. Em 1626 sua esposa faleceu, e unicamente suas constantes viagens, a agitação e o trabalho lhe restituíram a paz de espírito. A arquiduchessa, agora que a Inglaterra parecia disposta a um acordo, mandou Rubens a uma excursão pela Espanha, a fim de a aliança inglesa. Era uma tarefa sutil. Mas o astucioso artista diplomata era mais do que um demônio nesse trabalho. Armado de seus cavaleiros e seus pincéis, partiu para a Espanha. Ali encontrou o jovem pintor da corte espanhola, Velázquez. Numa única particularidade Rubens e Velázquez se pareciam. Acreditavam ambos que o destino revelaria grande sabedoria, escolhendo-os como favoritos. Em quase todos os outros pontos os dois discordavam. Rubens passara muitas horas instruindo o jovem espanhol. Disse-lhe que estudasse a Renascença italiana como um modelo para sua arte. Aconselhou-o a copiar os antigos. Mas Velázquez sabia ver a natureza — faculdade inteiramente além dos poderes de compreensão de Rubens. Rubens chegou a insistir com Filipe IV para mandar o jovem pintor da corte à Itália. Mas, em suma, o que Velázquez aprenderia lá? Por que copiar os outros quando tinha criações de um gigante à sua própria mão? Ele foi algo que Rubens jamais pôde ser. Era rombo e espanhol, e tinha poesia nos dedos. Era um criador.

Rubens, entretanto, achava-se nessa época em pleno impulso do segundo período de sua arte. Lentamente encontrava o meio de alcançar sua maior qualidade — a cor. Nesse campo, Velázquez jamais poderia sobrepujá-lo. Além disso, estava aprendendo a dominar seu maior defeito — a negligência no maneirismo da composição. Em seus primeiros trabalhos, muito da ação dramática e do maneirismo miguelangelesco realmente carecem de convicção. Seu Juízo Final parece um saco de batatas. Mas agora vinha lentamente as dificuldades da forma e do desenho.

Ao mesmo tempo, aperfeiçoava-se também na forma e no desenho da diplomacia européia. Foi à Inglaterra como representante da coroa espanhola. Procurou conseguir um diploma honorífico de Cambridge, e recebeu uma encomenda do Rei Carlos para decorar o teto do salão de banquetes, em Whitehall. Carlos acabava de privar a Inglaterra de seu parlamento, e a Inglaterra estava prestes a privá-lo de sua cabeça. Sentia-se farto desse mestre da intriga, Richelieu, e achava-se pronto a mergulhar o país inteiro na guerra, a fim de desviar o espírito de seus vassallos da luta constitucional intestina. Rubens não gostaria de ver a Inglaterra caminhar para a guerra, especialmente se fosse uma guerra contra a Espanha. E assim, com a astúcia de um diplomata e o gênio de um artista, pintou para Carlos um quadro alegórico, representando os terremotos da guerra e as bênçãos da paz.

A agradável permanência de Rubens na Inglaterra não foi agraciada com a amizade de Buckingham. Porque naquela época discutia-se, em geral, se Buckingham seria amável ao menos com Belzebú, visto que fora assassinado no ano anterior, por um descontente. Alguns moralistas preferiam ver nesse fim prematuro o princípio do bem vencendo o mal. Há, contudo, tanto o bem em Buckingham, quanto o mal. Entendia tanto de arte quanto de beljos. Rubens conseguiu vender-lhe toda sua coleção de arte italiana, cobrando-lhe "dez mil libras pelo que não custara mais de mil", como afirmou um seu contemporâneo.

Essa mesma coleção valeria hoje muitas vezes dez mil libras, pois se compunha de dezenove quadros de Ticiano, treze de Veronese, dezessete de Tintoretto, três de Rafael e treze do próprio Rubens.

Quando Rubens voltou da Inglaterra contraiu matrimônio pela segunda vez. Sua primeira esposa morrera havia três anos. A nova noiva era uma jovem robusta de dezessete anos. Rubens tinha cinquenta e três. Conheceu Helen desde a infância. Na verdade era uma parenta afastada de sua primeira esposa. Casaram-se em 1630, e Rubens começou a pintá-la em todas as poses imagináveis, vestida ou despidida. Helen passou à posteridade como uma mulher roliça, tornada famosa pela arte de seu marido. Aos cinquenta e três anos, Rubens era um gentleman com os desejos de um sátiro. E Helen era sua graciosa nina. Rubens foi condenado por alguns de seus críticos pela maneira como exibiu a esposa. Mas esses críticos cometeram o engano de confundir arte com moral. A própria Helen cometeu esse engano. Depois da morte de Rubens, quase destruiu vários quadros, mas mudou de idéia quando o Duque de Richelieu ofereceu-lhe uma larga soma por eles. Helen venceu seus escrúpulos morais, para enriquecimento próprio — e do resto do mundo.

VII

Depois de seu segundo casamento, Rubens mergulhou mais uma vez no sorvedouro da diplomacia. Nem os ataques de gota, nem uma linda esposa puderam

impedi-lo. Tornou-se tão ocupado em seus negócios políticos, que "ficava sobre uma perna só", como se expressou, em cartas a amigos seus. Mas, em 1633, queimou os dedos numa explosão política e retirou-se da cena. A arquiduchessa Isabella ordenara-lhe que ficasse em Antuérpia e de forma alguma permitisse que certos papéis importantes de Estado saíssem de suas mãos. Mas um dos líderes do partido do povo, o duque de Arschot, pediu para vê-lo. Rubens mandou-lhe uma carta em que recusava mostrá-lo. E o duque zangou-se. Escreveu-lhe um bilhete breve, finalizando com essa observação: "Espero que no futuro aprenderá como pessoas de sua casta deveriam escrever a pessoas da minha". Rubens imediatamente mandou-lhe uma carta de desculpas, e o duque mostrou essa carta aos amigos. Com a morte de sua protetora, Isabella, Rubens renunciou ao papel de diplomata. Daí em diante, foi apenas um pintor. E um pintor muito doente naquela época. Sofria de sérios ataques de gota — estranha penalidade para um homem que fôra moderado no comer, durante toda sua vida. Quando o irmão do rei da Espanha chegou a Antuérpia, a fim de suceder Isabella como Vice-rei, Rubens não pôde mover-se do leito para recebê-lo. Entretanto, nos intervalos de seus ataques, conseguiu desenhar onze arcos decorados para o festivo acontecimento.

De agora em diante, seu caminho conduzia não ao palácio mas ao túmulo. Alcançara a terceira e mais bela fase de sua pintura. Durante trinta anos trabalhara penosamente para conseguir o segredo da cor. E agora dominara finalmente a arte. Aprendera, também, a arte da composição, como o asseguram os que viram sua série de quadros da vida de Maria de Medici. Talvez o mais

Henrique IV da França recebe o retrato da rainha italiana das mãos de anjos. A figura imponente e romântica de Henrique, quando de pé, vestido com sua armadura, olha o retrato. É Rubens em plena magnificência. Dessa vez há, em seu trabalho, tanto sentimento quanto cor. Outra obra-prima desse período é o retrato de sua segunda esposa, Helen Forment, segurando um leque. O quadro consiste numa série de linhas horizontais e inclinadas — as nuvens do fundo, o chapéu oblíquo, o leque de penas — mistura mais ou menos perfeita de composição, cor e técnica. Há controle, calor e uma maravilha de claro-escuro nesse quadro tanto como em A Descida da Cruz. Que importa se, como afirmam alguns, Rubens "aproximou-se por seu próprio estilo e procurava realçar a beleza de seu próprio sentimento mais do que acentuar o caráter da beleza que pretendia expressar? Discutiu-se sua sinceridade. Era um homem de espírito científico e, como seu pai, um tanto céptico em religião. Entretanto, os quadros religiosos de seu último período evidenciam um culto da Beleza; e isso está, na realidade, muito intimamente ligado à beleza do culto.

Quanto à sua vida particular, esqueçamos a fraqueza de seu caráter e concentremo-nos na coragem que demonstrou em seu leito de dores, até os últimos momentos. Antes de sua morte, ainda teve vigor suficiente para dar ao monarca Filipe IV da Espanha mais uma prova de simpatia. Mandou-lhe de sua fábrica um carregamento de cento e doze quadros, entre os quais estão vários exemplares de seus maiores trabalhos. O rei, num grato reconhecimento pela cortesia, encomendou uma série de novos quadros originais do artista moribundo. Tanto o rei como Rubens sabiam que a tarefa jamais seria completada. Rubens trabalhava apenas nas primeiras telas, quando a Morte veio tomar de sua mão o pincel ainda vibrante.

(Do livro "Vidas de grandes pintores").

A falena

(Cont. da pág. 28)

o mesoblasto da Phalena de cabeça de caveira. O mérito do trabalho de Pawkins era quase nulo, mas forneceu a Hapley a ocasião que ele procurava havia tanto tempo. Trabalhara noite e dia para ficar com o melhor partido.

Em um resumo crítico, muito cuidadoso, do trabalho de Pawkins, ele desbaratou-o completamente bem — pode-se vê-lo em imaginação, arremetendo contra o adversário, com os cabelos negros em desordem, os olhos negros lançando estranhas chispas. Pawkins deu uma resposta hesitante, sem capacidade, acolhida por um penoso e malévolo silêncio. Não havia a menor dúvida que ele quisesse prejudicar Hapley, mas fôra impotente para conseguir este fim. Somente algumas das pessoas que o ouviram falar — eu não assisti a esta sessão — suspelaram que ele estava já muito doente.

Hapley desbaratara o inimigo, mas queria derrotá-lo completamente. Con-

tinuou, pois, a questão, com um ataque simplesmente brutal contra Pawkins, sob a forma de um memorial tratando do desenvolvimento das falenas em geral, o qual atestava, com evidência, a soma, mais do que extraordinária, de trabalho mental que ele dispendera para combati-lo, e era recebido entretanto no estilo de violenta controvérsia. Embora violentíssimo, fôra, ainda assim, muito atenuado: isto dizia o autor em uma nota. Pawkins ficou, desta vez, coberto de confusão e ignomínia, pois não lhe era dada a mínima excusa. Hapley fôra assassino com a sua argumentação, e o tom em que escrevera era completamente desdenhoso e insolente. Enfim, foi uma manifestação esmagadora para um homem que chegara já aos últimos anos da sua carreira.

O mundo dos entomologistas esperava com ansiedade a réplica de Pawkins, e este quis ainda fazê-la, já mais tinha recuado; quando, porém, ela apareceu, causou surpresa geral; a resposta de Pawkins foi apanhar uma influenza, que degenerada em pneumonia, o levou à sepultura.

Era, sem dúvida, a resposta mais eficaz que poderia ter feito nestas circunstâncias, pois voltou completamente a opinião geral contra Hapley. Aqueles mesmos que o tinham aplaudido alegre e entusiasmadamente neste combate de modernos gladiadores, ficaram frios ante o resultado final da luta. Não pôde com razão de que o desgosto que recebera com a última desfeita tivesse contribuído para a morte de Pawkins. Até mesmo nas discussões científicas devia haver um limite, diziam as pessoas sensatas. Achava-se já no ar um outro ataque ofensivo, que apareceu na véspera do dia do enterro. Não creio que Hapley tivesse feito o menor esforço para impedi-lo de sair a lume.

O público não esquecera o modo por que Hapley perseguira o seu rival e já não pensava mais nos defeitos deste rival. A sátira envenenada não tinha explicação sobre um túmulo recentemente aberto. A coisa provocou comentários nos jornais diários. Isto foi o que me fez julgar que todos estariam cientes da grande contenda de Hapley. Porém, já muitas vezes tenho reparado que os que trabalham vivem como que em um mundo fechado, e aposto que a maioria dos ociosos que circulam durante o ano inteiro de Picadilly até a Academia não saberiam dizer onde se acham instaladas as sociedades científicas, e até mesmo muitos deles pensam que um laboratório de investigações científicas é uma escola de galola de pessoas felizes, onde dormem juntos em completa paz, toda sorte de homens.

Hapley, em suas mais íntimas reflexões, não podia deixar de pensar na morte de Pawkins. Primeiramente esta morte tinha sido para Pawkins um meio desprezível de escapar aos argumentos esmagadores que Hapley tinha já em idéias contra ele; em seguida, ela fazia como que um vácuo estranho no espírito de Hapley.

Havia já vinte anos que ele trabalhava encarnicadamente, algumas vezes até altas horas da noite, sete dias por semana, com microscópio; escalpelo, pena, rede para apanhar borboletas, tudo isto quase que somente para fazer frente à Pawkins. A reputação por ele adquirida em toda a Europa viera-lhe, sem que tivesse pensado nisto, no decorrer daquela grande polémica. A força de trabalho, conseguira exceder-se a si mesmo, nessa última controversia, a qual causara a morte de Pawkins, é verdade, porém, perturbara horrivelmente Hapley, e o seu médico, aconselhou-o a abandonar por algum tempo toda espécie de trabalho e dar ao corpo e ao espírito o repou-

so de que tanta necessidade tinham. Retirou-se ele, portanto a uma aldeia de Kent, lugar tranquilo e saudável. Ainda mesmo, aí, só pensava, dia e noite em Pawkins, e nada de bom poderemos dizer dele durante este tempo.

Finalmente compreendeu Hapley em que sentido eram dirigidas as suas preocupações. Resolveu fugir a elas, e começou tentando a leitura de romances; não conseguia, porém, afastar do pensamento a figura livida de Pawkins pronunciando o seu último discurso, do qual cada frase fornecera a Hapley uma vitória. Ele pensava nas peripecias do romance e cada vez mais se convenciu de que nenhuma impressão lhe faziam. Leu as *Distrações das noites de Islândia* até o ponto em que a razão transtornou-se-lhe completamente com a história do diabo escondido numa garrafa. Então passou a ler Rudyard Kipling e convenceu-se de que "não prestava para nada" e além de tudo era vulgar e pouco respeitoso. Os homens de ciência têm exatidões particulares. Depois, infelizmente, tentou ler a "Intimidade doméstica", de Anna Besant; logo no primeiro capítulo foi transportado ao seio de sociedades científicas, e ainda uma vez todo o seu pensamento voltou-se para o falecido Pawkins.

Recorreu ao jogo de Xadrez; era um pouco mais calmante do que a leitura. Bem depressa aprendeu a fundo a marcha das diversas peças, as principais combinações, as regras sobre as posições a tomar; em pouco tempo mesmo já derrotava o pastor. Mas, em breve, os contornos arredondados do Rei inimigo começaram também a evocar a Hapley a figura triste e descoroçada de Pawkins defendendo-se inutilmente de um cheque-mate; Hapley decidiu renunciar ao xadrez.

Pensou, então, que o aplicar-se a alguma nova ciência seria para ele uma diversão e distração melhores. Não há nada melhor para repousar o espírito do que a mudança de ocupações. Hapley decidiu aprofundar-se no estudo dos seres minúsculos, e mandou vir de Londres um dos seus pequeninos microscópios e a monografia de Haplibut. Julgava que poderia talvez recomençar a sua vida ainda com mais êxito, se conseguisse travar uma violenta polémica com Haplibut, e assim esquecer a Pawkins. Porém, imediatamente ao trabalho; e, com o ardor e energia de que era dotado o seu caráter, aplicou-se ao estudo dos habitantes microscópicos dos rios.

No terceiro dia das suas dissecções descobriu uma nova informação sobre a fauna local. Era já tarde e achava-se trabalhando com o microscópio; a única luz que havia no seu quarto era a da pequena lâmpada, a qual tinha um abajour verde de forma especial. Como todo observador experimentado, ele conservava abertos os dois olhos, sendo que é esta a única maneira de escapar a fadiga excessiva. Tinha um dos olhos aplicado ao instrumento, fixado o olhar sobre o campo circular, em plena luz do microscópio, no meio do qual agitava-se docemente um bactério de cor castanha. O outro olho olhava sem ver; verdadeiramente Hapley não via senão a parte interna do instrumento, o círculo iluminado no pano da mesa, uma folha do caderno de notas, o pé da lâmpada e, fora disto, o quarto em completa obscuridade.

Súbitamente, deixou de prestar atenção com um dos olhos, o que estava fixo no instrumento, e começou a firmar o outro, que achava-se aberto sem ver. O pano da mesa, desse tecido a que os negociantes dão o nome de tapeçaria, era de cor muito clara e viva. O desenho era amarelo, cor de ouro, com leves tons vermelhos e azul claro sobre um fundo acinzentado. Em um certo lugar

BIBLIOTECA MILITAR — Realizou-se recentemente, na sede da Biblioteca Militar, uma cerimônia a que compareceram, além do Ministro da Guerra, o Chefe do Estado-Maior do Exército, o cte. da 1.ª R. M., o Diretor da Biblioteca, quando foram inaugurados ali o retrato do Duque de Caxias, patrono do Exército, e o busto do Barão de Loreto, Ministro da Guerra que, em 1881, criou a antiga Biblioteca do Exército, extinta 41 anos mais tarde. Foram inaugurados outros melhoramentos e uma pequena exposição de livros raros (címélos) e das publicações editadas pela B. M. Foram condecorados com a medalha de guerra, o cap. Waldir de Melo Ferraz, cap. Felisberto Vilhena Filho, Petronilha Pimentel, bibliotecária e Alberto Lima, do Gabinete Fotocartográfico. Na foto que ilustra esta notícia vemos da esquerda para a direita: General F. de Paula Cidade; General Milton de Freitas Almeida; General Juarez Távora; General Can-



84 anos antes

do Brasil transformar-se de Império em República a firma Seager's da Inglaterra, já havia sido fundada e já fabricava o famoso Seagers Gin, mundialmente conhecido e apreciado pela sua alta qualidade e delicioso sabor. A congênera brasileira continua a fabricar sob a responsabilidade de sua Matriz, o Seagers Gin e é por isso que aqui no Brasil se toma sempre o mesmo incomparável produto que se bebe na Inglaterra.

Desde 1805
SEAGERS
SIGNIFICA
SUPERIORIDADE

**SEAGERS
GIN**
(DIGA-SIGA)

Estude por Correspondência

desenho

mecânico e arquitetônico

GRÁTIS
CARTEIRA DE IDENTIDADE
COMPÊNDIO DE CALIGRAFIA
PAPEL ESPECIAL PARA DESENHO
SERVIÇO TÉCNICO DE CONSULTAS
ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL
CÓDIGO OFICIAL DE OBRAS

Um futuro brilhante aguarda V.S. e uma nova vida cheia de possibilidades ilimitadas! MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

NÃO PERCA TEMPO E MANDÉ-NOS IMEDIATAMENTE O COUPON AO LADO:

A indústria mecânica e as obras arquitetônicas precisam de milhares de desenhistas técnicos. V.S. pode tornar-se um destes privilegiados, ocupando um lugar de destaque e ganhando ordenados elevadíssimos. Estude em sua própria casa meia hora diária pelo método prático e moderno da maior escola do Brasil.

DURAÇÃO DO CURSO: 25 SEMANAS
Sem nenhum conhecimento prévio da matéria ou preparo especial, tornar-se-á técnico em desenhos de máquinas, motores, aviões, construção de casas, fábricas, pontes, vias de comunicação, etc.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
Caixa Postal 5058 — São Paulo
Sr. Diretor: Peco enviar-me grátis e sem compromisso as informações sobre o curso de desenho por correspondência.

NOME
RUA
CIDADE
ESTADO



Robert Pereira da Costa; Petronilha Pimentel, bibliotecária; Alberto Lima, desenhista; General Valentim Benício da Silva; General Zenobio da Costa; cap. Waldir de Melo Ferraz, secretário da B. M.; e cap. Felisberto Nunes Vilhena Filho, tesoureiro.



NUTROGENOL
GRANADO

ELIXIR
GRANULADO
GOTAS

Tônico dos nervos
Tônico do cérebro
Reconstituente

ESTRATÉGICO

O MAIOR AMIGO DA DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. **FIXODENT**, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É alcalino (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre **FIXODENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA LTDA.
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio de Janeiro

**IMPRESSIONANDO OS MEIOS
CIENTÍFICOS DO PAÍS**

EMAGRINA

Um produto nacional que emagrece sem prejudicar a saúde. Centenas de atestados médicos confirmam, na prática, o fruto de 20 anos de estudos da ciência para o emagrecimento dos gordos e a conservação da elegância dos magros.

Adquirir nas farmácias e drogarias

EMAGRINA

ou pelo serviço de reembolso
CAIXA POSTAL, N.º 2325
Rio de Janeiro

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA

**Quêda
dos
Cabellos**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

pareceu a Hapley que o desenho se agitava; as cores tinham como que um movimento de vibração.

Hapley levantou a cabeça e olhou com os dois olhos. Abriu enormemente a boca de pasmo e admiração.

Era uma enorme falena ou uma borboleta; as asas abriam-se e conservavam-se estendidas como as de uma borboleta.

Pareceu-lhe estranho achar-se este insecto no seu quarto, pois as janelas estavam herméticamente fechadas; e ainda mais estranho que não tivesse chamado a sua atenção, voejando, antes de pousar em cima da mesa. Bem para estranhar que combinasse tão bem a cor dela com a do pano da mesa, e ainda mais para estranhar, ao ver de Hapley, que ela fosse para ele, para ele Hapley, o grande entomologista de uma espécie completamente desconhecida.

Entretanto, não havia ilusão possível: ela lá estava e caminhava vagarosamente para junto da lâmpada.

— Uma nova espécie! Caramba! Em Inglaterra! exclamou Hapley, arregalando desmesuradamente os olhos.

Repentinamente lembrou-se de Pawkins. Nada teria enaltecido mais Pawkins do que esta nova descoberta... E Pawkins estava morto!

Uma qualquer coisa na cabeça e no pequenino corpo deste insecto trazia particularmente a lembrança de Pawkins, por uma estranha semelhança com o Rei de um jogo de xadrez.

— Vá para o diabo Pawkins! E' preciso que eu apanhe esta borboleta.

E, procurando ao redor de si um meio para capturá-la, levantou-se vagarosamente, tomando todo cuidado para não espantá-la. Repentinamente, o insecto voou, deu com as asas na borda do abat-jour da lâmpada (Hapley ouviu o ruído do choque) e desapareceu na escuridão do quarto.

Em um abrir e fechar de olhos, Hapley arrancou vivamente o abat-jour da lâmpada, e o quarto ficou todo iluminado. A borboleta desaparecera, mas, em poucos instantes, os seus olhos exercitados descobriram-na sobre o papel da parede, perto da porta. Aproximou-se dela vagarosamente, servindo-se, com precaução, do abat-jour à guisa de rede. Mas, antes de ser possível atingi-la, a borboleta escapou novamente e pôs-se a voar à roda do quarto. Voava como, em geral, costumam voar todas as da sua espécie — bruscamente, aos arrancos, dando voltas sobre si mesma. — desaparecendo num lugar e reaparecendo pouco depois em outro, tornando-se por vezes invisível. De uma feita Hapley esteve quase a apanhá-la, porém, não conseguiu; e a caça continuava na mesma.

Em uma terceira tentativa, foi de encontro ao microscópio e fê-lo cair ao chão, com grande ruído, depois de ter derrubado a lâmpada que rolou para baixo da mesa, tendo-se, felizmente, apagado na queda. Hapley achou-se então em completas trevas, e estremeceu ao sentir o contacto da estranha falena que roçara-lhe estouvadamente no rosto.

Era para ficar doido. Completas trevas. Se abrisse a porta, escapava-se a borboleta. Na escuridão do aposento viu perfeitamente a sombra de Pawkins escarnecendo dele. Pawkins, que tivera sempre um riso hipócrita, desta vez praguejava e tripudiava de alegria.

Nesta ocasião a extraordinária falena mente à porta do quarto, a qual abriu-se em seguida, só meia porta, lentamente, e apareceu a fisionomia inquieta da proprietária, atrás da chama de uma vela cor de rosa; a cabeça grisalha coberta com um barrete de dormir e um chale vermelho atirado sobre os ombros.

— Que horrível barulhada é esta? — disse ela. — Que história é essa que... Nesta ocasião a extraordinária falena pôs-se a voejar em frente da porta entreaberta.

— Fecha! Fecha! exclamou Hapley. E precipitou-se sobre a dona da casa.

A porta tornou a fechar-se violentamente e Hapley ficou novamente só na



NÃO HÁ MOTIVO PARA ONDA

FOI, afinal, aprovado pela Câmara dos Vereadores do Distrito Federal, o projeto que criou o "selo de circulação" sobre a vendagem do disco estrangeiro nos estabelecimentos comerciais da metrópole. Espera-se, pelo menos, uma majoração de cinquenta por cento na venda tanto de música popular como da erudita. Fomos os primeiros a aplaudir a aprovação desse projeto e continuaremos a fazê-lo sem desfalecimentos, muito embora tenham surgido vozes retardatárias de protesto. Segundo estas, o carloca não mais poderá ouvir as belas e imortais páginas de Schumann, de Beethoven, de Bach e de outros gigantes da história da música porque o projeto fará subir o custo dos discos que as contiverem a cifras astronômicas. Para fazer onda, o argumento serve, mas não exprime a realidade. Os amantes da boa música sempre pagaram mais caro as suas gravações prediletas e estão sempre, dispostos a pagar mais e mais desde que elas lhes consigam satisfazer a sensibilidade artística. E é bom notar que a preferência da turma dos clássicos pende, justamente, para os albums de procedência estrangeira. Ninguém pode negar que possuímos bons músicos e cantores. E, também, bons compositores. Villa-Lobos é, presentemente, considerado o maior compositor de todo o mundo. Porque, então, a onda não se volta contra as "nossas" fábricas de discos, que sempre os preteriram pelas gravações dos maus sambas, pelos maus cantadores e acompanhados pelos não menor maus "regionais". Há a considerar, ainda, a desproporção existente entre os que gostam de "clássico" e os que só apreciam "fox", "Bolero", "rumba" e "tango argentino". Querem um exemplo frisante? Escutem os programas diariamente irradiados pelas nossas emissoras. Mas, o verdadeiro sentido desse projeto ainda não foi bem compreendido pelos que, agora, o combatem. E quando se compreender que ele, apenas, visou proteger a nossa música popular da concorrência asfixiante da música popular de outras terras, estabelecendo, até, prêmios às fábricas que, de agora em diante, procurarem elevá-la em seu próprio "habitat", certamente não se deixará de lamentar, como nós, que os seus efeitos fiquem circunscritos, apenas, ao Distrito Federal.

F. CORREA DA SILVA

MY HEART BELONG TO DADDY

Fox de Cole Porter, — Do filme **CANÇÃO INESQUECÍVEL**, da Warner.

I used to fall in love with all
Those boys who maul the young cuties.
But now I find I'm more inclined
To keep my mind on my duties.
While tearing off a game of golf
I may make a play for the caddy;
But when I do I don't follow through
'Cause my heart belongs to Daddy.
If I invite a boy some night,
To dine on my fine finnan haddie,
I just adore his asking for more.
Bu my heart belongs to Daddy.
Yes, my heart belongs to Daddy.
So I simply couldn't be bad
Yes, my heart belongs to Daddy.
Da-da, da-da, da-da, da-da-ad!
So I want to warn you laddie,
Tho' I know you're perfectly swell,
That my heart belongs to Daddy
'Cause my Daddy, he treats me soswell.

★

AMORCITO

Canción mexicana de Roque Carabajo.

Ya de tanto adorarte
agoté mi consuelo,
si es delito el amarte
que me mate a mi el cielo.
Amorcito del alma,
solecito del día,
me robaste la calma
que en el pecho tenía.
De mi lado te fuiste,
sin decirme tú, nada,
que si no me quisiste
el ranchito te amaba.
Volverás algún día
al hogar tan querido,
y verás, alma mía,
lo que tanto he sufrido.

★

A SOLAS, CONTIGO

Canción-Fox de Jose Antonio Zorrilla e Gabriel Ruiz.

Contigo, a solas contigo,
que terrible ha de ser
el divino placer
del amor.
Contigo, a solas contigo,
de que cosas mi bien
no seria capaz
por tu amor.
Tu recuerdo no me deja
vivir en paz.
Cada dia, cada instante
te quiero más
y a veces me enloquece
la tentación

de estar contigo,
siempre contigo
juntos tu y yo.
Contigo, a solas contigo
y la muerte después
y el diluvio después
de tu amor.
Entrégate a mis brazos
y ya no pienses en mañana,
mañana está muy lejos...
quiere hoy.

★

SIGA EL CORSO

Tango de Anselmo A. Aieta e F. Garcia Gimenez.

I.

Esa Colombina
puso en sus ojeras
humo de la hoguera
de su corazón!...
Aquella marquesa
de la risa loca
se pintó la boca
por besar a un clown!...
Cruza del palco hasta el coche
la serpentina
nerviosa y fina:
como un pintoresco broche
sobre la noche
del carnaval!...

II.

Decime quién sos vos...
Decime dónde vas...
Alegro mascarita que me gritas al pasar:
"Qué hacés?... Me conocés?...
Adiós... Adiós... Adiós...
Yo soy la misteriosa mujercita que
buscás!..."

Sacate el antifaz;
te quiero conocer...
Tus ojos, por el corso, van buscando mi
ansiedad...
Tu risa me hace mal...
Mostrate como sos!
Detrás de tus desvios todo el año es
carnaval!...

I. (bis)

Con sonora burla
suenan la corneta
de una pizpireta
dama de organdí...
Y entre grito y risa,
linda maragata
jura que la mata
la pasión por mí...
Bajo los chuscos carteles,
pasan los fieles
del Dios jocundo;
y le va prendiendo al mundo
sus cascabeles
el carnaval!...

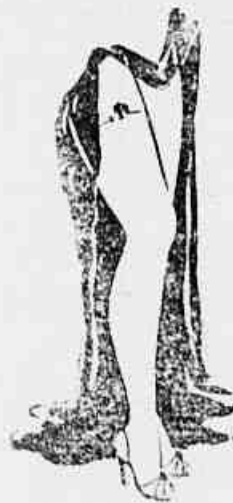
II. (bis)

**Fume! Mantenha p rêm,
s us dentes livres das an i-
es éticas Manchas de N c t n !**

O Crem Dental Nicotan (for al-ri-
gin Americana) é reconhecido e e-
c lin te para t m ntes. Remov-
o id ta ente as anchas do nicoi a
ad m ada nos inter-tic os dos de t s e
causa a pelo us, contin o co eg ro.
Nc t n o d tes um blla des
la b n t e as gen-iv s uma col raç o
a tural e sadia. Na ataca o e mait. Nc
e ntem pedra-pomes nem substân-
as acidas ou corrosivas. Ten sab r de ce-
r J. S. NCO AV, r me Dent d especial
para fumai s.



Pernas que fazem parar Automóveis...



Quem assistiu a
"Aconteceu na-
quela noite" lem-
bra-se da cena da
estrada, em que
Claudette Col-
bert, depois de
tentar fazer pa-
rar os carros que
passavam, usan-
do várias manei-
ras, só o conse-

guiu, quando mostrou suas per-
nas. Eis aí uma prova do quanto
podem pernas bonitas e perfeitas...
A beleza das pernas da mulher
tem, porém, um grande inimigo:
as varizes. Para debelar esse mal,
entretanto, existe Hemo-Virtus.
Com o uso desse poderoso medi-
camento vegetal as pernas ficam
livres das terríveis varizes. Hemo-
Virtus, tomado na dose de três
colheres ao dia, restitui às per-
nas o seu estado normal e a per-
feição estética. Siga as instruções
contidas na bula. Para tratamen-
to completo, use Hemo-Virtus em
líquido e em pomada ao mesmo
tempo. Não encontrando nas far-
mácias, escreva para o Depositá-
rio, Caixa Postal 1874 São Paulo.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bo-
nta. Hoje em dia só é feto quem quer.
Essa é a verdade. Os cremes protetores
para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface
"Brilhante" ultra-concentrado que se
caracteriza por sua ação rápida para
embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observ-
como a sua cutis ganha um ar de na-
turalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e tor-
na-se horrivelmente escura. O Creme de
Alface "Brilhante" permite a pele res-
pirar ao mesmo tempo que evita o-
panos, as manchas e asperezas e a ten-
dência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sa-
da volta a imperar com o uso do Creme
de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Al-
vim & Freitas.

escuridão. No silêncio da noite, ouviu
a dona da casa subir com precipitação
a escada, dar volta à chave e arrastar
um móvel pesado para colocá-lo de en-
contro à porta.

Compreendeu que o seu aspecto de-
veria ter-lhe parecido muito singular, e
a sua conduta verdadeiramente assusta-
dora. Ao diabo a falena! E Pawkins
também! Entretanto, era uma pena per-
der aquele insecto.

Foi, tacteando, até o vestibulo em
procura de uma caixa de fósforos, tendo
deixado resvalar o chapéu que, ao cair
no chão reboou como um tambor. Vol-
tou para o quarto com a vela acesa po-
rém, não mais encontrou a falena.
Sumira-se! Entretanto, durante um mo-
mento, pareceu-lhe senti-la voejar aci-
ma da sua cabeça. Por fim, decidiu re-
nunciar à idéia de capturá-la e tr deitar-
se. Estava, porém, muitíssimo excitado
e durante toda a noite foi assaltado por
teríveis pesadelos, nos quais via a fa-
lena, Pawkins e a proprietária. Por duas
vezes, viu-se obrigado a levantar-se e
mergulhar a cabeça na água fria.

Uma coisa aparecia-lhe como eviden-
te: a proprietária não poderia compreen-
der nada da história da borboleta ex-
traordinária, sobretudo pelo facto de
não ter ele podido capturá-la. Só um
entomologista seria capaz de sentir
o que ele sentia, e passar pelas mes-
mas emoções. À vista de um simples in-
secto que para ele tinha o valor de uma
nova descoberta. A dona da casa prová-
velmente ficara estupefacta ante a sua
maneira de proceder. Ele não achava
um meio de explicá-la satisfatoriamente.
Depois do almoço, avistou-a no jar-
dim e tomou o partido de conversar com
ela, afim de tranquilizá-la a seu res-
peito. Falou-lhe dos feijões, das bata-
tas, das abelhas, das lagartas, do preço
das frutas. Ela respondeu com o tom
de voz habitual, porém, olhava-o um
pouco desconfiada e dava um passo à
frente de cada vez que ele se aproxima-
va. De maneira a conservar sempre uma
respeitável distância entre os dois,
greenchida, ora por um canteiro de flo-
res, ora por uma fileira de feijões. Ao
cabo de um certo tempo, ele ficou ofen-
dido com aquela atitude e, para dissim-
ular o seu mau humor, entrou em
casa, saindo pouco depois para dar um
passelo.

A falena, trazendo consigo como que
o cheiro de Pawkins, acompanhou-o
constantemente durante este passelo, se-
bem que ele fizesse todo o possível para
afastar daí o pensamento. Em um mo-
mento, viu distintamente as asas esten-
didas sobre a velha-muralha que corre
ao aproximar-se reconheceu que não ha-
via ali senão duas massas de musgo
cinzento e amarelo. Isto, disse ele, é o
contrário de uma frequente ilusão da
vista: em vez de uma borboleta confun-
dida com uma pedra, é uma pedra que
se confunde absolutamente com uma
borboleta.

Durante a tarde, Hapley foi fazer uma
visita ao pastor e discutiu com ele sobre
questões de teologia. Estavam os dois
sentados sob um caramanchão coberto
de eglantina e fumavam discutindo.

— Veja esta falena! exclamou Ha-
pley repentinamente, apontando com o
dedo para a extremidade da mesa de
pau.

— Onde está?

— O senhor não vê uma falena, ali, à
beira da mesa?

— Palavra que não.

Hapley estava aterrorizado e respirava
a custo. O pastor observava-o sem nada
compreender. Era-lhe evidente que não
havia ali nenhuma falena, nem coisa
que com ela se parecesse.

— Os olhos da fé não são melhores
do que os da ciência, disse Hapley, de-
sabrivelmente.

— Não sei onde o senhor que chegar,
replicou o pastor, supondo que esta pro-
posição fazia parte da argumentação.

Durante a noite, Hapley, descobriu a
borboleta rastejando sobre o seu cober-
tor. Sentou-se na borda da cama, em
mangas de camisa, e pôs-se a raciocinar
consigo mesmo. Seria uma alucinação?
Reconheceu que o seu espírito se acha-

va transtornado e lutou para tornar à
razão, com a mesma energia que em-
pregara precedentemente na sua polê-
mica e luta violenta contra Pawkins.
Os hábitos mentais são tão persistentes
que, ainda nessa ocasião, parecia-lhe es-
tar a contar com Pawkins. Sendo-lhe
muito familiares as observações psico-
lógicas, sabia que as ilusões da vista são
consequências do excesso de trabalho
intelectual. Entretanto, ele não sa-
mente vira a falena, mas também ou-
vira o ruído que ela fizera indo contra
a borda do abat-jour, e, mais tarde, na
ocasião em que fôra de encontro à pare-
de do aposento; e sentira quando ela lhe
batera no rosto, no meio das trevas.

Quando isto, olhou para a borboleta.
Não se tratava mais de um sonho
ou de uma alucinação, o insecto estava
ali, perfeitamente visível, real, a luz da
vela batia-lhe em cheio nas asas. Ha-
pley via o pequenino corpo aveludado
as antenas curtas e ligeiras, as patas
articuladas, e até mesmo um lugar em
que a penugem fôra arrancada nas asas
e o corpo era lizo mesmo, e arie-
pendeu-se de ter tido medo de um pe-
quenino insecto.

A proprietária tinha chamado a cria-
da para dormir com ela essa noite, pois
não se achava muito segura, ficando só
no quarto. Além disso, deu volta à
chave e colocou a cama encostada
à porta.

Depois de se terem deitado, aplicaram
o ouvido e falaram em voz baixa, porém
nenhum ruído as inquietou, estava tudo
tranquilo e silencioso. As onze ho-
ras, pouco mais ou menos, arriscaram-se
a apagar a vela e pouco depois adorme-
ceram. Repentinamente, acordaram sú-
bressaltadas, ergueram-se a meio na ca-
ma, e puseram-se a escutar nas trevas.

Ouviram o ruído de pés em chinelas,
andando de um para outro lado no
quarto de Hapley. Uma cadeira caiu
por terra, e sentiu-se o barulho de um
violento murro dado na parede. Pouco
depois, um objeto de porcelana despe-
drou-se sobre o assoalho. Repentina-
mente abriu-se a porta do quarto, e elas
ouviram Hapley sair para o patamar
da escada.

Agarraram-se uma à outra, com o ou-
vido à escuta. Dir-se-lia que Hapley
dancava nos degraus da escada, descia
pressadamente três ou quatro e pouco
depois tornava a subir, para se precipi-
tar novamente até o vestibulo. Elas ou-
viram-no dar encontrões no porta-cna-
peus da entrada e quebrar o ventilador.
Depois tirou a tranca, a corrente de fer-
ro rangeu; estava abrindo a porta.

Correram as duas à janela e olharam
para fora. O silêncio era completo; a
lua encoberta por um véu espesso de
nuvens, quase ininterrupto, deixava
desaparecer uma luz tênue e am-
bida. A cerca e o arvoredo diante da
casa apareciam negros contrastando com
a brita clara da calçada. Elas viram Ha-
pley, semelhante a um fantasma, em
ceroulas, correndo de um lado para ou-
tro no quintal, batendo com as mãos.
Tão depressa para lá, logo se precipi-
ta novamente sobre uma coisa invisível
e às vezes caminhava furtivamente. Por
fim, desapareceu no fim de uma rua,
dirigindo-se para o lado da duna. De-
pois, enquanto as duas discutiam sobre
qual delas deveria descer para fechar
a porta, ele voltou; caminhava apressa-
mente, entrou direito em casa, fechou
a porta com todo cuidado e subiu tran-
quilamente para o seu quarto. De novo
ficou tudo no mais completo silêncio.

— Madame Colville, disse Hapley cha-
mando-a da escada no dia seguinte pela
manhã, espero que a senhora não se to-
nha inquietado esta noite.

— Ah! Senhor, exclamou ela, bem
pode perguntar-me!

— O facto é que eu sou sonambulo e
estas duas últimas noites não tomei a
minha poção calmante. Não há, em rea-
lidade, de que a senhora se atemorizar.
Estou bem aborrecido de ter procedido
como um tolo! Vou, agora mesmo, ao
outro lado da duna, comprar em Shore-
ham, uma droga que me faça dormir
profundamente. Já deveria tê-lo feito
ontem.

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da
pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extra-
ordinariamente o seu tratamento
de beleza, por ser ao mesmo
tempo um creme embelezador
e de limpeza! Suaviza, clareia
e nutre a pele. E serve também
como excelente creme-base.
Rugol é muito indicado nos
casos de pele imperfeita, com
espinhas, cravos, rugas ou
manchas. Comece a usar hoje
mesmo o Creme Rugol, que dá
à cutis maravilhosa brancura-
diáfano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfe-
ções da cutis nascem nas
chamadas camadas sub-
cutâneas, onde é neces-
sário estimular e nutrir
a pele.



Aplice Rugol todas
as noites, com massa-
gens de 3 a 5 minutos.

**CREME
Rugol**

Mantém em segredo sua idade, porque
LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

NÚMEROS ATRASADOS DESTA

REVISTA NO PARÁ

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia,

Travessa Campos Sales, 58

BELE'M



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremas, carnes, vegetais e deliciosos sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA DURYEA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



Jack Carson...

(Cont. da pág. 31)

maior vida a vida aquilo foi o almoço dos meus sonhos. Se há algum "espírito de porco" na coisa, só pode ser mesmo o meu paladar, combinado com o meu apetite. Porque eu... eu sou o tipo do camarada que não liga importância comidária...

Quando engraiava um pouco, ele aproveitava para pedir um diazinho de folga à Warner, afim de perder peso, jogando golfe... A Warner já conhece a mania, mas fingia que não sabe e dá o diazinho de folga. Mas o diabo é que logo aparece o Dennis Morgan, o "do peso", querendo também descansar aquele mesmo dia... Assim, a culpa já está inteiramente desmoralizada, mas sempre consegue fazer o seu girozinho golfinho, intercalado por dias de insubordinação, que nos dias subsequentes ainda se estendem ao máximo, em pleno vigor, até a partida seguinte. Mas o pior, dizem os colegas de trabalho de Jack, é quando ele assiste à festa de box, pois no dia seguinte está francamente de briga... E há mesmo um diretor na Warner, cujo nome deve ficar em segredo (a pedido dele) que, depois de dirigir a dupla Bing Crosby-Eric Hope, achou que nada pior lhe poderia acontecer... E pouco depois cruzou com Jack Carson-Dennis Morgan! Desde o primeiro dia desse encontro que o homem espera que Jack assine alguma boa luta de box. Como no

dia seguinte Jack está "de briga", diz o diretor que vai ser para ele...

Agora, vamos falar um pouco a sério. Apesar de separado da esposa, a atriz de rádio Kay St. Germain, Jack confessa que a melhor coisa que lhe aconteceu na vida foi ter casado com uma mulher tão maravilhosa, casamento esse realizado em Setembro de 1940. Suas ambições são triunfar na carreira e ter uma família.

Pela primeira respondeu um magnífico contrato com a Warner Bros. e pela segunda um belo garoto, Jack Jr. Jack Carson já fez 12 filmes para a Warner, dos quais os mais recentes são "Ninguém entende as mulheres", "Um sonho e uma noite" e "Two Guys From Texas". Atualmente, ele está terminando o já citado "Romance in High C", e iniciando sua parte em "April Showers", com Ann Southern.

E se algum dia for forçado a abandonar a cinema como profissão, Jack pretende voltar-se vendedor de qualquer coisa. Além de alguma experiência no ramo, confidenciou ele, "o feitiço escalado sempre logo, só para se ver livre de mim. Isso eu afirmo também com alguma experiência..."

O BOA VIDA

(Cont. da pág. 47)

mundo era bom, simples, sem complicações... e Lúcia rodando em seus braços e olhando para ele e os seus olhos sorrindo, sorrindo...

mas, na rua tranquila, os olhos de Alfredo estavam apenas molhados pelas lágrimas que rebentaram facilmente a infantil barreira que ele tentara lhes opor. Depois o passo e foi andando rapidamente.

"Que diabo — pensava — a vida é isto, não se pode mesmo parar..."

Aconteceu, porém, que, da janela de um sobrado, o Ribeiro, burguês até a medula dos ossos, via Alfredo passar, pautadamente naquela hora e pensava: — Lá vai o poeta... o bô vida. Aquela sim é que sabe gozar... E, na sua insensibilidade de puro animal, não compreendia que aquele homem viveva os seus sofrimentos. Ele era "rico", não lhe faltava nada. Nem podia conceber que Alfredo, muitas vezes, sentado em sua poltrona, parecendo apenas olhar o céu, estivesse coordenando im- grandes para os seus trabalhos artísticos e assim, portanto, estivesse sendo útil na medida de suas forças e bem maior do que ele, talvez. Para o Ribeiro, aquele era um inútil e vivia apenas para gozar. Não fazia nada, não tinha, nem nunca tivera, desgostos. Ele, Ribeiro, sim, é que era valeroso e útil. E por isto, naquela noite, quando Alfredo passava, atormentado pela sua "do", o "grande homem", murmurava, convulso, para os seus olhos: — Lá vai o bô vida...

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

OS ARTISTAS DO...

(Cont. da pág. 13)

amor que se desdobra através do tempo e alcança duas gerações. — e no qual há mesmo a intervenção do sobrenatural, discreta e bem dosada, pois um dos personagens aparece com um espírito que vem ao mundo para reconciliar inimigos e espalhar o bem. — "O amor que não morre" é uma obra que fará as delícias de todas as platéias despertando o sentimento e espalhando consolidações. E, em suma, um oásis de arte, em contraste com as distorções grosseiras que, por vezes, assaltam os cartazes dos nossos teatros, revelando de um lado, audácia irresponsável, por parte de seus autores, e do outro, descaso dos empresários que se acolhem para com o público, que julgam nada mais merecer, senão tais distantes. Tudo isso pôe em relevo a apresentação dos artistas do Povo na capital do país, pela primeira vez, como uma organização de profissionais digna de respeito e de estímulo.

REGULADOR XAVIER

• O remédio de confiança da mulher •

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta de Dimensão de Regras

E Hapley põe-se a caminho para encontrar o que prometiera à dona da casa, porém, quase ao chegar à cozinha, perto da cadeira, a falena surgiu-lhe novamente na imaginação. Continuou o caminho, fazendo todas as esforços para ocupar o pensamento com as dificuldades do jogo do xadrez, mas nada conseguiu. A borboleta voava ao redor dele e viu-se obrigado a manejar o chapéu como uma arma defensiva. Então a falena, a antiga falena que, em tempos, sentira por Pawkins, assaltou-o novamente, e ele continuou a dar saltos, a bater no insecto que redemoinhava no espaço. Repentinamente percebeu-lhe ter ido de encontro a uma coisa qualquer e sentiu-se a fio comprido no chão.

Houve neste momento, como que um vácuo nas suas sensações; depois, achou-se sentado sobre um monte de pedras, tendo uma perna torcida sob o peso do corpo. A prodigiosa falena continuava sempre a voar em torno da sua cabeça. Estendeu a mão e, roçando-a, viu dois homenzinhos que se aproximavam. Um deles era o médico da aldeia. Uma felicidade, pensou Hapley. Porém, reconsiderando logo lembrou-se de que ninguém, a não ser ele, seria capaz de chegar a ver a extraordinária falena, portanto o melhor era nada falar sobre ela.

Durante a noite, depois de ter concertado a perna descolada, teve febre e esqueceu a reserva que tinha prometido a si mesmo guardar. Deitado na cama, pôe-se a percorrer todo o quarto com os olhos para ver se a falena estava ainda lá. Procurou não pensar mais

disto, porém, inutilmente. Em breve avistou o insecto pousado bem perto da sua mão, ao lado da lamparina, sobre o tapete verde. As asas estremeceram. Com um brusco movimento de cabeça, deu um murro sobre ela; a enfermeira acordou-se saltando um grito. Ainda uma vez lhe faltara o golpe.

— Danada falena! disse ele. Sempre a mesma história. Não havia nada ali.

Entretanto, via perfeitamente o insecto borboletar em redor da coruja e voar por todo o aposento e via também que a enfermeira, nada percebendo do que se passava, olhava-o duma maneira estranha. Era preciso conter-se ainda uma vez. Sentiu que estava perdido se não conseguisse dominar-se melhor. Ao amanhecer, a febre aumentou e o próprio recato que tinha de voltar a ver a falena, fez com que a visse novamente. Pelas cinco horas, quando começava a romper a madrugada, quis sair da cama para apenhar-la, se bem que a perna estivesse ainda bastante dolorida, e foi preciso que a enfermeira lutasse muito com ele para dissuadi-lo de assim proceder.

Por precaução, amarraram-no fortemente ao colchão; a falena, porém, tornou-se então mais ousada, e, em um dado momento, chegou mesmo a pousar-lhe nos cabelos. Ele deu tapas violentos em si mesmo e amarraram-lhe também os braços. A falena voltou a voitar sobre seu nariz; Hapley chorou, praguejou, soltou gritos lancinantes, suplicou que apanhassem o maldito insecto, todo inutilmente.

O médico era um prático estúpido, sem grande competência pelo menos, e, em todo caso, completamente ignorante no que diz respeito a moléstias mentais. Declarou simplesmente que não havia ali o menor vestígio de falena. Se tivesse um pouco de tino, poderia ainda talvez salvar Hapley, tomando parte nas suas alucinações, cobrindo-lhe o rosto com uma gaze, como ele mesmo o desejara e pedira. Mas, como já disse, este médico era um imbecil, e Hapley, enquanto esteve em tratamento da perna, ficou amarrado à cama, com a falena imaginária a voar diante de si. Durante as horas de vigília, o insecto não o deixava um só momento, e nos sonhos tornava-se as proporções de um verdadeiro monstro. O infeliz, si estava acordado, desejava impacientemente o sono; si dormia, acordava-se, sobresaltado, lançando pavorosos gritos de angústia.

Para terminar, Hapley vê passarem-se os últimos dias da sua vida trancado em um quarto, perseguido sem descanso por uma falena, que ninguém, a não ser ele, podia ver. O médico do asilo diz que o que ele tem é uma alucinação, ele, porém, nas horas em que se acha melhor, e em que pode falar, afirma que é a sombra de Pawkins, e, por conseguinte, um espécimen único e bem digno do trabalho a que ele se dá para capturar.

QUARTO DE PENSÃO

(Cont. da pág. 23)

— O senhor quer me botar na rua não é? Pois ponha, seu cretino. Arrumem-lhe um processo em cima, arrastem sua firma e ainda lhe amasso a cara.

Em casa, pegaria o filho pela crelha e o jogaria pela escada abaixo, quando ele chegasse tarde e embriagado. O filho, a mãe, caso ela se intrometesse. Empregaria as filhas e daria um jeito no genro, inútil.

Quanto ao comerciante, este seria processado por roubo, e o palacete da máquina vendido em leilão. O andar do mecânico continuaria mais largo, mais firme e mais decidido. Deus lhe dispensaria uma feição especial, e quando ele passasse pela janela de Eduardo, este veria todos os operários do mundo andando por aqueles pés. E Deus não faria nada de mais. Aquele adjutório já estava bem em tempo.

Eduardo riu amargamente. Seria tão difícil Deus vir morar na sua pensão. Mesmo a dona não consentiria. E se consentisse, seria por 600 cruzeiros mensais. Era roubo.

Esses pensamentos foram interrompidos por novos passos. Eduardo escutou. Era mulher. E moça. Apareceram duas pernas na janela. Pés pequenos, elegantemente calçados. Pernas brancas, lisas. Sensuais. Sábia curta, deixando à mostra os joelhos. Eduardo deu um salto e saiu correndo. Era ela.

"CASS TIMBERLANE"

Um folhetim-sintético ilustrado de
"REVISTA DA SEMANA"

Por SINCLAIR LEWIS
Desenhos de J. MONTGOMERY FLAGG



Jinny e o juiz Cass olhavam um para o outro.

Até o momento em que Jinny Marshland foi chamada ao banco das testemunhas, o juiz estivera deploravelmente sonolento. O caso de Tilda Hatter versus cidade de Grand Republic até ali se arrastara bocejante através das testemunhas. Tratava-se de uma calçada e um certo bocado de gelo que causara a queda da querelante.

Ele era um jovem juiz, o juiz Cass Timberlane do Estado de Minnesota. Estava com quarenta e um anos, em seu primeiro ano de judicatura, após um período no Congresso, e parecia um alto índio pele-vermelha. Ele preferiria estar caçando do que ali.

Mas o auxiliar estava submetendo a juramento uma testemunha que liquidou completamente o sono do juiz.

"Como é que eu nunca a vi, numa cidade pequena como esta? Impossível que houvesse na cidade quatro pequenas assim tão bonitas", refletiu ele. A nova testemunha era uma moça amorenada, viva como uma bor-



Continuando para casa, ele pensava nela.

bolista, vinte e três ou vinte e quatro anos, não alta, sorridente, de olhar intenso. Havia qualquer coisa audaz no seu delicado nariz romano, na sua revolta cabeleira negra. O conselheiro Plint disse sombriamente: — A senhorita por favor diga-nos o seu, hum, o seu nome, por favor?

— Jinny Marshland... Virginia Marshland.

Jinny e o juiz Cass Timberlane olhavam um para o outro. Ele aprovava a voz dela. E continuou a aprovar tudo sobre ela, inclusive seus magníficos quadris, até que ela terminou o depoimento e escapuliu da sala do tribunal, como uma truta descendo uma correnteza.

Ele pensou nela àquela noite, enquanto caminhava para casa, como costumava fazer nas agradáveis tardes da Primavera de 1941. Quando chegou ao cimo do morro, ele pôde ver toda a cidade de Grand Republic, Minnesota, com 85.000 habitantes, e, mesmo pensando na ci-



— Chama-la-emos Cleo, — disse ele à sra. Higbee.

dade do seu coração, penetrava sutilmente em seu pensamento a lembrança de Jinny no banco das testemunhas.

Desde o seu divórcio vivera só. Poderia uma Jinny Marshland curar a sua solidão? Mas por que haveria uma pequena tão encantadora de alimentar tal desejo? Assim, ele se enfureceu e desejou com ardor. Acredita-se que os mais novos psiquiatras, como os mais antigos poetas, acreditam que o doentes se apaixonam à primeira vista.

Quando chegou em casa, viu uma esquisita gatinha apanhou do chão, entregando-a depois à sra. Higbee, sua cozinheira. — Chama-la-emos Cleo, disse ele, e mais tarde pensou de novo em Jinny, quando acariciava a bichinha. Ele então falou: — Há muitos fantasmas nesta casa, Cleo. Você precisa expulsá-los... Já tenho vivido muito entre sombras...



— Ele não é nenhum lobão como você, — protestou Queenie.

Naquela noite o juiz Cass Timberlane jantou em casa do dr. Roy Drover, que, com a possível exceção de Bradd Criley, o advogado, era o seu mais íntimo amigo.

Estavam presentes, para o jantar e duas mesas de bridge, os Drover, Cass, Christabel Grau, os Boone Havock e os Don Pennloss. Chris Grau era muito mais moça que os outros, e fora convidada para fazer par com Cass. Era uma solteirona gorda e um tanto doce, de trinta e dois anos, que, até o recente falecimento de sua mãe excessivamente afetuosa sofrera amarguradamente. Ela não só acreditava que pelo curso natural das coisas Cass se enamoraria dela, com o consequente casamento, como também em que havia um curso natural das coisas. Por toda a noite Cass procurara trazer à conversa



— Ninguém se orgulha mais do que eu, — disse Chris.

ção o nome de Jinny Marshland. E acabou dizendo: — Vejam, eu hoje tive uma experiência muito interessante no tribunal... apareceu lá uma pequena incommummente encantadora...

— Nós sabemos. Você a interrogou, — rugiu Boone. Cass não repetiu a tentativa. Gulou o carro de Chris para a casa dela, pensando em voltar a pé para Berghelm, a triste mansão que ele dividia com a sra. Higbee, a cozinheira, e a gatinha, Cleo. Aceitou o convite de Chris para um gozinhos e ela preparou-lhe a bebida sem uma só palavra. O Bourbon de Chris era excelente. Ela sentou-se no braço da poltrona em que ele estava e alisou-lhe o cabelo sem desmanchá-lo. Beijou-lhe a testa e se afastou antes que ele tivesse tem-



Ele já está a saíndo, dando boa-noite.

o de pensar se estava ou não interessado em carícias. Ele pensou em como uma solteira e cômoda posição se a desposasse. Ela também gosta do lugar. E pode ainda ter meia dúzia de filhos...

Chris voltou, não com muito desembaraço e se ajoelhou diante dele, agarrando-lhe as duas mãos, dizendo apaixonadamente: — ...esta cidade nunca poderá se orgulhar mais de você do que já se orgulha... não mais do que eu me orgulho!

Os lábios dela não estavam muito longe dos dele. Havia uma fragrância de flor de maçã em torno dela. Sem se mexer, ela parecia estar se oferecendo. Então, de muito longe, ele ouviu o miado de uma gatinha assustada, gracioso mas angustiado.



— Ora, foi uma conversa adorável, — disse Jinny.

Pelo depoimento de Jinny o juiz Timberlane soube que ela desenhava para Lucius Fliegend, o fabricante de brinquedos de papelão. Ele aproveitou a primeira oportunidade para visitar seu velho amigo e conseguiu convidar os dois para um jantar.

Cass estava àquela noite na sala de estar, com Fliegend, quando Jinny Marshland entrou. Ela agora não mais parecia uma pequena borboleta selvagem, mas sim uma verdadeira dama. Sua saudação foi quase excessivamente: — Estou horrorizada em conhecê-lo, sr. juiz, depois de encontrá-lo no tribunal. Pensei que o senhor fosse mandar-me para a prisão, por desobediência. Não fará isso agora, fará?

Cass disse que era claro que não faria aquilo. E mais tarde, quando os Fliegend tinham mandado Cass e Jinny para "ver o jardim", ele estava ansioso por des-



A sra. Hatter gritou: — Oh, senhor juiz!

cobrir, ainda com a pose de homem superior, se Jinny o considerava um desses camaradas à velha moda, cheio de si. Perguntou: — Jinny, nossa pomposa conversa desta noite aborreceu-a muito?

Ela respondeu zombeteiramente.

Ambos riram bastante, e Cass (41 para os 24 dela) ficou contente por estar dentro daquela conspiração juvenil.

Ela a levou à pensão em que ela morava... e ela insistiu para que ele entrasse para cumprimentar a sta. Hatter. — Ela está convencida de que o júri deu-lhe todo aquele dinheiro porque você assim o ordenou, de modo que é uma pessoa que de fato o adora.

— Querendo dizer que todos os outros não me adoram?

— Você ficará surpreso! Vamos, é apenas um lance de escadas.



Cass pensou: "Não vou perdê-la para você..."

Ele tinha uma petulante esperança de que esta pequena, tão desejável, o visse como um grande homem espalhando nobreza do seu alto trono de magistrado... e isso com tal fé que o elevasse a todas as grandezas que ela pudesse imaginar com solenidade e amor, ele a seguiu.

A sta. Hatter estava preparando uma bebida com gin, rodeada por quatro jovens, sentados no chão. Ela gritou: — Oh, senhor juiz, — e Jinny apresentou as duas moças e os dois rapazes. Um deles, Elno Roskinn, um moço finlandês tremendamente sério, que olhava para Jinny com o que Cass verificou ser a maior afecção, e para ela, Cass, com o maior desagrado. Ele pensou: — Quer dizer que está iniciada a batalha. E não estou disposto a perdê-la nem mesmo para você, meu velho amigo byroniano...



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA DURYEA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

MAIZENA DURYEA

MARCAS REGISTRADAS



45 TRIANGULO

Jack Carson...

(Cont. da pág. 21)

rante toda a vida aquilo foi o almoço dos meus sonhos. Se há algum "espírito de porco" na coisa, só pode ser mesmo o meu paladar, combinado com o meu apetite. Porque eu... eu sou o tipo do camarada que não liga importância comideiras...

Quando engorda um pouco, ele aproveita para pedir um diazinho de folga à Warner, afim de perder peso, jogando golfe... A Warner já conhece a manha, mas finge que não sabe e dá o diazinho de folga. Mas o diabo é que logo aparece o Dennis Morgan, o "do peito", querendo também descansar aquele mesmo dia... Assim, a dupla já está inteiramente desmoralizada, mas sempre consegue fazer o seu girozinho golfístico, intercalado por discussões infundáveis, que nos dias subsequentes ainda se estendem ao estúdio, em pleno vigor, até a partida seguinte. Mas o pior, dizem os colegas de trabalho de Jack, é quando ele assiste à lutas de box, pois no dia seguinte está francamente de briga... E há mesmo um diretor na Warner, cujo nome deve ficar em segredo (a pedido dele) que, depois de dirigir a dupla Bing Crosby-Bob Hope, achou que nada pior lhe poderia acontecer... e pouco depois cruzou com Jack Carson-Denis Morgan! Desde o primeiro dia desse encontro que o homem espera que Jack assista alguma boa luta de box. Como no

dia seguinte Jack estará "de briga", diz o diretor que vai ser pra ele...

Agora, vamos falar um pouco a sério. Apesar de separado da esposa, a atriz de rádio Kay St. Germain, Jack confessa que a melhor coisa que lhe aconteceu na vida foi ter casado com uma criatura tão maravilhosa, casamento esse realizado em Setembro de 1940. Suas ambições são triunfar na carreira e ter uma família. Pela primeira responde um magnífico contrato com a Warner Bros. e pela segunda um belo garoto, Jack Jr.

Jack Carson já fez 22 filmes para a Warner, dos quais os mais recentes são "Ninguém entende as mulheres", "Um sonho e uma canção" e "Two Guys From Texas". Atualmente, ele está terminando o já citado "Romance In High C", e iniciando sua parte em "April Showers", com Ann Sothern.

E se algum dia for forçado a abandonar o cinema como profissão. Jack pretende tornar-se vendedor de qualquer coisa. Além de alguma experiência no ramo, conclui ele, "o feliz escalado compra logo, só para se ver livre de mim. Isso eu afirmo também com alguma experiência..."

O BOA VIDA

(Cont. da pág. 47)

mundo era bom, simples, sem complicações... e Lúcia rodando em seus braços e olhando para ele e os seus olhos sorrindo, sorrindo...

Mas, na rua tranquila, os olhos de Alfredo estavam apenas molhados, pelas lágrimas que rebentaram facilmente a inútil barreira que ele tentara lhes opor. Apresou o passo e foi andando rapidamente.

"Que diabo — pensava — a vida é isto, não se pode mesmo parar."

Aconteceu, porém, que, da janela de um sobrado, o Ribeiro, burguês até a medula dos ossos, via Alfredo passar, justamente naquela hora e pensava: — Lá vai o poeta... o boa vida. Aquele sim é que sabe gozar... E, na sua insensibilidade de puro animal, não compreendia que aquele homem tivesse os seus sofrimentos. Ele era "rico", não lhe faltava nada. Nem podia conceber que Alfredo, muitas vezes, sentado em sua poltrona, parecendo apenas olhar o céu, estivesse coordenando impressões para os seus trabalhos artísticos e assim, portanto, estivesse sendo útil na medida de suas forças e bem mais do que ele, talvez. Para o Ribeiro, aquele garoto era um inútil e vivia apenas para gozar. Não fazia nada, não tinha, nem nunca tivera, desgostos. Ele, Ribeiro, sim, é que era valeroso e útil. E por isto, naquela noite, quando Alfredo passava, atormentado pela sua dor, o "grande homem", murmurava, convicto, para os seus botões: — Lá vai o boa vida...

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA

OS ARTISTAS DO...

(Cont. da pág. 13)

amor que se desdobra através do tempo e alcança duas gerações, — e no qual há mesmo a intervenção do sobrenatural, discreta e bem dosada, pois um dos personagens aparece com um espírito que vem ao mundo para reconciliar inimigos e espalhar o bem, — "O amor que não morreu" é uma obra que fará as delícias de todas as platéias, despertando o sentimento e espalhando consolações. E, em suma, um oásis de arte, em contraste com as deturpações grosseiras que, por vezes, assaltam os cartazes dos nossos teatros, revelando de um lado, audácia irresponsável, por parte de seus autores, e do outro, descaso dos empresários que se acolhem para com o público, que julgam nada mais merecer, senão tais distates. Tudo isso põe em relevo a apresentação dos Artistas do Povo na capital do país, pela primeira vez, como uma organização de profissionais digna de respeito e de estímulo.

REGULADOR XAVIER

• O remédio de confiança da mulher •

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

E Hapley pôs-se a caminho para cumprir o que prometera à dona da casa, porém, quase ao chegar à duna, perto da cadeira, a falena surgiu-lhe novamente na imaginação. Continuou o caminho, fazendo todos os esforços para ocupar o pensamento com as dificuldades do jogo do xadrez, mas nada conseguiu. A borboleta voava ao redor dele e viu-se obrigado a manejar o chapéu como uma arma defensiva. Então a raiva, a antiga raiva que, em tempos, sentira por Pawkins, assaltou-o novamente, e ele continuou a dar saltos, a bater no insecto que redemoinhava no espaço. Repentinamente pareceu-lhe ter ido de encontro a uma coisa qualquer e estirou-se a fio comprido no chão.

Houve neste momento, como que um vácuo nas suas sensações; depois, achou-se sentado sobre um monte de pedras, tendo uma perna torcida sob o peso do corpo. A prodigiosa falena continuava sempre a voar em torno da sua cabeça. Estendeu a mão e, voltando-se, viu dois homens que se aproximavam. Um deles era o médico da aldeia. Uma felicidade, pensou Hapley. Porém, reconsiderando logo lembrou-se de que ninguém, a não ser ele, seria capaz de chegar a ver a extraordinária falena, portanto o melhor era nada falar sobre ela.

Durante a noite, depois de ter concertado a perna desconjuntada, teve febre e esqueceu a reserva que tinha prometido a si mesmo guardar. Deitado na cama, pôs-se a percorrer todo o quarto com os olhos para ver se a falena estava ainda lá. Procurou não pensar mais

nisto, porém, inutilmente. Em breve avistou o insecto pousado bem perto da sua mão, ao lado da lamparina, sobre o tapete verde. As asas estremeciam. Com um brusco movimento de cólera, deu um murro sobre ela; a enfermeira acordou-se soltando um grito. Ainda uma vez lhe falhara o golpe.

— Danada falena! disse ele. Sempre a mesma ilusão. Não havia nada aí.

Entretanto, via perfeitamente o insecto borboletar em redor da cornija e voar por todo o aposento; e via também que a enfermeira, nada percebendo do que se passava, olhava-o duma maneira estranha. Era preciso conter-se ainda uma vez. Sentiu que estava perdido se não conseguisse dominar-se melhor. Ao amanhecer, a febre aumentou e o próprio recelo que tinha de tornar a ver a falena, fez com que a visse novamente. Pelas cinco horas, quando começava a romper a madrugada, quis sair da cama para apanhá-la, se bem que a perna estivesse ainda bastante dolorida, e foi preciso que a enfermeira lutasse muito com ele para dissuadi-lo de assim proceder.

Por precaução, amarraram-no fortemente ao colchão; a falena, porém, tornou-se então mais ousada, e, em um dado momento, chegou mesmo a pousar-lhe nos cabelos. Ele deu tapas violentas em si mesmo e amarraram-lhe também os braços. A falena voltou a voitar sobre seu nariz; Hapley chorou, praguejou, soltou gritos lancinantes, suplicou que apanhassem o maldito insecto, tudo inutilmente.

O médico era um prático estúpido, sem grande competência pelo menos, e, em todo caso, completamente ignorante no que diz respeito a moléstias mentais. Declarou simplesmente que não havia ali o menor vestígio de falena. Se tivesse um pouco de tino, poderia ainda talvez salvar Hapley, tomando parte nas suas alucinações, cobrindo-lhe o rosto com uma gaze, como ele mesmo o desejava e pediu. Mas, como já disse, este médico era um imbecil, e Hapley, enquanto esteve em tratamento da perna, ficou amarrado à cama, com a falena imaginária a voar diante de si. Durante as horas de vigília, o insecto não o deixava um só momento, e nos sonhos tomava as proporções de um verdadeiro monstro. O infeliz, si estava acordado, desejava impacientemente o sono; si dormia, acordava-se, sobressaltado, lançando pavorosos gritos de angústia.

Para terminar, Hapley vê passarem-se os últimos dias da sua vida trancado em um quarto, perseguido sem descanso por uma falena, que ninguém, a não ser ele, podia ver. O médico do asilo diz que o que ele tem é uma alucinação, ele, porém, nas horas em que se acha melhor, e em que pode falar, afirma que é a sombra de Pawkins, e, por conseguinte, um espécimen único e bem digno do trabalho a que ele se dá para capturar.

QUARTO DE PENSÃO

(Cont. da pág. 23)

— O senhor quer me botar na rua, não é? Pois ponha, seu cretino. Arrumo-lhe um processo em cima, arrazo com sua firma e ainda lhe amasso a cara.

Em casa, pegaria o filho pela crelha e o jogaria pela escada abaixo, quando ele chegasse tarde e embriagado. O filho, a mãe, caso ela se intrometesse. Empregaria as filhas e daria um jeito no genro, inútil.

Quanto ao comerciante, este seria processado por roubo, e o palacete da esquina vendido em leilão. O andar do mecânico continuaria mais largo, mais firme e mais decidido. Deus lhe dispensaria uma feição especial, e quando ele passasse pela janela de Eduardo, este veria todos os operários do mundo andando por aqueles pés. E Deus não faria nada de mais. Aquele adjutório já estava bem em tempo.

Eduardo riu amargamente. Seria tão difícil Deus vir morar na sua pensão. Mesmo a dona não consentiria. E se consentisse, seria por 600 cruzados mensais. Era roubo.

Esses pensamentos foram interrompidos por novos passos. Eduardo escutou. Era mulher. E moça. Apareceram duas pernas na janela. Pés pequenos, elegantemente calçados. Pernas brancas, lisas. Sensuais. Sábia curta, deixando à mostra os joelhos. Eduardo deu um salto e saiu correndo. Era ela.



— Jinny e o juiz Cass olharam um para o outro.



— Caminhando para casa, ele pensava nela.



— Chama-la-emos Cleo, — disse ele à sra. Higbee.

Até o momento em que Jinny Marshland foi chamada ao banco das testemunhas, o juiz estivera deploravelmente sonolento. O caso de Tilda Hatter versus cidade de Grand Republic até ali se arrastara bocejante através das testemunhas. Tratava-se de uma calçada e um certo bocado de gelo que causara a queda da querelante.

Ele era um jovem juiz, o juiz Cass Timberlane do Estado de Minnesota. Estava com quarenta e um anos, em seu primeiro ano de judicatura, após um período no Congresso, e parecia um alto índio pela-vermelha. Ele preferiria estar caçando do que ali.

Mas o auxiliar estava submetendo a juramento uma testemunha que liquidou completamente o sono do juiz.

— Como é que eu nunca a vi, numa cidade pequena como esta? Impossível que houvesse na cidade quatro pequenas assim tão bonitas, refletiu ele. A nova testemunha era uma moça amorenada, viva como uma bor-

boleta, vinte e três ou vinte e quatro anos, não alta, sorridente, de olhar intenso. Havia qualquer coisa audaz no seu delicado nariz romano, na sua revolta cabeleira negra. O conselheiro Piltt disse sombriamente: — A senhorita por favor diga-nos o seu, hum, o seu nome, por favor?

— Jinny Marshland... Virginia Marshland.

Jinny e o juiz Cass Timberlane olharam um para o outro. Ele aproveitara a voz dela. E continuou a aprovar tudo sobre ela, inclusive seus magníficos quadris, até que ela terminou o depoimento e escapuliu da sala do tribunal, como uma truta descendo uma correnteza.

Ela pensou nela àquela noite, enquanto caminhava para casa, como costumava fazer nas agradáveis tardes da Primavera de 1941. Quando chegou ao cimo do morro, ele pôde ver toda a cidade de Grand Republic, Minnesota, com 85.000 habitantes, e, mesmo pensando na ci-

dade do seu coração, penetrava sutilmente em seu pensamento a lembrança de Jinny no banco das testemunhas.

Desde o seu divórcio vivera só. Poderia uma Jinny Marshland curar a sua solidão? Mas por que haveria uma pequena tão encantadora de alimentar tal desejo? Assim, ele se enfureceu e desejou com ardor. Acreditava-se que os mais novos psiquiatras, como os mais antigos poetas, acreditavam que o doentes se apaixonam à primeira vista.

Quando chegou em casa, viu uma esquisita gatinha apanhou do chão, entregando-a depois à sra. Higbee, sua cozinheira. — Chama-la-emos Cleo, disse ele, e mais tarde pensou de novo em Jinny, quando acariciava a bichinha. Ele então falou: — Há muitos fantasmas nesta casa, Cleo. Você precisa expulsá-los... Já tenho vivido muito entre sombras...



— Ele não é nenhum lobão como você, — protestou Queenie.

Naquela noite o juiz Cass Timberlane jantou em casa do dr. Roy Drover, que, com a possível exceção de Bradd Criley, o advogado, era o seu mais íntimo amigo.

Estavam presentes, para o jantar e duas mesas de bridge, os Drover, Cass, Christabel Grau, os Boone Harvock e os Don Pennloss. Chris Grau era muito mais moça que os outros, e fora convidada para fazer par com Cass. Era uma solteirona gorda e um tanto doce, de trinta e dois anos, que, até o recente falecimento de u's mãe excessivamente afetuosa sofrera amarguradamente. Ela não só acreditava que pelo curso natural das coisas Cass se enamoraria dela, com o consequente casamento, como também em que havia um curso natural das coisas.

Por toda a noite Cass procurara trazer à conversa-

— Ninguém se orgulha mais do que eu, — disse Chris.

ção o nome de Jinny Marshland. E acabou dizendo: — Vejam, eu hoje tive uma experiência muito interessante no tribunal... apareceu lá uma pequena incommummente encantadora...

— Nós sabemos. Você a interrogou, — rugiu Boone. Cass não repetiu a tentativa. Gulou o carro de Chris para a casa dela, pensando em voltar a pé para Berghelm, a triste mansão que ele dividia com a sra. Higbee, a cozinheira, e a gatinha, Cleo. Aceitou o convite de Chris para um gozinho e ela preparou-lhe a bebida sem uma só palavra. O Bourbon de Chris era excelente. Ela sentou-se no braço da poltrona em que ele estava e alisou-lhe o cabelo sem desmanchá-lo. Beijou-lhe a testa e se afastou antes que ele tivesse tem-

Ele já está a saíndo, dando boa-noite.

de pensar se estava ou não interessado em carícias. Ele pensou em como a mulher e a cômoda posição se a desposasse. Ela também gosta do lugar. E pode ainda ter mais dízia de filhos...

Chris voltou, não com muito desembaraço e se ajoelhou diante dele, agarrando-lhe as duas mãos, dizendo apaixonadamente: — ...esta cidade nunca poderá se orgulhar mais de você do que já se orgulha... não mais do que eu me orgulho!

Os lábios dela não estavam muito longe dos dele. Havia uma fragrância de flor de maçã em torno dela. Sem se mexer, ela parecia estar se oferecendo. Então, de muito longe, ele ouviu o miado de uma gatinha assustada, gracioso mas angustiado.



— Ora, foi uma conversa adorável, — disse Jinny.

Pelo depoimento de Jinny o juiz Timberlane soube que ela desenhava para Lucius Fliegend, o fabricante de brinquedos de papelão. Ele aproveitou a primeira oportunidade para visitar seu velho amigo e conseguiu convidar os dois para um jantar.

Cass estava àquela noite na sala de estar, com Fliegend, quando Jinny Marshland entrou. Ela agora não mais parecia uma pequena borboleta selvagem, mas sim uma verdadeira dama. Sua saudação foi quase excessiva: — Estou horrorizada em conhecê-lo, sr. juiz, depois de encontrá-lo no tribunal. Pensei que o senhor fosse mandar-me para a prisão, por desobediência. Não fará isso agora, fará?

Cass disse que era claro que não faria aquilo. E mais tarde, quando os Fliegend tinham mandado Cass e Jinny para "ver o jardim", ele estava ansioso por des-

A sra. Hatter gritou: — Oh, senhor juiz!

cobrir, ainda com a pose de homem superior, se Jinny o considerava um desses camaradas à velha moda, cheio de si. Perguntou: — Jinny, nossa pomposa conversa desta noite aborreceu-a muito?

Ela respondeu zombeteiramente. Ambos riram bastante, e Cass (41 para os 24 dela) ficou contente por estar dentro daquela conspiração juvenil.

Ela a levou à pensão em que ela morava... e ela insistiu para que ele entrasse para cumprimentar a sta. Hatter. — Ela está convencida de que o júri deu-lhe todo aquele dinheiro porque você assim o ordenou, de modo que é uma pessoa que de fato o adora.

— Querendo dizer que todos os outros não me adoram? — Você ficará surpreso! Vamos, é apenas um lance de escadas.

Cass pensou: "Não vou perdê-la para você..."

Ele tinha uma petulante esperança de que esta pequena, tão desejável, o visse como um grande homem espalhando nobreza do seu alto trono de magistrado... e isso com tal fé que o elevasse a todas as grandezas que ela pudesse imaginar com solenidade e amor, ele a seguiu.

A sta. Hatter estava preparando uma bebida com gin, rodeada por quatro jovens, sentados no chão. Ela gritou: — Oh, senhor juiz, — e Jinny apresentou as duas moças e os dois rapazes. Um deles, Elno Roskimen, um moço finlandês tremendamente sério, que olhava para Jinny com o que Cass verificou ser a maior afecção, e para ele, Cass, com o maior desagrado. Ele pensou: — Quer dizer que está iniciada a batalha. E não estou disposto a perdê-la nem mesmo para você, meu jovem amigo byroniano...

"CASS TIMBERLANE"

Este folhetim continua
na próxima semana,
nestas mesmas páginas.

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate
Tradução de JORGE A. FORTES



A lua saiu... era um Instante Perfeito...

— O juiz Timberlane escutou a alegre conversa dos jovens e decidiu, com um arrepio, que odiava Eino Roskinen, que era tão atencioso para com Jinny. Mas esforçou-se, e com tão bons resultados que Jinny o recompensou vindo com ele até a porta da rua.

Ele viu o pescoço dela, saindo do bonito vestido negro, e aspirou a fragrância dos seus cabelos. Segurou-lhe demoradamente a mão e estremeceu de prazer. Perguntou: — Escute, Jinny, você já jantou alguma vez no Unstable? — Quer jantar lá comigo... um dia?

— Gostaria muito, digamos... na terça.

Na noite de terça-feira eles jantaram numa das mesas externas, olhando mais vezes um para o outro do que para a galinha assada. Falaram nas suas infâncias, e acharam-se unidos pelo destino quando descobriram



Ele a beijou, longa e seriamente.

que ele, quando menino, caçara próximo à cidade natal de Jinny, Pioneer Falls. A lua surgiu de trás de uma nuvem negra; era um instante perfeito e Cass amou a pequena com o ardor de um guerreiro em plena batalha.

Quando o momento passou, ela sussurrou: — Fiquei assustada. Foi tão lindo... Oh, Cass!

Ela falou bastante depois, chamando-o cuidadosamente de "juiz", mas ele sabia que já havia intimidade entre eles. Depois, quando iam para casa, ela o convidou para a festa da senhorita Hatter, na semana seguinte. E assim Cass veio a juntar-se novamente àquela turma de moços que se sentava no chão para conversar. Eino Roskinen, de cócoras ao lado de Jinny, puxou-a para si. Ela se encostou no ombro dele e Cass se esforçou por não ver aquilo. Mas depois ele a seguiu à cozinha, di-



— Sou bem capaz de matá-lo, — disse Eino.

zendo-lhe: — Você gosta desse Roskinen? Tem algum compromisso com ele, ou coisa que o valha?

— Nada absolutamente.

Cass beijou-a, um beijo demorado e sério. Ela se afastou dele com uma exclamação de embarço, e saiu. Eino Roskinen entrou, fustilante. — Quero perguntar-lhe uma coisa! — disse ele a Cass. — Eu gosto imensamente de Virginia. E o tenho visto rondando em torno dela... e você não mora aqui por estas bandas!

— E que tem isso?

— Tem que talvez você esteja confundindo aqui a nossa pensão. E eu quero saber quais são as suas intenções, porque se você quer apenas se divertir eu sou bem capaz de matá-lo...



— Sei que você não calria por ela...

Cass estava preparado para o rompante do jovem Roskinen. E explicou: — Eino, que coisa engraçada! Era isso mesmo o que eu pensava em relação a você! Mas eu amo Jinny e pretendo casar-me com ela! Assim se tornaram amigos. Ele nunca mais virá Chris Grau, até que a encontrou uma noite no clube Heather. E de repente ela saiu com essa: — Eu soube que você se divertiu muito com a sua desconhecidazinha, no Unstable. Você gostou de andar de mãos dadas? — Cass procurou brincar: — Multíssimo. — E ela: Eu não sou dessas que andam por aí pensando que um homem da sua idade seja capaz de bancar o tolo. Estava apenas implicando com você. Eu sei que você não está caído pela menina...



Cleo derrubou a mascote de Jinny.

Cass desconhecia a razão para tanta certeza. E pouco depois ele estava preparando uma recepção para Jinny, no clube, para que ela pudesse conhecer os seus amigos. Na noite da festa, Cass apanhou Jinny e sugeriu que, como fosse ainda um pouco cedo, dessem um pulinho à sua casa. Em Bergheim Jinny saltou do automóvel, parando sonhadamente sob o caramanchão de entrada. — Oh, que beleza! Que maravilha! — E pouco depois ela já parecia fazer parte da velha sala de visitas. Cleo, a gatinha preta, entrou arrogantemente pela sala. Jinny sorriu, sentou-se no solo e brincou com ela. Depois, tirou da bolsa uma pequenina gata de cristal, uma deusa do Nilo. — É a minha mascote. Meu pai deu-ma há muitos anos. Levo-a a todos os cantos... para que possa ver o mun-



— A casa é dela, — disse Cass.

do e se instruir. — E ali mesmo eles resolveram chamar o bibelô de Isis, e Jinny o colocou no tapete. Cleo deu três voltas em torno dele, fez uma parada brusca e derrubou-o com uma patada. — Agora já são amigos, — disse Jinny. Cass riu e beijou-a, sem objeções. Ele a levou à cozinha e anunciou: — Sra. Higbee, esta é a senhorita Marshland. A casa é dela.

Jinny sorriu, a sra. Higbee sorriu, Cleo produziu um som correspondente a um sorriso... corria tudo muitíssimo bem, pensou Cass. Mas logo lembrou-se de que a sra. Higbee também gostava de Chris, e que Chris deveria aparecer formidavelmente na festa de dali a pouco.



Cumprimentaram-se, já inimigas...

— Chris Grau estava entretida no arranjo de um ramalhete de peônias quando o juiz Cass Timberlane e Jinny Marshland chegaram ao clube Heather. Aos passos de Cass ela se virou e desfechou um sorriso que logo esfriou, quando viu com ele uma pequena desconhecida, muito alegre e muitíssimo bonita. Os dons oratórios do juiz não lhe permitiram mais que: — Chris... Sta. Grau! Sta. Marshland... hum... Jinny Marshland.

As duas mulheres se cumprimentaram com indistigável aversão... e Cass ficou bastante surpreso. Mas logo Chris dedicou-se inteiramente ao que se chama "fazer o sucesso da festa". Ela distribuiu os convidados pelas mesas convenientes, impediu que Curtiss Havock bebesse demais e os Fliegends de menos e obrigou Fred Nimbus a iniciar as danças... com Jinny. Assim Jinny



— Eu podia ter casado com você...

passou uma noite formidável e adorou Cass por isso... Cass, não Chris.

Cass ficou orgulhoso do debut de Jinny. Finalmente a festa foi ficando triste. Tracy Oleson se ofereceu para levar Jinny em casa, "poupando assim a viagem a Cass". Traíçoira como todas as mulheres amadas, Jinny aceitou: — Oh, muito agradecida, Tracy, — e saiu com ele. Cass ficou só com Chris. Ela falou: — Cass, será que você está apaixonado por essa garota, essa menina Jinny, na sua idade?

— Que pretende você com esse "na minha idade"? Sou o segundo juiz de Minnesota, em juventude.

— E provavelmente é o mais jovem octogenário. Você gosta de ler ao pé do fogo, gosta de jogar xadrez. — Ele não negou, mas respondeu assim: — Estou tremen-



Cass sentiu-se livre do passado...

damente apaixonado por ela. Você tem razão quando diz que eu prefiro o sossego. E eu não gosto mesmo de tomar parte em terremotos. Mas sou simplesmente um filho de Deus...

Ela suspirou e pensou em voz alta: — Se eu não tivesse sido tão escrupulosa já poderia estar casada com você há muitos anos, meu amigo. Logo depois de Blanche. Você me contou como ela o fez sofrer. E você é capaz de sofrer outra vez. Agora não venha me dizer que a sua Virginia nunca magoará ninguém! Sei que não faria isso... intencionalmente... Boa noite!

Cass não correu atrás dela, e quando chegou ao portão já ela havia partido no seu rápido automóvel. Cass ficou imóvel, frio, sentindo que estava livre do passado.



PARA SUA CASA DE CAMPO

APRESENTAMOS HOJE AOS NOSSOS LEITORES UM SUGESTIVO MODELO DE "LIVING-ROOM", PROPRIO PARA UMA CASA DE CAMPO. O MOBILIÁRIO É COMPOSTO DE POLTRONAS FORRADAS EM LINDO DAMASCO DE ALGODÃO, UMA PEQUENA MESINHA E ESTANTES LAQUEADAS DE CÔR BRANCA, AO FUNDO UMA AMPLA LAREIRA, AS PAREDES DEVERÃO SER BRANCAS. CORTINAS DO MESMO DAMASCO DAS POLTRONAS E UM TAPETE DE LÃ BEIGE COMPLETAM A DECORAÇÃO DO AMBIENTE.

Mobiliários — Tapeçarias — Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



66 - RUA DA CARIOCA, 67 - RIO



S
CIA. DE CIGARROS
Souza Cruz